Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes

Bruna Benazi Vieira

Conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil

Rio de Janeiro
2022

Bruna Benazi Vieira

Conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil

.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Biologia Vegetal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.ª Dra. Michaele Alvim Milward de Azevedo

Coorientadora: Prof.ª Dra. Odara Horta Boscolo

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC-A

V658 Vieira, Bruna Benazi.
Conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil / Bruna Benazi Vieira. – 2022.
159 f. : il.

Orientador: Michaele Alvim Milward de Azevedo.
Coorientadora: Odara Horta Boscolo.
Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

1. Etnobotância - Rio de Janeiro (Estado) - Teses. 2. Quilombolas - Rio de Janeiro (Estado) - Teses. 3. Plantas medicinais - Teses. 4. Plantas comestívies - Teses. I. Milward-de-Azevedo, Michaele Alvim. II. Boscolo, Odara Horta. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. IV. Título.

CDU 581.6

Patricia Bello Meijinhos CRB7/5217 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Bruna Benazi Vieira

Conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Biologia Humana e Experimental, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 04 de fevereiro de 2022.

Orientadores:

_____
Prof.ª Dra. Michaele Alvim Milward de Azevedo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

_____
Prof.ª Dra. Odara Horta Boscolo (Coorientadora)
Universidade Federal Fluminense

Banca Examinadora:

_____
Prof.ª Dra. Nina Cláudia Barboza da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Prof. Dr. Marcelo Neto Galvão
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Prof. Dr. Alexandre Ferreira Lopes
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos quilombolas da comunidade Boa Esperança, a minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ana e Moacyr, e à minha irmã, Paola, pelo privilégio de tê-los como família e por todo apoio, incentivo, compreensão e assistência ao longo da minha jornada acadêmica e em todos os âmbitos da minha vida.

Ao meu companheiro Lécio, agradeço imensamente por toda contribuição no desenvolvimento deste trabalho, pelo apoio emocional, por me impulsionar nos momentos conturbados e por fazer dos meus sonhos os seus.

Ao meu sogro, Lécio, pela sua disposição, carinho e generosidade em ajudar na locomoção até a comunidade Boa Esperança.

Aos meus amigos Ana Alice, Juliana, Laís, Larissa C., Larissa M., Júlia, Maurício, Gisella, Mariana e Lucas que sempre me apoiaram e encorajaram em cada etapa na minha vida.

À Izabela e à Natália que foram minhas principais e melhores companheiras ao longo do mestrado, pelas conversas e por trazerem leveza nos momentos mais adversos.

À Vera, secretária do PGBV, por ser tão dedicada e prestativa em todas as solicitações e por me tratar com tanto carinho mesmo com tantas demandas.

A minha orientadora, Michaele, por todo apoio que se iniciou na graduação e por ter sido tão fundamental no despertar do meu amor pela etnobotânica.

A minha coorientadora, Odara, por ter aceitado entrar neste trabalho e pelas considerações realizadas ao longo desta construção.

À revisora da dissertação, Helena Regina, por tanta sensibilidade e atenção, por ter disponibilizado seu tempo e pelas sugestões que contribuíram para a conclusão deste estudo.

Ao seu Celso, líder da comunidade Boa Esperança, por todo auxílio nas visitas, por ser tão atencioso e gentil. Agradeço pelo carinho que se iniciou quando o contactei pela primeira vez e pela melhor receptividade desde então. Agradeço imensamente a todos os participantes do estudo por terem sido inteiramente abertos e por todo acolhimento. Gratidão pelos infinitos saberes partilhados e por toda troca ao longo de conversas engrandecedoras.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – pelo apoio financeiro fornecido para o desenvolvimento deste estudo.

Fogo!

Queimaram Palmares

Surgiu Canudos

Fogo!

Queimaram Canudos

Surgiu Caldeirão

Fogo!

Queimaram Caldeirão

Surgiu Pau de Colher

Fogo!

Queimaram Pau de Colher

E queimarão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,

não queimarão a oralidade

Mesmo que queimem os símbolos,

não queimarão os significados

Mesmo que queimem os nossos corpos,

não queimarão a ancestralidade

Mestre quilombola, Antônio Bispo dos Santos

RESUMO

VIEIRA, Bruna Benazi. *Conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil* - Estado do Rio de Janeiro - RJ. 2022. 159 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Comunidades quilombolas apresentam um histórico na sabedoria ancestral associada aos recursos vegetais. Com o passar dos anos, algumas comunidades podem ter o seu modo de vida e o vínculo com as plantas afetados, ocasionando na erosão de antigas práticas. Estudos que registrem as informações sobre as plantas nessas comunidades podem contribuir para o conhecimento da biodiversidade e visibilidade dos elementos culturais locais. Em um primeiro momento (capítulo 1) este estudo teve como objetivo identificar e avaliar estudos etnobotânicos realizados em comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil. Posteriormente (capítulo 2), buscando contribuir com o conhecimento sobre essas comunidades na região, o estudo objetivou realizar um levantamento etnobotânico no quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro. Para a avaliação dos estudos etnobotânicos do Sudeste do Brasil foram seguidas as recomendações PRISMA através de uma revisão sistemática e meta-análise. Enquanto o levantamento de campo foi realizado através de entrevistas semiestruturadas com dez residentes do quilombo Boa Esperança, registrando as espécies de plantas e características associadas ao conhecimento tradicional. Através da revisão sistemática foram considerados 14 estudos que contemplavam 19 quilombos para a avaliação das características e da similaridade de plantas. Os estudos apresentaram dados e abordagens heterogêneas, com concordâncias apenas no levantamento de informações sobre gênero e idade dos entrevistados. Foram extraídos um total de 830 espécies vegetais abrangendo 131 famílias botânicas, sendo a mais representativa Fabaceae (n = 106). Os estudos apresentaram um expressivo número de plantas exclusivas nos quilombos em relação ao número total de espécies (n = 549, 66%). Foram encontrados três grupos significativamente diferentes entre os estudos, apresentando similaridades de plantas entre 15 - 35%. O baixo número de artigos etnobotânicos publicados em revistas científicas na região (n = 6) demonstra uma invisibilidade da cultura local relacionada ao conhecimento de plantas. No estudo realizado no Quilombo Boa Esperança, os interlocutores citaram 99 espécies pertencentes a 43 famílias botânicas, sendo Asteraceae a família mais recorrente (n = 9). A maior parte das plantas são medicinais (n = 61) e alimentícias (n = 56). As indicações de uso das plantas mais frequentes foram doenças do aparelho digestivo (n = 13), enquanto as doenças do sistema circulatório obtiveram maior consenso entre os participantes. *Alternanthera brasiliana*, *Cunila microcephala*, *Mentha spicata* e *Plectranthus barbatus* foram as espécies mais representativas em relação aos índices de uso, concordâncias e indicações. Foi relatado o desinteresse no uso das plantas pelos jovens e a redução do conhecimento sobre as plantas na comunidade. Os conflitos territoriais e extensas lutas pelos direitos no quilombo parecem contribuir para o menor uso das plantas e reprodução do conhecimento tradicional. Em síntese, os resultados encontrados em ambas as abordagens demonstram que a socialização do conhecimento tradicional não documentado é importante para que os saberes locais não se percam ao longo dos anos. Este estudo fornece uma caracterização dos estudos etnobotânicos já existentes no Sudeste do Brasil e contribui com a documentação do conhecimento botânico quilombola e do patrimônio genético vegetal da região.

Palavras-chave: Conhecimento local. Etnobotânica. Quilombo. Uso de plantas.

ABSTRACT

VIEIRA, Bruna Benazi. *Ethnobotanical knowledge of quilombola communities in Southeast Brazil* - Estado do Rio de Janeiro - RJ. 2022. 159 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Quilombola communities have a history of ancestral wisdom associated with plant resources. Over the years, some communities may have their way of life and the link with plants affected, causing the erosion of old practices. Studies that record information about plants in these communities can contribute to the knowledge of biodiversity and visibility of local cultural elements. At first (chapter 1) this study aimed to identify and evaluate ethnobotanical studies carried out in quilombola communities in Southeastern Brazil. Subsequently (chapter 2), seeking to contribute to knowledge about these communities in the region, the study aimed to carry out an ethnobotanical survey in the Boa Esperança quilombo, Areal, Rio de Janeiro. For the evaluation of ethnobotanical studies in Southeastern Brazil, the PRISMA recommendations were followed through a systematic review and meta-analysis. While the field survey was carried out through semi-structured interviews with ten Boa Esperança quilombo's resident, recording the plant species and characteristics associated with traditional knowledge. Through the systematic review, 14 studies that included 19 quilombos were considered to evaluate the characteristics and similarity of plants. The studies presented heterogeneous data and approaches, with concordance only in the survey of information on the gender and age of respondents. A total of 830 plant species were extracted, covering 131 botanical families, the most representative being Fabaceae (n = 106). The studies presented an expressive number of exclusive plants in the quilombos in relation to the total number of species (n = 549, 66%). Three significantly different groups were found on the studies, with plant similarities between 15 - 35%. The low number of ethnobotanical articles published in scientific journals in the region (n = 6) demonstrates an invisibility of local culture related to knowledge of plants. In the study carried out in Quilombo Boa Esperança, the interlocutors mentioned 99 species belonging to 43 botanical families, with Asteraceae being the most recurrent family (n = 9). Most plants are medicinal (n = 61) and food (n = 56). The most frequent indications for the use of plants were digestive system's diseases (n = 13), while the circulatory system's diseases had greater consensus among participants. *Alternanthera brasiliana*, *Cunila microcephala*, *Mentha spicata* and *Plectranthus barbatus* were the most representative species in terms of use, agreement and indication rates. The lack of interest in the use of plants by young people and the reduction of knowledge about the plants in the community was reported. Territorial conflicts and extensive struggles for rights in the quilombo seem to contribute to the reduced use of plants and the reproduction of traditional knowledge. In summary, the results found in both approaches demonstrate that the socialization of undocumented traditional knowledge is important so that local knowledge does not become lost over the years. This study provides a characterization of existing ethnobotanical studies in Southeastern Brazil and contributes to documenting the quilombola botanical knowledge and plant genetic heritage of the region.

Keywords: Local knowledge. Ethnobotany. Quilombo. Plants use.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
CDRU	Concessão de Direito Real de Uso
DOU	Diário Oficial da União
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
DP	Declaração de Propriedade
AGEVAP	Associação Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
Coep	Comissão de Ética em Pesquisa
SISGEN	Sistema Nacional de Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
HCTR	Herbário do Campus Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
HB	Herbário da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Resultados nas bases de dados de estudos etnobiológicos sobre conhecimento de plantas em quilombos da região Sudeste do Brasil. 25

Figura 1 – Fluxograma resumindo a seleção de estudos etnobiológicos da região Sudeste do Brasil. 27

Figura 2 – Localização geográfica dos quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos na região Sudeste do Brasil. 28

Tabela 2 – Quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil... 30

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste. 35

Quadro 1 - Presença de informações de espécies, dados socioeconômicos e análises estatísticas nos dez estudos dos quilombos do Sudeste do Brasil. 40

Figura 3 – Famílias botânicas mais representativas em estudos etnobotânicos nos quilombos do Sudeste do Brasil. 43

Figura 4 – Análise de agrupamento e Diagrama de Ordenação Multidimensional não métrico das espécies de plantas citadas nos estudos baseados na matriz de similaridade utilizando o índice de Jaccard (presença/ausência). Os números representam o total de estudos (12). As linhas pretas e pontos cinzas do agrupamento indicam relações significativamente diferentes, enquanto as linhas e pontos verdes indicam as relações sem diferenças significativas detectadas. 44

Figura 5 – Localização geográfica do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 56

Figura 6 – Planta contendo a área atual e área proposta para o território do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 57

Figura 7 – Primeiro registro documentado sobre o território Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil 58

Figura 8 – Escola inserida no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 59

Figura 9 – Canavial presente no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil..... 60

Figura 10 – Líder comunitário realizando a fabricação de melaço e rapadura no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 61

Figura 11 – Quintais com plantas utilizadas pelos moradores do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil 61

Tabela 4 - Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11). 63

Figura 12 – Dados demográficos dos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil 68

Figura 13 – Espécies que ocorrem no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 69

Figura 14 – Famílias botânicas mais representativas encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil 70

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 71

Figura 15 – Partes utilizadas e formas de preparos das espécies citadas pelos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 92

Figura 16 – Frequência de citação de plantas medicinais utilizadas no tratamento de sistemas corporais, classificada de acordo com CID-11, pelos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 93

Tabela 6 – Número de citações de espécies, indicações e Fator de Consenso do Informante das plantas medicinais mencionadas pelos moradores do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 94

Tabela 7 - Espécies com os maiores valores de forma concomitante de Valor de Uso (VU), Nível de Fidelidade (NF), Popularidade Relativa (PR), Ordenamento de Prioridade (ROP), Frequência de Citação (FC) e Frequência de Citação Relativa (FCR)..... 96

Quadro 2 – Espécies de plantas pertencentes aos estudos etnobotânicos realizados em Quilombos da região Sudeste incluídos na meta-análise. 123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL 14

1 **ETNOBOTÂNICA EM QUILOMBOS DO SUDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE** 18

1.1 **Introdução** 18

1.2 **Objetivos** 21

1.2.1 Objetivo geral 21

1.2.2 Objetivos específicos 21

1.3 **Material e métodos** 22

1.3.1 Seleção nas bases de dados 22

1.3.2 Critérios de inclusão e exclusão 23

1.3.3 Processamento dos dados 23

1.3.4 Meta-análise 23

1.4 **Resultados** 25

1.4.1 Seleção dos estudos 25

1.4.2 Caracterização dos quilombos 27

1.4.3 Caracterização e análise qualitativa dos estudos 34

1.4.4 Ocorrência de plantas nos quilombos 42

1.4.5 Similaridade de plantas entre os Quilombos 44

1.5 **Discussão** 46

1.5.1 Seleção dos estudos 46

1.5.2 Caracterização dos quilombos 46

1.5.3 Caracterização e análise qualitativa dos estudos 48

1.5.4 Ocorrência de plantas nos quilombos 49

1.5.5 Similaridade de plantas entre os Quilombos 50

2 **PLANTAS UTILIZADAS PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA, RIO DE JANEIRO, BRASIL: ASPECTOS DO CONHECIMENTO POPULAR** 52

2.1 **Introdução** 52

2.2 **Objetivos** 55

2.2.1 Objetivo Geral 55

2.2.2 Objetivos específicos 55

2.3 **Material e métodos** 56

2.3.1 Área de Estudo 56

2.3.2 Caracterização do Quilombo Boa Esperança 57

2.3.3 Aspectos Éticos 62

2.3.4 Coleta de Dados 62

2.3.5 Análises dos dados 64

2.3.5.1 Valor de uso (VU) 64

2.3.5.2 Fator de Consenso do Informante (FCI) 65

2.3.5.3 Concordância de Uso Principal (CUP) 65

2.3.5.4 Nível de Fidelidade (NF) 65

2.3.5.5 Popularidade Relativa (PR) e Ordenamento de Prioridade (ROP) 66

2.3.5.6 Frequência de Citação (FC) e Frequência de Citação Relativa (FCR) 66

2.3.6 Retorno do Estudo 67

2.4 **Resultados** 68

2.4.1 Diversidade e uso de plantas 69

2.4.2 Parte usada e modo de preparo 92

2.4.3 Indicações / CID-11 92

2.4.4 Consenso das plantas 95

2.4.5 Relação entre os quilombolas e as plantas 97

2.5 **Discussão** 101

2.5.1 Diversidade e uso de plantas 101

2.5.2 Parte usada e modo de preparo 102

2.5.3 Indicações / CID-11 102

2.5.4 Consenso das plantas 103

2.5.5 Relação entre os quilombolas e as plantas 105

2.6 **Conclusão geral** 106

REFERÊNCIAS 107

APÊNDICE A – Espécies vegetais dos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil 123

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado para a realização do estudo no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 156

APÊNDICE C – Questionário efetuado ao Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil. 159

INTRODUÇÃO GERAL

A etnobotânica é definida como o estudo das inter-relações entre os seres humanos e as plantas (FORD, 1978), compreendendo uma análise interativa entre o simbólico, cultural e o natural (ALBUQUERQUE, 2005). Esta ciência objetiva acessar e compreender as distintas interações dos humanos com os grupos vegetais (AMOROZO, 2004), incluindo as percepções e explicações sobre a paisagem e a geomorfologia e sobre a relação entre os diferentes seres vivos com o ambiente físico (ALBUQUERQUE; ALVES, 2014).

O reconhecimento e avaliação de culturas em relação ao gerenciamento dos seus recursos ambientais devem ser realizadas por disciplinas do âmbito etnológico, possibilitando a compreensão da trajetória da construção, dinamismo, manutenção e desaparecimento das práticas tradicionais (LEFF, 2002). Segundo Albuquerque (2005), a etnobotânica é uma subárea da etnobiologia e essa ciência não se restringe ao campo do "conhecimento", mas desempenha uma função substancial que transcende o planejamento e execução da pesquisa (ALBUQUERQUE; ALVES, 2016). O caráter integrador da etnobotânica contribui na análise e sistematização das técnicas e métodos da gestão dos recursos vegetais e criação de estratégias conservacionistas (ROCHA, 2014), além de abranger ações associadas à educação, políticas públicas, direitos de propriedade e estímulo ao etnodesenvolvimento (ALBUQUERQUE; ALVES, 2016). Desta forma, viabilizar informações e inventariar os saberes, usos e técnicas das comunidades tradicionais são essenciais, por representarem importantes detentores do conhecimento sobre a diversidade biológica (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

A comunidade quilombola é o foco da pesquisa visto que algumas comunidades possuem um histórico da construção identitária que abrange a interação com as plantas (RAPPAPORT, 1999). Os quilombolas são grupos reconhecidos como comunidades tradicionais, de acordo com o Decreto Federal n°6.040/2007 da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Povos e Comunidades Tradicionais:

> "Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição." [...] "Territórios Tradicionais são os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente

> ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas”

Esses grupos foram formados por meio de uma multiplicidade de processos, envolvendo fugas dos negros escravizados ocupando territórios livres, em sua maioria locais isolados, assim como heranças, doações, recebimento de terras das propriedades onde eram obrigados a viver, e a incomum compra de terra durante o período escravista e após a sua abolição (SCHMITT et al., 2002). A primeira menção legal acerca dos quilombolas ocorreu em 1722 no Regimento dos Capitães-do-Mato de Dom Lourenço de Almeida, expondo a repressão diante da criação das comunidades (BARRETO; FERRAZ, 2020):

> “[§3] Pellos negros que forem prezos em quilombos formados distantes de povoaçaõ onde estejaõ aSima de quatro negros, com Ranchos piloens, e modo de aly se conservarem, haveram por cada negro destes vinte outavas de ouro.”

O termo “quilombo” possui origem nas palavras “kilombo” (língua Quimbundo) e "ochilombo" (língua Umbundo), ambas línguas faladas ainda hoje pelos povos Bantus, que vivem na Angola. A origem de termos do continente africano se justifica pelo fato de que aproximadamente, 15 milhões de africanos foram retirados brutalmente de suas terras durante o período escravista nas Américas (MELO; BRAGA, 2014). O Brasil, por sua vez, persistiu com a escravização mesmo após a abolição no restante da América e possui a deplorável liderança na importação de escravizados da África (GRAHAM, 2002). De acordo com Andrews (2000), mais de 40% de africanos arrancados de suas vidas foram destinados exclusivamente para o Brasil. Apesar desses dados registrados, ainda é necessário considerar a subcontagem dos números levando em conta o constante apagamento histórico referente aos negros escravizados.

Durante a colonização tais comunidades simbolizavam a quebra do brutal regime ideológico, social, econômico e político que imperava no período e a radicalização da resistência negra (SOUZA, 2008). Barreto e Ferraz (2020) apontam que a origem dos quilombos se dá por meio da “insurgência radical negra à desumanização violenta de suas existências”. Constituindo, assim, uma ferramenta que ordena a expressão político-representativa a uma Constituição (ANDRADE, 1997). Essas expressões plurais dos quilombos aliados às pressões internacionais, como o tratado internacional de 22 de janeiro de 1815[1], contribuíram imensamente para o agravamento da crise do modelo produtivo escravista, implicando nos movimentos abolicionistas e na inevitabilidade de uma nova ordem social (CLÓVIS MOURA, 1987; BNDigital, 2021). Todavia, mesmo após a abolição legal do sistema escravista no Brasil em 1888, os quilombos não estavam presentes na legislação e

continuaram sendo silenciados por pertencerem a espaços não hegemônicos no país (SOUZA, 2008).

Em 1891, conforme a primeira constituição republicana, todos os analfabetos (majoritariamente constituído por negros que eram impedidos de acessar à educação) foram proibidos de votar, além de serem censurados de falar suas respectivas línguas nativas, realizar prática de cultos, festejar e lidar com criminalização de todas as simbologias e significações de suas formas de vida (DOS SANTOS, 2015). A inexistência dos quilombos na Constituição perdurou por um século, e somente na Constituição Federal de 1988, as comunidades quilombolas foram contempladas apenas no reconhecimento do direito à titulação de suas terras (BRASIL, 1988). Apesar disso, o reflexo social discriminatório sobre a população quilombola subsiste e reforça a utópica democratização de acesso aos seus direitos.

O pertencimento dos quilombolas a uma terra é imprescindível diante da sua manifestação da identidade étnica e territorialidade, fatores que se retroalimentam e constroem tradições, saberes e simbologias intrínsecas aos povos locais (LEITE, 1996). Tais saberes se reproduzem em diversas práticas e crenças, como por exemplo na utilização de recursos ambientais. Alguns quilombos utilizam os recursos ambientais ofertados na localidade e, por meio desse contato, desenvolveram sistemas de conhecimento associados às plantas que utilizam em seu cotidiano (GUERRÓN MONTERO, 2017). No Brasil, o domínio Mata Atlântica abrange muitas comunidades tradicionais que habitam o mesmo local há centenas de anos, como os quilombolas (CONDE et al., 2017). Portanto, para contribuir na documentação do conhecimento etnobotânico nos quilombos do país, esta dissertação realiza o estudo da Etnobotânica em quilombos da região Sudeste, especificamente documentando os estudos realizados na região e trazendo novas informações sobre o uso de espécies vegetais na comunidade Quilombola Boa Esperança, situada no estado do Rio de Janeiro.

Assim, o Capítulo I, intitulado “Etnobotânica em quilombos do Sudeste do Brasil: uma revisão sistemática e meta-análise”, aborda a caracterização dos estudos, listagem das plantas e consenso entre as espécies mencionadas em todos os quilombos estudados na região Sudeste do Brasil. Devido a carência de estudos etnobotânicos em quilombos da região Sudeste aprofundamos o trabalho com a realização da pesquisa de campo. O segundo capítulo nomeado “Plantas utilizadas pela comunidade Quilombola Boa Esperança, Rio de Janeiro, Brasil: Aspectos do conhecimento popular” traz dados inéditos de uma comunidade estabelecida no estado do Rio de Janeiro. Nesta seção buscamos registrar as espécies utilizadas pelos quilombolas e informações preliminares coletadas na comunidade. Com o

desenvolvimento da pesquisa foram analisadas as espécies citadas pelos interlocutores e a sua diversidade, indicações e consenso de uso.

A partir da exposição desta pesquisa pretendemos contribuir na identificação dos estudos etnobotânicos na região Sudeste do Brasil compilando seus dados, além de fomentar o reconhecimento de uma comunidade ainda não estudada na região. A avaliação do trabalho pode promover a identificação de lacunas ao averiguar a existência de trabalhos de etnobotânica em quilombos na literatura científica da região Sudeste.

1 ETNOBOTÂNICA EM QUILOMBOS DO SUDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE

1.1 Introdução

Uma parcela das comunidades tradicionais, representam populações que vivem em estreita relação com o meio ambiente, dependente de seus recursos ambientais para reprodução sociocultural, através de práticas de manejo sustentável (DIEGUES, 1994; DIEGUES, ARRUDA, 2000). Dentre as categorias estabelecidas por Diegues et al. (2000), evidenciam-se as comunidades remanescentes de quilombos. Denominados como descendentes de negros escravizados que sobrevivem em enclaves comunitários e, ainda que existam desde o período escravista, os quilombolas estabelecem uma constante luta pela terra, que em sua grande parcela, não são reconhecidas e possuem uma limitada visibilidade social (DIEGUES et al., 2000).

Os escravizados, para além da desumanização, foram afetados pelas mudanças culturais uma vez que sofreram uma imposição brusca de uma nova cultura, língua e religião. Recém-chegados de outros países para um novo território, os povos escravizados se aproximaram das plantas locais e adequaram suas sabedorias de usos terapêuticos e as propriedades mágicas dos recursos vegetais (LIMA, 2003). Sendo assim, o uso frequente de uma planta como um componente essencial no cotidiano proporciona o bem-estar e contribui na identidade cultural dos quilombos (RAPPAPORT, 1999). Essas interações entre quilombolas e as plantas são retratadas em estudos etnobotânicos que apresentam as contribuições no conhecimento das plantas através de suas práticas medicinais e ritualísticas (BELTRESCHI; DE LIMA; DA CRUZ, 2019; CONDE et al., 2017).

De acordo com a Fundação Cultural Palmares (2020), o Brasil possui 3.386 territórios quilombolas certificados, entretanto a Coordenação Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas considera que o país possui acima de 4.000 comunidades que podem ser consideradas quilombos (CONAQ, 2020). Em algumas localidades, os moradores dessas comunidades vivem de atividades relacionadas à agricultura familiar, artesanato, coleta e pesca, variando de acordo com a região onde moram (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Dessa forma, determinadas comunidades obtêm sua fonte primária por meio dos recursos

provenientes do meio em que vivem, manifestando o conhecimento botânico tradicional sobre eles em seu cotidiano (SILVA et al., 2006).

Os quilombos compartilham diferentes atributos que direcionam a organização e reprodução social de sua cultura (PASA et al., 2019). Apesar de sua relevância em relação à biodiversidade, o país carece de estudos sobre o conhecimento do uso dos recursos ambientais em comunidades quilombolas (CONDE et al., 2017). Este conhecimento tradicional, por muitas vezes, possui relevância na conservação da biodiversidade e proteção dos serviços ecossistêmicos (SHACKEROFF; CAMPBELL, 2007). Entretanto, estudos manifestam a preocupação diante da possível erosão dos saberes com a modernização das sociedades (ZAMBRANA et al., 2017), o que já vem sendo demonstrado de forma crescente em pesquisas, como demonstrado por Benz et al. (2000), Turner e Turner (2008) e Zambrana et al. (2017).

Diferentes trabalhos vêm documentando as informações provenientes de artigos etnobotânicos de revisão sistemática já existentes, podendo-se destacar, Jacob et al. (2020), em escala regional; Oliveira et al. (2009) e Torres-Avilez (2016), como nacionais; e Cámara-Leret et al. (2014) e Pasa et al. (2019), como internacionais. Os trabalhos apresentam abordagens descritivas, revisões sistemáticas e meta-análises, como pode ser visualizado em Agra et al. (2008), Medeiros, Ladio e Albuquerque (2013) e Torres-Avilez (2016). Estes métodos são essenciais para a síntese das informações, visto que muitas espécies documentadas e que já foram testadas em relação à eficácia, possuem informações fragmentadas em estudos de diferentes áreas (OBAKIRO et al., 2020). Apesar da progressão dos estudos etnobotânicos no Brasil e a sistematização do conhecimento associado aos recursos ambientais em diferentes localidades, o mapeamento da distribuição desses estudos e suas informações se restringem a poucas pesquisas (LIPORACCI et al., 2017).

O Brasil possui 2.838 territórios quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares (FCP, 2022). A região Sudeste apresenta o segundo mair número de quilombos, com 460 territórios estabelecidos em seu território, seguidas pelas regiões Norte (300), Sul (188) e Centro-oeste (152) e ficando atrás apenas do Nordeste que abrange 1.738 comunidades. Apesar do destaque, existem poucos trabalhos publicados em revistas científicas na região Sudeste sobre o uso dos recursos vegetais nessas comunidades, sendo eles: Crepaldi e Peixoto (2010), Ferreira, Lourenço e Baliza (2014), Mota et al. (2015), Conde et al. (2017), Yazbek (2019) e Sauini (2020). A fusão entre o conhecimento popular e o científico estimula a preservação dos valores das comunidades, introduzindo informações do conhecimento local na comunidade científica (MEDEIROS, 2003).

Neste contexto, torna-se essencial compreender o que vem sendo estudado nas comunidades ainda pouco conhecidas da região Sudeste e, sobretudo, refletir os rumos da etnobotânica em comunidades quilombolas do Brasil. Esta revisão, portanto, realiza a compilação de dados provenientes de estudos de etnobotânica e gera conhecimento sobre a atual situação, além de promover futuras oportunidades de pesquisas.

1.2 **Objetivos**

1.2.1 Objetivo geral

O estudo tem como objetivo identificar pesquisas etnobotânicas sobre conhecimento de plantas em quilombos da região Sudeste do Brasil, avaliando o conjunto de dados registrados e informações associadas as espécies vegetais. E assim, traçar um delineamento sobre os recursos vegetais associados ao conhecimento tradicional em escala regional.

1.2.2 Objetivos específicos

1. Produzir uma base de dados através das informações presentes nos estudos (ano de publicação, categoria do trabalho, dados socioeconômicos e informações das espécies vegetais);
2. Comparar as análises empregadas nos estudos, bem como os métodos e objetivos propostos;
3. Atualizar a nomenclatura botânica a fim de corrigir as mudanças de táxons das listagens de espécies dos estudos;
4. Avaliar a similaridade de espécies e famílias botânicas entre as comunidades estudadas.

1.3 **Material e métodos**

Foram realizadas as etapas de meta-análises proposta por Cooper (2015): 1. seleção das fontes de informação; 2. avaliação das informações (critérios de inclusão e exclusão); 3. análise e integração dos resultados dos estudos (um tipo de meta-análise). Além disso, utilizamos as recomendações do PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) para aprimorar a clareza das etapas de condução da revisão sistemática (MOHER et al., 2009).

1.3.1 Seleção nas bases de dados

Para identificar os estudos de etnobiologia nos quilombos do Sudeste do Brasil, foi realizada uma busca entre julho de 2020 e outubro de 2021 de estudos publicados no período de 1993 a 2021. As bases de dados consultadas foram: Google acadêmico (http://scholar.google.com.br), Science Direct (http://www.sciencedirect.com), Periódicos Capes (http://periodicos.capes.gov.br), Scopus (http://www.scopus.com), Web of Science (http://apps.webofknowledge.com/) e Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES).

A busca dos trabalhos foi efetuada utilizando códigos em inglês e português: 1. ((Ethnobotany OR ethnobotanical OR ethnobiology) AND traditional knowledge AND use plant AND (quilombo* OR maroon community) AND Brazil AND southeast); 2. ((Etnobotânica OR Etnobiologia) AND conhecimento tradicional AND uso de plantas AND (quilombo AND Brasil AND Sudeste)). Para a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações foi utilizado o seguinte código: “Etnobotânica, uso de plantas, quilombo, quilombolas, Brasil, Sudeste”. Foram utilizados filtros para selecionar Grande Área, Área de Conhecimento e Área de Concentração, eliminando estudos que contemplem áreas que desenvolvam pesquisas de etnobotânica (ex: Ciências Exatas, Linguística, Letras e Artes, Genética, Anatomia, Biologia Molecular e outras). A fim de evitar exclusões de estudos elegíveis, foi realizada uma busca aberta com as palavras “Etnobotânica, Brasil, quilombo*” em todas as bases de dados. Foi introduzida a busca de trabalhos em referências bibliográficas dos estudos analisados. A busca ativa do currículo dos autores das teses e dissertações foi realizada através da plataforma

lattes, com o objetivo de identificar a existência de publicações de artigos dos estudos encontrados.

1.3.2 Critérios de inclusão e exclusão

A seleção e triagem foi realizada por meio da análise de todo o conteúdo de estudos de etnobotânica em quilombos. Foram selecionados estudos apresentando os seguintes critérios de elegibilidade: artigos originais publicados (inglês e português), além de teses e dissertações com levantamento etnobotânico em comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil. Estudos que não apresentaram listagem de espécies foram excluídos. Livros, resumos publicados em eventos científicos, teses e dissertações publicadas em revistas não foram considerados, assim como estudos que se limitavam a uma espécie ou uma categoria de doença. Os trabalhos que apresentavam listagem de espécies de quilombos associados a outras comunidades tradicionais (sem dissociar as espécies de cada grupo) não foram considerados para evitar o enviesamento dos dados ao incluir comunidades que não sejam quilombos.

1.3.3 Processamento dos dados

Foi realizada uma síntese das características de cada estudo, incluindo as informações disponíveis sobre as espécies, dados socioeconômicos, análises de dados, objetivos e metodologias adotadas. As informações referentes à caracterização das comunidades quilombolas estudadas (certificação, número de moradores e tamanho da área) foram adicionadas de acordo com os dados fornecidos pelo INCRA (2018, 2019) e Fundação Cultural Palmares (2021). Os estudos foram classificados por categoria de pesquisa (artigo científico, tese, dissertação).

1.3.4 Meta-análise

Com o objetivo de identificar a similaridade de espécies entre os quilombos, foram considerados para a meta-análise os estudos com a identificação superior a 75% dos táxons, conforme a metodologia adaptada de Medeiros, Ladio e Albuquerque (2013). Nesta etapa, baseada nas listagens de plantas utilizadas nos estudos, foram analisadas as famílias mais representativas e a frequência de ocorrência das espécies vegetais mencionadas.

Foram utilizadas análises multivariadas para avaliar as relações de similaridade entre as espécies de plantas citadas nos estudos através da análise hierárquica de agrupamento (CLUSTER), combinada a uma escala multidimensional não métrica (n-MDS). O teste de perfil de similaridade (SIMPROF) foi utilizado para identificar a consistência e significância entre os grupos do cluster. As análises foram baseadas em uma matriz de similaridade de Jaccard (presença/ausência) e realizadas com o uso do pacote estatístico PRIMER versão 6.0 (ANDERSON et al., 2008).

1.4 **Resultados**

1.4.1 Seleção dos estudos

Foram encontrados 6.897 resultados de buscas nas bases de dados Google Acadêmico, Periódico Capes, Web of Science e Scopus. Dentre estes, foram identificados o total de 85 estudos que abordam a relação das populações quilombolas com as plantas no Sudeste no Brasil em todas as bases de dados (Tabela 1).

Tabela 1 – Resultados nas bases de dados de estudos etnobiológicos sobre conhecimento de plantas em quilombos da região Sudeste do Brasil (Continua).

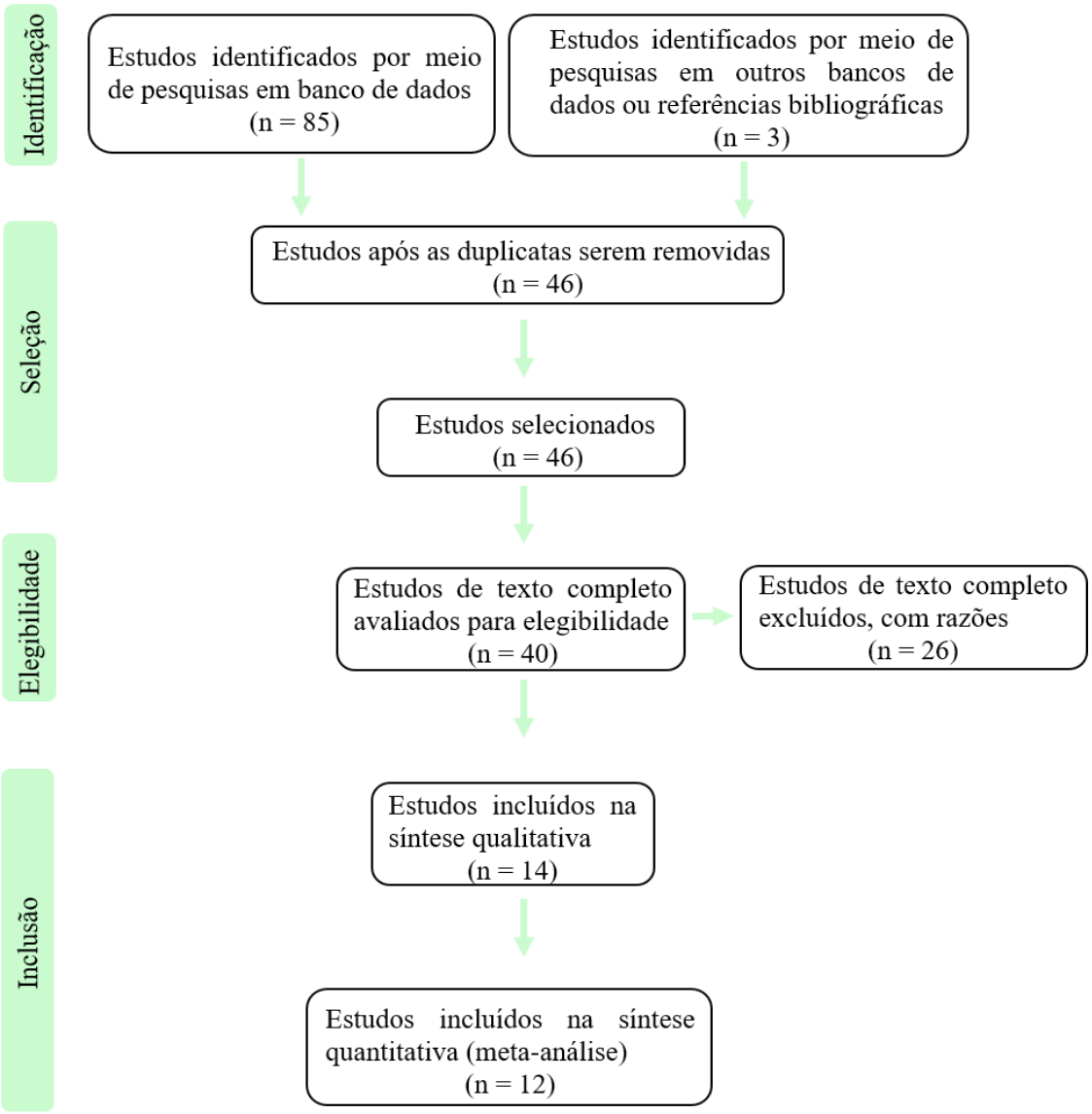
Código	**Plataforma de Busca**	**Resultados de busca**	**Estudos selecionados**	**Estudos incluídos**
((Ethnobotany OR ethnobotanical OR ethnobiology) AND traditional knowledge AND use plant AND (quilombo* OR maroon community) AND Brazil AND southeast)	Google Acadêmico	835	18	7
	Periódico capes	21	4	2
	Web of Science	1	1	1
	Scopus	1	1	1

Tabela 1 – Resultados nas bases de dados de estudos etnobiológicos sobre conhecimento de plantas em quilombos da região Sudeste do Brasil (Conclusão).

((Etnobotânica OR Etnobiologia) AND conhecimento tradicional AND uso de plantas AND (quilombo AND Brasil AND Sudeste)).	Google Acadêmico	1.090	21	6
	Periódico capes	5	1	1
	Web of Science	0	0	0
	Scopus	0	0	0
Ethnobotany, Brazil, quilombo*	Google acadêmico	1.630	6	4
	Periódico capes	33	4	2
	Web of Science	21	7	5
	Scopus	20	3	3
Etnobotânica, Brasil, quilombo*	Google acadêmico	3.160	17	7
	Periódico capes	80	2	2
	Web of Science	0	0	0
	Scopus	0	0	0

Após a exclusão de duplicatas (n = 39), foram selecionados 46 estudos, sendo considerados 26 elegíveis. O total de 14 estudos foram incluídos para a revisão sistemática. Destes, dois estudos não possuíam a identificação de espécies acima de 75%, sendo assim, 12 estudos foram considerados para a meta-análise (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma resumindo a seleção de estudos etnobiológicos da região Sudeste do Brasil.



Legenda: Formato proposto por MOHER et al. (2009).

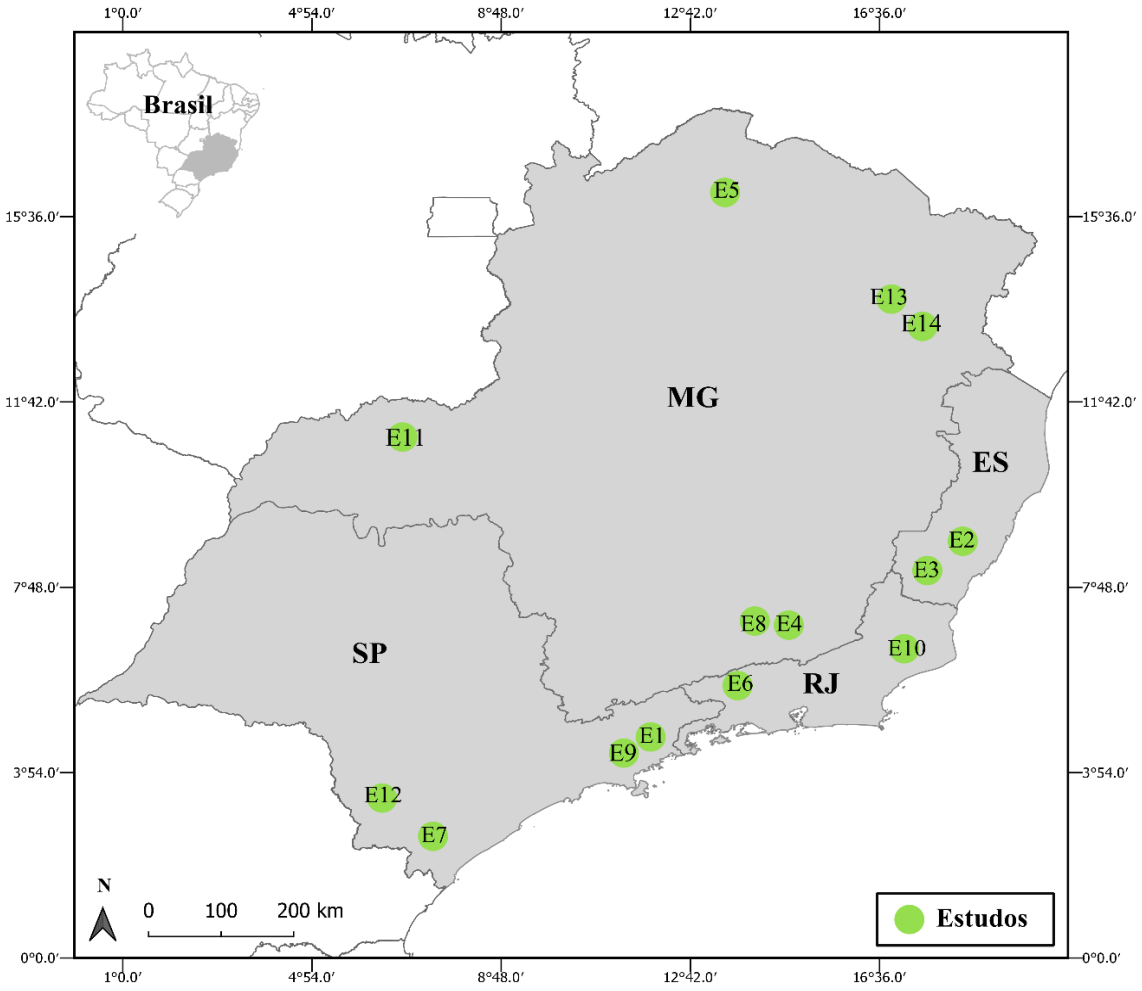
Fonte: A autora, 2022.

1.4.2 Caracterização dos quilombos

Os trabalhos levantados foram realizados em 19 quilombos do Sudeste do Brasil, sendo eles: Quilombo do Cambury (E1; Ubatuba, São Paulo), Comunidade Praia Grande (E7; Iporanga, São Paulo), Quilombo da Fazenda (E9; Ubatuba, São Paulo), Sapatu, São Pedro e

Pedro Cubas (E12; Eldorado Paulista, São Paulo), Quilombo Retiro (E2; Santa Leopoldina, Espírito Santo), Quilombo Cachoeiro de Itapemirim (E3; Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo), Quilombo Carreiros (E4; Mercês, Minas Gerais), Quilombo Palmeirinha (E5; Maria de Pedras da Cruz, Minas Gerais), Quilombo São Bento e Quilombo São Sebastião da Boa Vista (E8; Santos Dumont, Minas Gerais), Pontinha de Paraopeba (E11; Paraopeba, Minas Gerais), Quilombola do Veloso (E13; Pitangui, Minas Gerais), Quilombo, Santiago e São Pedro do Alagadiço (E14; Minas Novas, Minas Gerais), Quilombo São José da Serra (E6; Valença, Rio de Janeiro) e Quilombo de Machadinha (E10; Quissamã, Rio de Janeiro) (Figura 2). As comunidades quilombolas estudadas representam apenas cerca de 3,6% dos quilombos inseridos na região Sudeste. Dentre essas comunidades, 17 são pertencentes ao domínio Mata Atlântica e apenas os quilombos Palmeirinha e Veloso situam-se em um local de transição entre os domínios Cerrado e Caatinga.

Figura 2 – Localização geográfica dos quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos na região Sudeste do Brasil.



Fonte: A autora, 2022

Em relação à titulação pelo INCRA, os quilombos avaliados não apresentaram a aquisição do título de suas propriedades. Dentre as comunidades estudadas, nove apresentaram a abertura do procedimento, na qual não há registro da etapa atual e duas não possuem informações referentes à titulação. Além destas, quatro quilombos possuem a publicação na Portaria de Reconhecimento no Diário Oficial da União, dois quilombos possuem o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), uma comunidade dispõe da Concessão de Direito Real de Uso (CDRU), (INCRA, 2018; Fundação Cultural Palmares, 2021). No que se refere à certificação dos territórios pela Fundação Cultural Palmares, 18 são certificados e apenas a comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista não possui certificação (Tabela 2).

Tabela 2 – Quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil (Continua).

Estudo	Comunidade	Titulação INCRA	Certificação Fundação Palmares	Área/ha	Número de famílias
1	Quilombo do Cambury (Ubatuba, São Paulo)	Em processo - RTID	Certificada em 2006	1.007,5542	39
2	Quilombo Retiro (Santa Leopoldina, Espírito Santo)	Em processo - (Portaria no DOU)	Certificada em 2005	5195160	77
3	Quilombo Cachoeiro de Itapemirim (Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo)	Em processo (Portaria no DOU)	Certificada em 2005	1.095,7494	102

Legenda: N.I = Não informado

Tabela 2 – Quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil (Continuação).

4	Quilombo Carreiros (Mercês, Minas Gerais)	Ausente	Certificada em 2015	3.5280	16
5	Quilombo Palmeirinha (Maria de Pedras da Cruz, Minas Gerais)	Processo aberto	Certificada em 2011	N.I	1.000 (habitantes)
6	Quilombo São José da Serra (Valença, Rio de Janeiro)	Em processo - CDRU	Certificada em 2006	4763008	31
7	Comunidade Praia Grande (Iporanga, São Paulo)	Em processo - RTID	Certificado em 2007	1.569,5843	17

Legenda: N.I = Não informado

Tabela 2 – Quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil (Continuação).

	Quilombo São Bento (Santos Dumont, Minas Gerais)	Processo aberto	Certificado em 2009	8000	36
8	Quilombo São Sebastião Da Boa Vista (Santos Dumont, Minas Gerais)	Ausente	Ausente	130	20
9	Quilombo da Fazenda (Ubatuba, São Paulo)	Processo aberto	Certificado em 2006	5208	170 (habitantes)
10	Quilombo de Machadinha (Quissamã, Rio de Janeiro)	Processo aberto	Certificado em 2006	66.000	69

Legenda: N.I = Não informado

Tabela 2 – Quilombos encontrados nos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil (Conclusão).

11	Quilombo Pontinha de Paraopeba	Processo aberto em 2004	Certificado em 2005	200	240
12	Quilombo Sapatu (Eldorado, São Paulo)	Processo aberto em 2004	Certificada em 2005	N.I	75
	Quilombo São Pedro (Eldorado, São Paulo)	Em processo (Portaria no DOU)	Certificada em 2005	4.686,9803	39
	Pedro Cubas (Eldorado, São Paulo)	Em processo (Portaria no DOU)	Certificado em 2007	3.795,6701	51
13	Quilombo Veloso	Processo aberto em 2010	Certificado em 2010	N.I	72
14	Quilombo	Processo aberto em 2005	Certificado em 2005	N.I	N.I
	Quilombo Santiago	Processo aberto em 2005	Certificado em 2005	N.I	N.I
	Quilombo São Pedro do Alagadiço	Processo aberto em 2005	Certificado em 2005	N.I	N.I

Legenda: N.I = Não informado

1.4.3 Caracterização e análise qualitativa dos estudos

O tamanho das amostras de entrevistas apresentou a média de 14 participantes, variando entre três a 44 entrevistados (Tabela 3). Dentre as pesquisas, oito são artigos publicados em revistas científicas (E1, E2, E4, E5, E8, E9, E11 e E13), cinco dissertações de mestrado (E3, E7, E10, E11 e E14) e uma tese de doutorado (E6). Os estudos encontrados foram desenvolvidos no período de 2004 a 2020. Os artigos publicados representam a média de 0,8 publicações por ano.

Os objetivos dos estudos apresentam conformidade em relação ao registro de espécies, entretanto possuem diferentes perspectivas. O estudo 1, por exemplo, propõe o enfoque na participação efetiva dos entrevistados em todas as etapas do desenvolvimento do trabalho como um dos principais objetivos (pesquisa participativa). Em outros trabalhos os objetivos incluem o foco conservacionista ao buscar a contribuição da comunidade para a proteção da biodiversidade (E3) ou identificar as espécies prioritárias para a conservação (E2 e E8). Os estudos E4, E5 e E7 objetivam a caracterização sociocultural das comunidades estudadas. Enquanto E6 e E10 enfocam na valorização cultural com a finalidade de fornecer subsídios para a comunidade através do registro da história e usos das plantas. Os estudos também visam a busca pelos benefícios das plantas medicinais e fitoterápico (E11) ou o levantamento das espécies alinhadas ao cultivo de horta comunitária (E13), além do papel das áreas de cultivo (E12). Os autores do estudo E9 propuseram o objetivo sob a ótica da eficácia terapêutica das plantas por meio do conhecimento tradicional, enquanto E14 investiga a utilização de etnosaberes associados ao uso terapêutico como prática estratégica da resistência da comunidade (Tabela 3).

Em relação às metodologias adotadas, destacaram-se com observação participante (n = 8; E1, E2, E6, E7, E8, E9, E10, E14); técnica de seleção *Snowball* (n = 5; E2, E3, E5, E8 e E10; e entrevistas semiestruturadas (n = 9; E2, E3, E6, E8, E10, E11, E12, E13 e E14 (Tabela 3). Foram observadas ausência no detalhamento metodológico com relação aos dados indisponíveis sobre a seleção, número de participantes da pesquisa e o período das visitas às comunidades.

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste (Continua).

Estudo	Autor	Categoria	Local	Objetivo	Método em entrevistas	Participantes
1	SAUINI *et al*. 2020	Artigo publicado (*Plos one*)	Ubatuba, São Paulo	Realizar um levantamento etnobotânico com base no conhecimento tradicional de plantas medicinais, testando um projeto participativo pioneiro	Entrevista não estruturada; Observação participante; seleção por moradores locais	3 participantes entre 40 e 55 anos
2	CREPALDI & PEIXOTO *et al*. 2010	Artigo publicado (*Biodiversity and Conservation*)	Santa Leopoldina, Espírito Santo	Identificar as plantas utilizadas pela comunidade Cachoeira do Retiro; identificar as partes utilizadas; avaliar as categorias de uso mais importantes; determinar as espécies com maior prioridade de conservação	Entrevista semiestruturada; observação participante; seleção por técnica *Snowball*	10 participantes entre 42 e 84

Legenda: NI = Não informado

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste (Continuação).

3	CUNHA 2015	Dissertação de mestrado	Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo	Avaliar o conhecimento tradicional sobre as plantas de quintais; compreender de que modo esse cultivo contribui para a preservação de áreas florestais.	Entrevista semiestruturada; seleção por técnica *Snowball*	32 participantes entre 25 e 81 anos
4	FERREIRA; LOURENÇO; BALIZA, 2014	Artigo publicado (Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável)	Mercês, Minas Gerais	Identificar as espécies de plantas medicinais utilizadas; traçar o perfil social das famílias da comunidade	Entrevista semiestruturada; seleção de acordo com a disponibilidade	16 participantes entre 11 e 68 anos
5	MOTA *et al.* 2015	Artigo publicado (Revista Cerrados)	Pedras de Maria da Cruz, Minas Gerais	Realizar um levantamento de dados etnobotânicos; coletar informações culturais e do modo de vida comunidade	Entrevista estruturada; observação direta; seleção por técnica *Snowball*	44 participantes entre 20 e 81 anos

Legenda: NI = Não informado

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste (Continuação).

6	ROCHA 2014	Tese de doutorado	Valença, Rio de Janeiro	Utilizar a pesquisa etnobotânica aplicada como estratégia de visibilidade e fornecimento de subsídios para a comunidade	Entrevista semiestruturada; observação participante[1]	16 informantes
7	VASCONCELLOS 2004	Dissertação de mestrado	Iporanga, São Paulo	Caracterizar os terreiros da comunidade através do levantamento etnobotânico, usos e importância social, cultural e socioeconômica	Entrevista estruturada e não-estruturada; observação participante[1]	13 participantes entre 41 e 80 anos
8	CONDE *et al*. 2017	Artigo publicado (*Plos one*)	Santos Dumont, Minas Gerais	Avaliar os usos, conhecimentos e conservação de plantas em duas comunidades quilombolas	Entrevista semiestruturada; observação participante; seleção por técnica *Snowball*	7 participantes entre 26 e 84 anos

Legenda: NI = Não informado

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste (Continuação).

9	YAZBEK *et al*. 2019	Artigo publicado (*Journal of Ethnophar macology*)	Ubatuba, São Paulo	Investigar os fatores relacionados à eficácia terapêutica das plantas medicinais sob a perspectiva dos moradores do Quilombo da Fazenda.	Entrevista não-estruturada; observação participante; seleção realizada através de parceiros locais	8 participantes entre 43 e 81 anos
10	MAIOLI-AZEVEDO 2008	Dissertação de mestrado	Quissamã, Rio de Janeiro	Conhecer as plantas utilizadas pelo quilombo de Machadinha; registrar a história e as formas de uso tradicional das plantas; valorizar a cultura local e o conhecimento empírico agregado aos quilombolas	Entrevista semiestruturada e estruturada; observação direta e participante; seleção por técnica *Snowball*	11 informantes entre 67 e 89 anos

Legenda: NI = Não informado

Tabela 3 – Caracterização de estudos envolvendo o uso de plantas em quilombos da região Sudeste (Conclusão).

11	MOREIRA & OLIVEIRA 2017	Artigo publicado (Revista Brasileira de Ciências da Vida)	Paraopeba, Minas Gerais	Verificar os benefícios das plantas medicinais e dos medicamentos fitoterápicos para a saúde na percepção da população	Questionário semiestruturado[1,2]	9 informantes entre 26 e 81 anos
12	TAQUEDA 2009	Dissertação de Mestrado	Eldorado, São Paulo	Avaliar o papel e as transformações estruturais e funcionais das áreas de cultivos nos sistemas agrícolas itinerantes das comunidades	Entrevistas semiestruturadas; observação direta[1]	Acima de 22 anos[3]
13	VALERIANO et al. 2020	Artigo publicado (Brazilian Journal of Development)	Pitangui, Minas Gerais	Realizar o levantamento etnobotânico das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais e verificar o interesse pelo cultivo de uma horta medicinal comunitária	Questionários semiestruturados; Observação participante[1]	12 participantes entre 37 e 82 anos
14	DINIZ 2013	Dissertação de Mestrado	Minas Novas, Minas Gerais	Investigar estratégias de *resistência* e *re-existência* criadas para o enfrentamento das dificuldades originadas com a invasão de terras	entrevistas semi-estruturadas e a observação participante[1]	6 participantes

Legenda: NI = Não informado

Os trabalhos apresentam dados heterogêneos e há pouca concordância nas investigações sobre as espécies levantadas e análises estatísticas adotadas (Quadro 1). Em relação aos dados socioeconômicos dos entrevistados, apenas há uniformidade na exposição de dados sobre gênero e idade. As análises estatísticas empregadas não possuem quaisquer similaridades, com exceção do valor de uso em quatro estudos (E2, E3, E8 e E10). Nas informações das espécies prevaleceram os dados sobre parte usada e categoria de uso.

A multiplicidade na interpretação dos dados foi percebida nos estudos E1, E2, E8 e E9 publicados em revistas internacionais com elevado fator de impacto (revista/*qualis* - *Plos One/* 3.240*, Biodiversity and Conservation/* 3.551 *e Journal of Ethnopharmacology/* 4.360). Enquanto a limitação de informações, como a ausência do método de seleção dos informantes, foram frequentes nas dissertações e teses (E7, E12, E14) e artigos publicados em revistas sem classificações de *Qualis* ou Fator de Impacto (E11 e E13). Dois trabalhos possuem identificação dos táxons mencionados inferior a 75% (E4 – 63%; E14 – 30%). O artigo (E4), que apresenta o foco no levantamento etnobotânico, foi publicado na revista de divulgação de trabalhos apresentados em Congressos, Simpósios, Encontros e Seminários. Já o estudo 14, consiste em uma dissertação que não apresenta o levantamento e identificação de etnoespécies como objetivo principal por se tratar de um estudo na área de etnoecologia.

Quadro 1 - Presença de informações de espécies, dados socioeconômicos e análises estatísticas nos dez estudos dos quilombos do Sudeste do Brasil (Continua).

Estudo	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**
Informações das espécies														
Família botânica	x	x		x		x	x	x	x	x	x		x	
Indicação	x			x					x		x		x	x
Parte usada	x	x	x	x				x	x	x	x		x	x
Modo de preparo	x		x			x			x					
Forma de uso	x										x			
Origem	x	x	x		x		x							

Quadro 1 - Presença de informações de espécies, dados socioeconômicos e análises estatísticas nos dez estudos dos quilombos do Sudeste do Brasil (Continuação).

Categoria de ameaça	x													
Categoria de uso		x	x			x	x	x		x			x	x
Hábito		x					x	x		x				
Número de citações				x										
Forma de Manejo				x			x							
Local de coleta										x				
Dados Socioeconômicos														
Gênero	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	
Idade	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	
Renda					x	x						x		
Profissão											x	x		
Escolaridade	x		x	x	x		x		x		x	x	x	
Fonte de aquisição do conhecimento	x		x	x	x					x				
Religião	x					x		x			x			
Tempo de moradia			x	x			x							
Fonte de Renda			x	x										
Estado civil				x							x			
Número de moradores							x					x		
Análises dos dados														
Valor de uso		x	x					x		x				
Densidade		x												

Quadro 1 - Presença de informações de espécies, dados socioeconômicos e análises estatísticas nos dez estudos dos quilombos do Sudeste do Brasil (Conclusão).

Risco de coleta		x												
Importância local		x												
Diversidade de uso		x												
Índice de saliência cultural			x											
Frequência de citação					x									
Prioridade de conservação								x						
Índice de Significância cultural								x						
Índice de Shannon-Wiener								x						
Índice de equabilidade de Pielou								x						
Análise de Variância												x		
Uso total									x					

1.4.4 Ocorrência de plantas nos quilombos

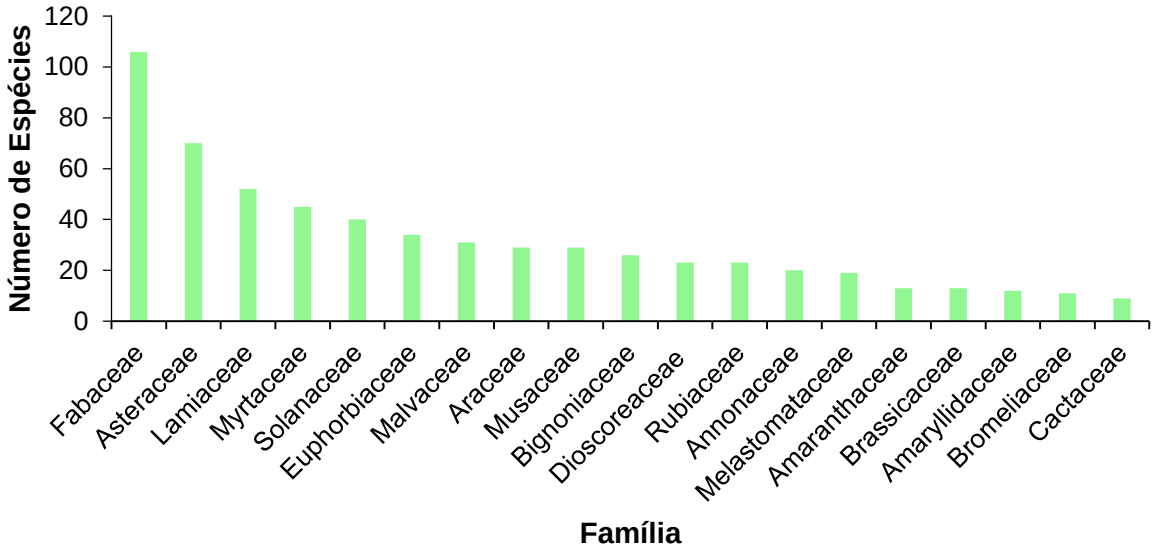
Dois estudos possuem identificação das espécies listadas inferior a 75% (E4 e E14), portanto não foram incluídos para a meta-análise. Dentre os 12 estudos selecionados, um total

de 1.803 espécies vegetais foram encontradas. No processamento dos dados, 293 espécies foram identificadas apenas em nível de gênero, 219 eram sinônimos, 128 apresentaram mudança de autoria, 96 espécies não foram identificadas e 48 táxons apresentaram erro de digitação. Sendo assim, para possibilitar a avaliação de similaridade entre os estudos, foram extraídos um total de 830 espécies, eliminando espécies repetidas, indeterminadas ou identificadas em nível de gênero (Apêndice A).

Encontramos 131 famílias botânicas, Fabaceae (n = 106), Asteraceae (n = 70), Lamiaceae (n = 52) e Myrtaceae (n = 45) foram as mais representativas, com frequências de ocorrências superiores a 90% (Figura 3). Além disso, Asteraceae é a família mais mencionada em oito estudos, seguida por Lamiaceae que possui maior evidência em três trabalhos.

Dentre as espécies, *Mentha pulegium* L. (poejo) possui a maior frequência de ocorrência nas listagens dos estudos (FO = 84,6%), e se destaca com indicações de xarope das folhas para a tosse (E1 e E6), infusão das folhas para dor de garganta (E9). O estudo E10 aponta a espécie como uma das mais citadas, sendo considerada uma planta ritualística. A maceração das folhas da espécie *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (FO = 76,9%) foi indicada para machucadura, feridas e vermes (YAZBEK et al., 2019), enquanto a *Ruta graveolens* L. (FO = 76,9%) foi evidenciada pelo uso ritualístico (E2), mau olhado e descarrego (E10; E6) e problemas no globo ocular (E4, E11 e E13). *Bidens pilosa* L. (FO = 69,2%) possui uniformidade de indicações para a hepatite em três estudos (E1, E4 e E11), assim como *Ageratum conyzoides* L. (FO = 69,2%) para problemas menstruais (E6, E9 e E12;).

Figura 3 – Famílias botânicas mais representativas em estudos etnobotânicos nos quilombos do Sudeste do Brasil.

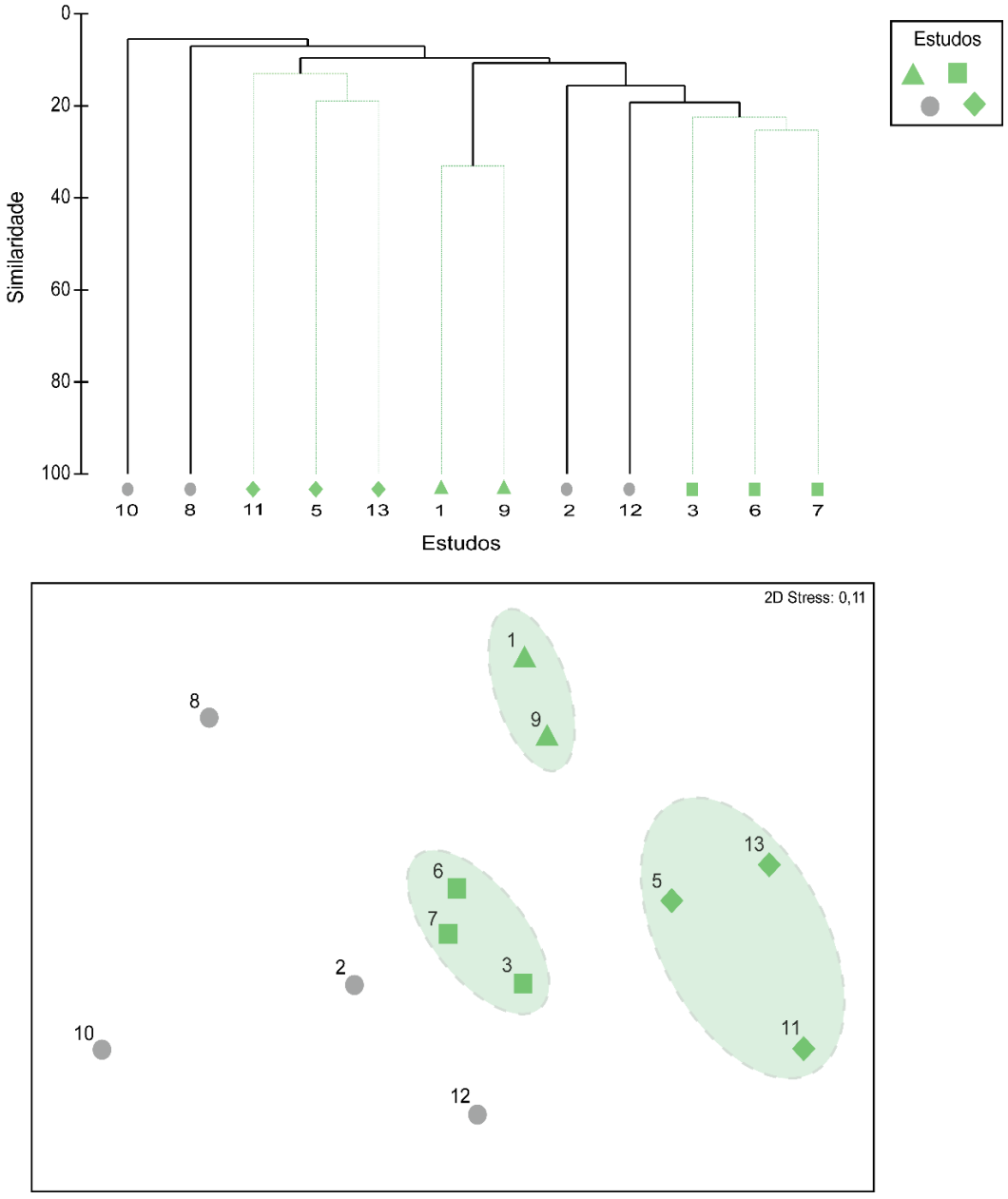


Fonte: A autora, 2022

1.4.5 Similaridade de plantas entre os Quilombos

Na análise cluster, o E10 foi separado dos outros estudos, indicando diferenças em sua listagem de plantas em comparação com os outros. O teste SIMPROF identificou três grupos significativamente diferentes ($p < 0.05$, grupo1 = E5, E11 e E13; grupo 2 = E1 e E9; grupo 3 = E3, E6 e E7), que se separaram entre 15 – 35% de similaridade. A ordenação do MDS também indicou o E10 mais distante dos outros estudos. Da mesma forma, os três grupos identificados no SIMPROF apresentaram maiores similaridades na ordenação (Figura 4).

Figura 4 – Análise de agrupamento e Diagrama de Ordenação Multidimensional não métrico das espécies de plantas citadas nos estudos baseados na matriz de similaridade utilizando o índice de Jaccard (presença/ausência). Os números representam o total de estudos (12). As linhas pretas e pontos cinzas do agrupamento indicam relações significativamente diferentes, enquanto as linhas e pontos verdes indicam as relações sem diferenças significativas detectadas.



Legenda – Os números representam o total de estudos (12). As linhas pretas e pontos cinzas do agrupamento indicam relações significativamente diferentes, enquanto as linhas e pontos verdes indicam as relações sem diferenças significativas detectadas.

Fonte: Autora, 2021

As comunidades apresentaram 66% (n = 549) de espécies exclusivas, um expressivo número de plantas particulares em cada território quilombola. Deste total, apenas o quilombo Machadinha (E10) possui 179 espécies exclusivas, exibindo a maior particularidade no uso de espécies.

1.5 **Discussão**

1.5.1 Seleção dos estudos

O maior quantitativo de resultado de buscas no Google acadêmico (n = 6.715), ocorre devido a localização da plataforma aos trabalhos acadêmicos de diferentes categorias (dissertações, teses, artigos, resumos de congresso), com maior amplitude de informações e diversos idiomas (SILVA; GRÁCIO, 2017). Enquanto o menor número de trabalhos em bases de abrangência internacional e restritas na busca por artigos científicos (Web of Science, n = 22; Scopus, n = 21), pode ser explicitada devido ao maior número de estudos encontrados serem artigos de revistas nacionais e dissertações de mestrado na língua portuguesa.

1.5.2 Caracterização dos quilombos

A certificação da autodefinição dos quilombos concedida pela Fundação Cultural Palmares contribui na garantia do acesso às políticas públicas, assistência técnica e jurídica do órgão, auxiliando em processos de conflitos territoriais (FCP, 2020). Por outro lado, a titulação dos territórios assegura o reconhecimento do Estado à regularização da posse de suas terras (BRASIL, 2021). Neste procedimento, as comunidades quilombolas apresentam seis etapas fundamentais para a aquisição de título pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA): 1. Autodefinição quilombola; 2. Elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID); 3. Publicação do RTID; 4. Portaria de Reconhecimento no Diário Oficial da União (DOU); 5. Decreto de Desapropriação; 6. Titulação (INCRA, 2019).

Através da titulação, o cumprimento da função social em preservar a propriedade coletiva de grupos tradicionais e a proteção do patrimônio cultural imaterial e diversificado se concretizam (COSTA, 2012). Nas comunidades quilombolas, assim como em outras comunidades tradicionais, a territorialidade está diretamente associada à construção identitária (SOUZA, 2008). Assim, a inexistência de titulação pelo INCRA em grande parcela dos quilombos reflete a invisibilidade dessas comunidades por se tratar de um direito fundamental

do grupo socialmente marginalizado, pulverizando suas memórias e comprometendo sua sobrevivência.

Entre o período de 2019 e 2021, apenas três comunidades quilombolas foram parcialmente tituladas no Brasil (INCRA, 2020). Em contraponto, há uma ampla demanda de 1.715 comunidades com processo aberto pelo INCRA e quase 3.000 comunidades certificadas (INCRA, 2018). A redução de verba tem sido cada vez mais recorrente, como a queda de mais de 97% dos recursos públicos direcionados para a titulação de comunidades quilombolas entre 2013 e 2018 (INCRA, 2018). Ainda de acordo com a Organização de Direitos Humanos "Terra de Direitos" (2018), somente 6% dos quilombos estabelecidos no país possuem o título, e as comunidades que obtiveram a aquisição não possuem a totalidade de seus territórios contemplados. A demora no andamento do processo ocorre devido à falta de orçamento para elaboração dos laudos territoriais e dos processos de desapropriação, além do ineficiente e reduzido número de profissionais aptos para a execução do processo (CORRÊA et al., 2020).

Percebe-se que o ordenamento judiciário brasileiro anula as comunidades quilombolas desde o período escravista, com leis que coibiam sua formação e propuseram sua extinção após a abolição, e essa violência persiste até a modernidade (SOUZA, 2008). São notórios os impasses para a concessão de títulos e certificações em processos excessivamente burocráticos em um cenário onde o poder público articula com interesses contrários aos direitos de quilombolas (NASCIMENTO et al., 2016). Com relação às etapas de reconhecimento dos territórios quilombolas, no primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro, as movimentações nos processos de titulações sofreram redução de 71% comparado ao ano anterior (45 movimentações/2018; 13 movimentações/2019) (TRANSPARÊNCIA BRASIL, 2021). Em 2020, a queda foi de 69%, ocorrendo apenas quatro movimentações nos procedimentos, assim, o governo registra a menor concessão de títulos aos quilombos desde 2005. A concepção dos direitos humanos aos quilombolas se torna inconcebível no governo vigente, no qual o Presidente da República declara publicamente uma inferioridade dos quilombolas, e sobretudo, expressa o racismo e sarcasmo ao se referir aos descendentes de escravizados e ex-escravizados (BARRETO & FERRAZ, 2020). Deste modo, a ineficácia e negligência na realização dos procedimentos legais colocam em risco a existência desses grupos e a resistência de suas tradições.

1.5.3 Caracterização e análise qualitativa dos estudos

Em relação a divergência de métodos utilizados, os estudos apresentam objetivos específicos distintos explicando a heterogeneidade de abordagens teóricas e metodológicas. Na pesquisa realizada por Oliveira et al. (2009), no período entre 1990 até 2007 foram encontrados 185 artigos científicos publicados na área de etnobotânica, demonstrando um avanço em comparação à década anterior. Portanto, os estudos nos territórios quilombolas no Sudeste do Brasil ainda são raros e não representam grande parcela dos quilombos (3,6%) estabelecidos na região. Apesar desses números é necessário evidenciar a restrição da amplitude dos estudos devido a limitação da área e comunidade pesquisadas.

Com relação aos métodos de seleção dos interlocutores, a técnica conhecida como *SnowBall* utilizada nos estudos foi definida por Bailey (2008). Este método de seleção dos participantes da pesquisa é amplamente difundido em trabalhos de etnobotânica (PATTON 1990; COTTON; WILKIE, 1996). A partir desta técnica, ocorrem indicações consecutivas de moradores com diferentes perspectivas que validam os participantes da pesquisa. Os artigos de pesquisa participativa (E1 e E9) foram os únicos que apresentaram o método de seleção de entrevistados por moradores locais. Estes estudos foram os mais recentes publicados e, de acordo com Stepp (2005), a abordagem participativa expressa uma tendência na comunidade científica da etnobiologia.

Autores salientam a necessidade da participação efetiva dos moradores locais em todas as etapas do processo de desenvolvimento da pesquisa, incluindo o projeto inicial até a análise de dados (e.g. ETKIN; TICKTIN, 2005; MEDLEY; KALIBO, 2005). Com a participação local, as tradições e sabedorias são priorizadas e reconhecidas, possibilitando a conexão entre as informações coletadas e o contexto tradicional da comunidade (MOSSE, 2001), e sobretudo, se aprofundam na perspectiva êmica envolvendo todos os participantes na pesquisa. De acordo com Sauini et al. (2020), o número de trabalhos publicados que exibem a abordagem participativa ainda é reduzido, fator também reproduzido na região Sudeste.

A observação participante empregada na maioria dos artigos (8) é uma técnica qualitativa que proporciona maior proximidade entre o observador e o grupo observado (COTTON; WILKIE, 1996; VASCONCELLOS, 2004; ROCHA, 2014). Com o acesso ao cotidiano local, este método reivindica as impressões pessoais e explora a subjetividade do que será pesquisado, criando um estreito vínculo com os participantes da pesquisa a fim de compreender o coletivo (BORGES, 2009). Com a adoção desta técnica, os autores citam a

elaboração de diários de campo para compilar as informações que extrapolam o questionário, como o registro da postura dos entrevistados, a recepção e disponibilidade em relação às entrevistas (ROCHA, 2014).

Aliada a esta conexão com o objeto de estudo, outra técnica comum encontrada é a confecção de entrevistas semiestruturadas. O desenvolvimento de perguntas informais abertas ou fechadas e suscetíveis a mudanças de roteiro se adequam a experiências particulares de cada comunidade estudada (ALEXIADES, 1996). A entrevista possui a finalidade de reconstituir o repertório de conhecimento local utilizando a linguagem verbal (HURRELL, 2014), e quando se torna maleável se molda a diferentes contextos socioculturais.

A divergência entre as metodologias empregadas nos estudos impossibilita a comparação entre as diferentes variáveis relacionadas às informações atribuídas às espécies, dados socioeconômicos e análises estatísticas adotadas. Tal diversidade dos atributos avaliados em cada estudo ocorre devido à particularidade do objetivo de cada trabalho.

Com relação à disponibilidade de informações fornecidas nos estudos, é válido destacar a divergência de categorias entre os estudos selecionados (artigos com presença ou ausência de Fator de Impacto, dissertações e teses). Tendo isso em vista, se faz necessário salientar o processo de revisão por pares em artigos publicados, seguindo normativas de qualidade, avaliações, correções e reavaliações das alterações realizadas à luz dos pareceres. Barbieri & Pasqua (2018) apontam que a publicação em revistas possibilita o diálogo sobre o tema proposto com justificativas, trazendo a clareza e precisão dos argumentos apresentados. Os autores destacam que os artigos científicos trazem a originalidade aliada à inovação de conceitos, teorias, abordagens metodológicas, proporcionando avanços na área de conhecimento.

1.5.4 Ocorrência de plantas nos quilombos

A família Fabaceae evidenciada com 106 espécies no estudo, é uma das famílias mais representativas das Angiospermas, e possui cerca de 19.500 espécies e apresenta aproximadamente 751 gêneros. Apenas no Brasil, a família soma cerca de 3.033 espécies (FLORA DO BRASIL, 2020). O destaque da Fabaceae também está associada ao fato da maioria dos quilombos estudados pertencerem à Mata Atlântica, uma vez que a família é a segunda maior nesse domínio fitogeográfico (Flora do Brasil, 2019). Esta família está

estreitamente vinculada à evolução humana, incluindo uma variedade de espécies que vêm sendo utilizadas como alimento básico por milênios (BURKART, 1987). Além disso, é um dos grupos mais avaliados em estudos químicos e farmacológicos (WINK, 2013; NEVES et al., 2017). Vários produtos que pertencem ao tratamento de diferentes sistemas corporais derivam de espécies da Fabaceae, que compreendem classes químicas como alcaloides, flavonoides, cumarinas e outros metabólitos (WINK, 2013).

A família Asteraceae (n = 70) inclui as espécies *Bidens pilosa* e *Ageratum conyzoides* (citadas em nove dos doze estudos analisados) que também mencionados como anti-inflamatório ou antibiótico em outras pesquisas realizadas em comunidades quilombolas (MASSAROTTO 2009; SILVA 2019; DELFIM 2019). A família abrange aproximadamente 1.700 gêneros e 27.000 espécies e representa 10% do grupo das Angiospermas (PANERO et al., 2014; PANERO; CROZIER, 2016). O grupo evidencia-se como uma das principais famílias utilizadas na medicina e alimentação tradicional das populações (CRONQUIST, 1968). Conforme Almassy et al. (2005) e Lorenzi e Matos (2008), a maioria das espécies desta família possui atuação antimicrobiana e anti-inflamatória.

Na família Lamiaceae (n = 52), *Mentha pulegium* L. apresentou maior frequência de ocorrência, assim como em diversos outros estudos em quilombos do Brasil. A origem da espécie abrange o continente africano, ocorrendo especificamente ao norte da Etiópia (IPNI, 2021), podendo indicar o seu uso ancestral na medicina e na alimentação pela população local. Essa pesquisa corrobora os dados encontrados para Lamiaceae como uma das principais famílias botânicas utilizadas em comunidades quilombolas (SILVA et al. 2012; GOMES & BANDEIRA, 2012; FERREIRA et al., 2015). Talvez seja pelo fato de ser uma família encontrada em todos os biomas do Brasil (SOUZA et al., 2018), além de ser amplamente comercializada devido ao potencial medicinal, aromático e condimentar (RAJA, 2012). Pasa et al. (2019) destaca o uso extensivo das famílias Asteraceae e Lamiaceae, com espécies oriundas da região Mediterrânea, na gastronomia de quilombolas devido ao histórico de ocupação entre o Velho e o Novo Mundo.

Além desses táxons, a família Myrtaceae (n = 45) constitui um dos grupos mais importantes dentre as Angiospermas, com elevada riqueza de espécies nas florestas do Sul e Sudeste do Brasil (ROMAGNOLO; SOUZA, 2006) e uma das famílias mais predominantes da Mata Atlântica (LIMA; GUEDES-BRUNI 1997; LOMBARDI; GONÇALVES, 2000).

1.5.5 Similaridade de plantas entre os Quilombos

O maior compartilhamento de espécies de plantas mencionadas como nos quilombos Cambury (E1) e Fazenda (E9), por exemplo, pode estar influenciada pela localização geográfica, uma vez que ambas estão inseridas no município de Ubatuba, São Paulo. Comunidades próximas podem estabelecer ecossistemas semelhantes que ofertam um grupo de recursos vegetais similares (PASA et al., 2019). Entretanto, a semelhança por localidade não reverbera em todas as comunidades.

As comunidades mais dissimilares quando comparadas às demais, são a Machadinha (E10) e os Quilombos São Sebastião da Boa Vista e São Bento (E8), demonstram uma ampla quantidade de plantas exclusivas ou com baixa ocorrência em relação às comunidades de outros estados da região Sudeste. A semelhança reduzida provoca a atenção nas comunidades da região Sudeste que possuem espécies pouco conhecidas e estimula o desenvolvimento de mais estudos que registrem esses recursos, uma vez que este conhecimento associado aos vegetais pode estar ameaçado (ZAMBRANA et al., 2017).

O conhecimento tradicional associado à diversidade de plantas em quilombos, pode ser atribuído à junção de sabedorias africanas, ameríndios e europeus dos recursos vegetais (PASA et al., 2019). Além disso, a variedade de plantas mencionadas nos estudos demonstra a riqueza florística no domínio Mata Atlântica e correlaciona-se à elevada disponibilidade de recursos nos seus habitats naturais. A diversidade de espécies representa a pluralidade de cultura, rituais, crenças, uso medicinal e gastronômico que estão estritamente vinculados ao uso tradicional das plantas. Esses dados auxiliam na compreensão não apenas dos recursos vegetais, mas também dos aspectos de desenvolvimento local, sustentabilidade, conservação, compreensão da segurança alimentar e do sistema médico local (SCHULTES; VON REIS, 1995).

2 **PLANTAS UTILIZADAS PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA, RIO DE JANEIRO, BRASIL: ASPECTOS DO CONHECIMENTO POPULAR**

2.1 **Introdução**

As plantas sempre estiveram presentes na história da vida humana e seus usos foram direcionados para as necessidades do cotidiano e predileções culturais (BALICK, 1996). Os recursos vegetais vêm sendo utilizados para diferentes finalidades, sejam na alimentação, especiarias, remédios, rituais e crenças ou na confecção de vestimentas e construção de moradias (BALICK; COX, 1997; ALBUQUERQUE, 2005). O conhecimento tradicional construído em milhares de anos de vivência surge como resultado desta interação, por meio da continuidade e dinamismo do processo de aprendizagem que se expressa nas organizações interpessoais (FOKE, 2004). A ameaça a esta sabedoria milenar vem ganhando protagonismo na comunidade científica (ADNAN, 2014), com estudos que registram o uso, classificação e gestão de plantas em diferentes grupos (KELLERT et al., 2000).

A disponibilidade de plantas e biodiversidade beneficia diversos povos (VERMA, 2014). No Brasil há uma vasta diversidade de grupos étnicos (CREPALDI; PEIXOTO, 2010) que estão em dinâmica relação com os sistemas de conhecimento. Esses grupos se edificam a partir da migração dos humanos, que em sua trajetória transportam, moldam e modificam não apenas a sua cultura e convívio social, como também outros seres vivos (ALBUQUERQUE et al., 2019). Sendo assim, o saber tradicional pode ser carregado junto às plantas e sementes que serão adaptadas ou substituídas (MEDEIROS et al., 2012).

No Brasil, os trabalhos de etnobotânica documentam o conhecimento local em diferentes comunidades nas últimas décadas, podendo-se destacar: Hanazaki et al. (2000), Peroni et al. (2008), Miranda e Hanazaki (2008), Borges e Peixoto (2009), Brito e Senna-Valle (2011) Miranda et al. (2011) e Giraldi e Hanazaki (2014), para as caiçaras; Albuquerque et al. (2008), Albuquerque et al. (2011), Cunha et al. (2012), Guadagnin e Gravato (2013), Kffuri et al. (2016), Vasco-dos-Santos (2018), para as indígenas; Silva et al. (2007), Pasa e Ávila (2010), Santos e Coelho-Ferreira (2012), Vásquez et al. (2014), Araújo et al. (2016); Ribeiro et al. (2017), para os ribeirinhos; Andrade et al. (2006) e Lucena et al. (2013), para os sertanejos; Hanazaki et al. (2006), Cunha e Albuquerque (2006), dos Santos et al. (2009),

Christo et al. (2010), Silva et al. (2015) e Vieira (2019), para as comunidades rurais, Crepaldi e Peixoto (2009), Silva et al. (2012), Ávila et al. (2017), Zank e Hanazaki (2017), Beltreschi, Lima e Cruz (2019), Yazbek et al. (2019), Sauini et al. (2020), para as comunidades quilombolas; dentre outras.

A base do conhecimento biológico e cultural vinculado às plantas úteis no Brasil foi resultado do saber dos povos africanos, indígenas e europeus (CREPALDI; PEIXOTO, 2010). Dentre as comunidades, estudos realizados demonstram que algumas comunidades quilombolas possuem elevado nível de conhecimento referente às plantas e técnicas conservacionistas sobre os recursos ambientais (HOFFMAN, 2009; CREPALDI; PEIXOTO, 2010). A comunidade negra contribuiu na medicina tradicional por meio dos recursos obtidos para preparos medicinais (CREPALDI; PEIXOTO, 2010) e inseriram plantas nativas brasileiras em sua cultura de origem africana (ALMEIDA, 2003).

A transmissão dos saberes sobre elementos pertencentes à tradição dos seus antepassados concede aos quilombolas a representação e a resistência das práticas históricas de sua cultura (ZANKI; HANAZAKI, 2017). Apesar do vínculo com os recursos ambientais, o modo de vida dos quilombolas pode ser afetado com a urbanização das áreas naturais decorrente do crescimento da população, ocasionando a transformação ou desaparecimento de antigas práticas (ZANKI; HANAZAKI, 2017).

O estudo do uso e manejo dos recursos vegetais potencializa a integração dos saberes tradicionais (ALBUQUERQUE; ALVES, 2014) e fornece uma linha de base para futuras avaliações do conhecimento das plantas nessas comunidades (WECKERLE, 2006). A pesquisa etnobotânica registra o conhecimento, que em algumas comunidades é transmitido de forma oral e se concentra em poucos membros da comunidade, possibilitando a perda das informações ao longo dos anos (VERMA, 2014). Além das lacunas na pesquisa sobre a interação entre plantas e quilombolas, a cultura dos negros sofre um violento processo histórico de preconceito racial que estimula o esvaziamento de suas crenças (SOUZA, 2019). Sendo assim, salientamos a relevância dessa pesquisa, direcionada a documentar as práticas associadas às plantas e fomentar o reconhecimento de comunidades ainda não estudadas no Sudeste do Brasil.

O Brasil possui 3.386 territórios quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares e o estado do Rio de Janeiro destaca-se pelo estabelecimento de 42 quilombos certificados. Apesar do número significativo, não há trabalhos etnobotânicos nessas comunidades publicados em revistas científicas, apenas dissertações e teses (e.g. MAIOLI-AZEVEDO, 2008; FRANÇA, 2011; ROCHA, 2014). Tais fatores demonstram a urgência no

desenvolvimento de trabalhos que ressaltem as particularidades e o conjunto de pluralidades nas tradições dessas comunidades.

2.2 **Objetivos**

2.2.1 Objetivo Geral

O estudo tem como objetivo realizar um levantamento etnobotânico dos recursos vegetais no Quilombo Boa Esperança, município de Areal, situado no estado do Rio de Janeiro, identificando a concordância entre os participantes em relação ao conhecimento associado às plantas.

2.2.2 Objetivos específicos

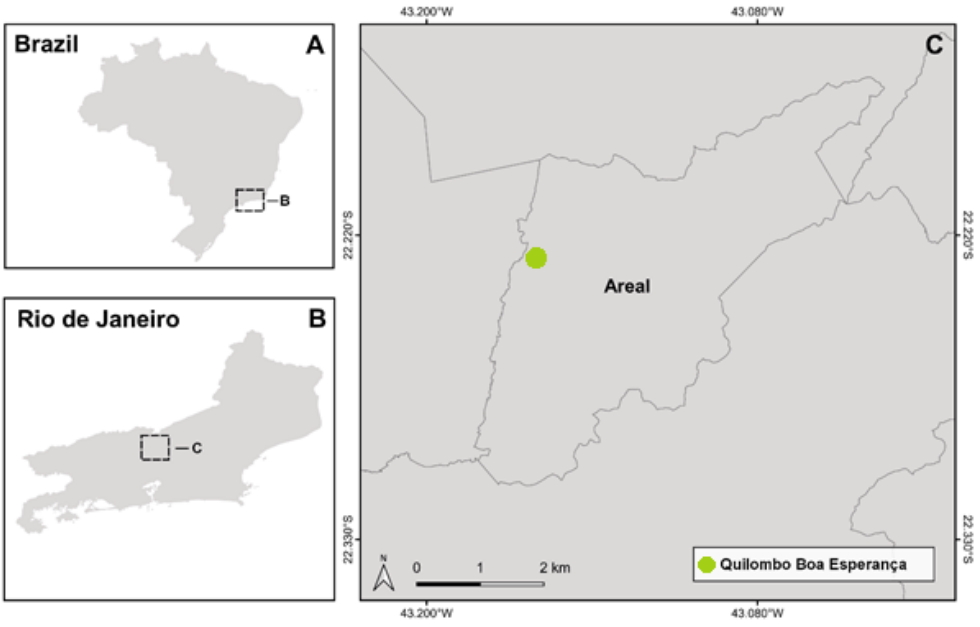
1. Identificar e categorizar as espécies utilizadas pelos participantes;
2. Analisar a diversidade e os valores de uso das plantas citadas pelos participantes;
3. Avaliar o consenso de resposta entre os informantes para indicações, concordância, popularidade e frequência de citação das espécies.

2.3 **Material e métodos**

2.3.1 Área de Estudo

O estudo foi realizado na comunidade quilombola Boa Esperança, localizada no estado do Rio de Janeiro (Figura 5). O Quilombo Boa Esperança localiza-se no município de Areal, pertencente à Mesorregião Centro Fluminense do estado (22°13’50’’ S, 43°06’20’’ O). O município possui uma população estimada de 12.669 e densidade demográfica de 102,99 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2020). De acordo com a classificação de Köppen (2007), a região caracteriza-se como clima tropical de altitude (Cwb), predominante em planaltos e serras, apresentando altitude média de 450 metros. Areal apresenta temperatura amena, entre 18°C e 26°C, com amplitude térmica anual entre 7°C e 9°C. O município localiza-se no Domínio Mata Atlântica composta por remanescentes de Floresta Ombrófila Densa (IBGE, 2014).

Figura 5 – Localização geográfica do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

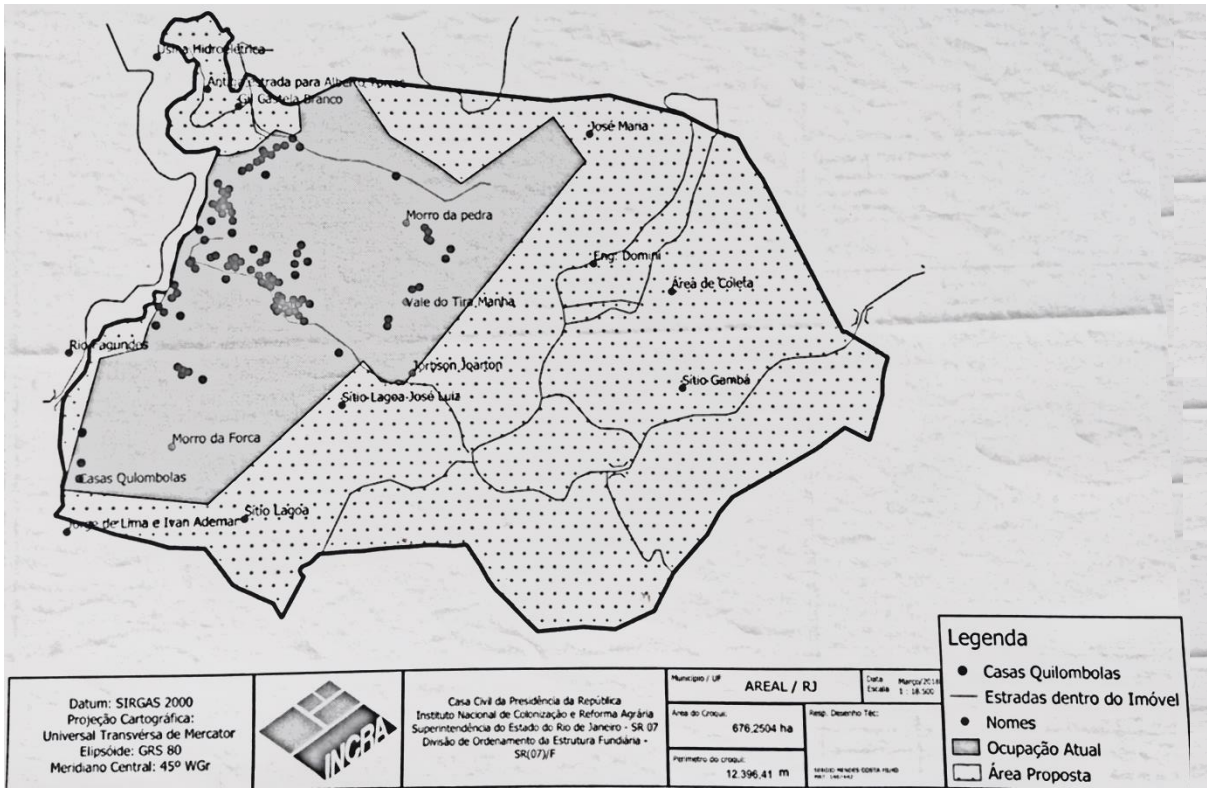


Fonte: A autora, 2021

2.3.2 Caracterização do Quilombo Boa Esperança

A comunidade Boa Esperança possui aproximadamente 467 moradores distribuídas no território de 242 hectares. Em 2013 o quilombo foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares e no mesmo ano foi iniciado o processo de titulação (nº54180.001444/2013-43) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2020). O processo de titulação pelo INCRA está em andamento há oito anos. As quatro etapas iniciais da titulação já foram concluídas (Autodefinição, Elaboração e Publicação de RTID, Portaria de Reconhecimento no DOU). Este último ocorreu em 2019, publicado na Portaria/ INCRA/P/nº 1.299 de 19 de junho de 2019 (DOU). Sendo assim, para a finalização do processo restam as etapas do Decreto de Desapropriação e, por fim, a titulação mediante a outorga de título coletivo. Após a conclusão do processo, o quilombo passará a ter 676,2504 hectares, retomando áreas ocupadas por fazendeiros ao longo dos anos (Figura 6).

Figura 6 – Planta contendo a área atual e área proposta para o território do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: INCRA, 2018

O quilombo existe desde 1888, segundo o Celso da Cruz Fonseca, pertencente à 4ª geração dos quilombolas, líder comunitário e presidente da Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Boa Esperança. A comunidade foi originada da Fazenda Boa Esperança, o qual o proprietário realizou uma doação para a sua babá escravizada, junto a ela 15 escravizados também receberam doações, derivando na atual comunidade quilombola Boa Esperança. O primeiro documento do território quilombola está registrado por meio do Imposto Territorial de 1924 (Figura 7). De acordo com o INCRA (2018), a comunidade possui os primeiros dados demográficos registrados em 1965, no formulário de Declaração de Propriedade (DP) que consta o total de 41 famílias, realizado pelo líder do período, João da Cruz Fonseca (pai da atual liderança comunitária).

Figura 7 – Primeiro registro documentado sobre o território Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: Celso da Cruz Fonseca, 2021

O quilombo se localiza a aproximadamente sete quilômetros do centro de Areal e possui acesso precário à internet, correios e outros meios de comunicação. Apesar da comunidade estar localizada próxima a Usina Hidrelétrica de Alberto Torres (estabelecida desde 1909), os moradores adquiriram acesso à eletricidade apenas em 1992 e ainda não possuem linha telefônica. O quilombo é limítrofe do distrito de Sebollas – pertencente ao município de Paraíba do Sul. Antigamente, os moradores se locomoviam a pé para este distrito com a finalidade de fazer compras, como por exemplo, a aquisição de querosene para as lamparinas. A comunidade possui uma ponte precária que conecta seu território a Sebollas, para possibilitar a passagem de pedestres e motos. Atualmente a ponte está sendo reformada.

O território quilombola não possui saneamento básico e a obtenção da água é possibilitado pelas nascentes inseridas no território. Esses fatores dificultam o acesso a atendimentos básicos devido à distância da cidade e invisibilidade dos quilombolas no município. Em 1991 a comunidade construiu e inaugurou a primeira escola do quilombo construída toda em zinco. O nome da escola foi escolhido em homenagem à Donária Maria Barbosa, mãe de Seu João da Cruz e avó do líder da comunidade. E apenas em 2015 foi realizada a sua reconstrução para melhoria da estrutura e expansão para abrigar e dar acesso a todas as crianças da comunidade (Figura 8).

Figura 8 – Escola inserida no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: A autora, 2021

Uma parcela dos moradores realiza atividades econômicas dentro do território quilombola, como criação de animais e pequenos cultivos de plantas para o sustento das famílias. A comunidade possui uma plantação de maxixe para a comercialização. Entretanto, a parcela majoritária exerce serviços externos ao quilombo e não utilizam recursos da propriedade para a subsistência. No passado, a comunidade apresentava diversas plantações e viviam da extração de produtos vegetais, artesanato e agricultura, principalmente cultivo de arroz, feijão e produção de fubá. Atualmente, a comunidade possui um canavial cultivado para o abastecimento da tradicional fabricação de rapadura e melaço em moinho realizado pelo líder comunitário (Figura 9). A fabricação, que ocorre em um processo de 15 horas (Figura 10), indica a continuidade do conhecimento adquirido por meio de seu avô materno. Além disso, alguns moradores possuem plantas em seus quintais para o consumo no cotidiano (Figura 11).

Figura 9 – Canavial presente no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: A autora, 2021

Figura 10 – Líder comunitário realizando a fabricação de melaço e rapadura no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: Clara Miloski, 2021

Figura 11 – Quintais com plantas utilizadas pelos moradores do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: A autora, 2021

Em 2017, o Quilombo recebeu o projeto de Pagamento por serviços ambientais PSA Hídrico na Micro Bacia do Rio Fagundes, realizada pela Associação de Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do rio Paraíba do Sul (AGEVAP) em parceria com outros órgãos. Neste projeto foram realizadas ações de conservação e restauração da floresta e introduziu espécies arbóreas na comunidade, que possui 131 hectares em área de pastagem. A comunidade receberá um projeto da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o qual receberá fomento para a implementação de quintais agroflorestais.

Em relação a pandemia imposta pelo COVID-19, o quilombo Boa Esperança sofreu com atraso de três meses da vacinação, apesar das comunidades tradicionais serem categorizadas como grupos prioritários da vacinação.

2.3.3 Aspectos Éticos

A pesquisa foi autorizada pela Comissão de Ética em Pesquisa (Coep) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAAE 47129619.0.0000.5282) e foi cadastrada no Sistema Nacional de Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN) sob o nº A79A207. Os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Os aspectos éticos foram realizados conforme as instruções das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos.

2.3.4 Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu em quatro visitas entre janeiro e novembro de 2021, compreendendo entrevistas semiestruturadas realizadas nas residências dos informantes (Apêndice C). Os moradores foram indicados pelo líder da comunidade, uma vez que este conhece todos os moradores, auxiliando na busca dos informantes. Os critérios de inclusão foram: (i) ser morador do quilombo; (ii) possuir e fazer uso de plantas. Não foi definido o tempo de residência mínimo para seleção dos informantes.

Foram entrevistados dez residentes do Quilombo Boa Esperança. Ao longo das visitas, realizamos uma "turnê guiada" e observação direta, de acordo com Albuquerque, Lucena e Cunha (2010). As espécies citadas foram agrupadas em cinco categorias: medicinal, alimentícia, construção, ritual e tecnologia. Sendo, medicinal (plantas utilizadas para o tratamento de doenças); alimentícia (plantas cruas ou cozidas utilizadas na alimentação, temperos); construção (moirão de cerca, enxada); ritual (plantas utilizadas para descarrego e mau-olhado); tecnologia (plantas usadas para confecção de utensílios domésticos, instrumentos musicais). As espécies foram coletadas e registradas por meio de fotografia para posterior identificação. O material botânico foi processado segundo técnicas usuais em materiais vegetais (VAZ et al., 1992) e foi incorporado nas coleções do Herbário da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (HRJ), sob os números de tombo 13488 a 13502.

O material coletado foi identificado com auxílio de Lorenzi e Matos (2008), Flora do Brasil 2020 e comparados também como as exsicatas identificadas por especialistas disponibilizadas nos herbários virtuais JABOT e *Species Link*, e classificado de acordo com o APG IV (2016). Os nomes das espécies foram verificados em Flora do Brasil (2020) (http://floradobrasil.jbrj.gov.br/), Tropicos (tropicos.org), *The Plant List* (http://www.theplantlist.org/) e *International Plant Names Index* (https://www.ipni.org/).

As indicações das plantas foram agrupadas de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), publicação oficial da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019) (Tabela 4).

Tabela 4 - Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) (Continua).

Código	**Título**
01	Algumas doenças infecciosas ou parasitárias
02	Neoplasias (tumores)
03	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos
04	Doenças do sistema imunológico

Tabela 4 - Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) (Conclusão).

05	Doenças endócrinas, nutricionais ou metabólicas
06	Transtornos mentais, comportamentais ou de desenvolvimento neurológico
07	Distúrbios sono-vigília
08	Doenças do sistema nervoso
09	Doenças do sistema ocular
10	Doenças do ouvido e da apófise mastóide
11	Doenças do sistema circulatório
12	Doenças do sistema respiratório
13	Doenças do sistema digestivo
14	Doenças da pele
15	Doenças do sistema musculoesquelético ou tecido conjuntivo
16	Doenças do aparelho geniturinário
17	Condições relacionadas à saúde sexual
18	Gravidez, parto ou puerpério
19	Algumas condições originadas no período perinatal
20	Anomalias de desenvolvimento
21	Sintomas, sinais ou achados clínicos, não classificados em outra parte
22	Lesões, envenenamento ou certas outras consequências de causas externas
23	Causas externas de morbidade ou mortalidade
24	Fatores que influenciam o estado de saúde ou o contato com os serviços de saúde

2.3.5 Análises dos dados

2.3.5.1 Valor de uso (VU)

O valor de uso (UV) foi efetuado para determinar a importância relativa nos usos das espécies por meio do cálculo:

$$UV = \sum Ui / N$$

Onde, Ui = número de relatórios de uso citados por cada informante (i) para uma determinada espécie; N = número total de informantes (PHILLIPS et al., 1994).

2.3.5.2 Fator de Consenso do Informante (FCI)

Foi utilizada a técnica do Fator de Consenso do Informante (FCI) (HEINRICH et al., 1998) para testar a homogeneidade do conhecimento sobre o uso das espécies nas categorias de doença do CID-11, calculada por meio da seguinte fórmula:

$$FCI = (nur - nt) / (nur - 1)$$

Onde, FCI = fator de consenso do informante; nur = número de citações de usos em cada categoria; nt = número de espécies usadas nesta categoria.

2.3.5.3 Concordância de Uso Principal (CUP)

O índice de concordância de uso Principal (CUP) (AMOROZO & GELY, 1988) foi calculado para demonstrar a importância relativa de todas as plantas utilizadas e concordância dos usos citados através da fórmula:

$$CUP = (ICUP/ICUE) \times 100$$

Onde, CUP = índice de concordância de uso principal; ICUP = número de entrevistados citando o uso principal da espécie; ICUE = número total de entrevistados citando qualquer uso da espécie.

2.3.5.4 Nível de Fidelidade (NF)

O índice do Nível de Fidelidade (NF) foi calculado para determinar a concordância entre as respostas dos informantes para uma indicação principal das plantas medicinais. A fórmula descrita por Friedman et al. (1986) consiste em:

NF = (Ip/Iu) x 100%

Onde, NF = nível de fidelidade; IP = número de informantes que citaram o uso principal da espécie; IU = número total de informantes que citaram a espécies para qualquer finalidade.

2.3.5.5 Popularidade Relativa (PR) e Ordenamento de Prioridade (ROP)

Foi calculado a Popularidade Relativa (PR) que é calculada da seguinte forma:

PR = Ne / Np (0< FCR < 1)

Onde, Ne = número de informantes que citaram uma determinada espécie; Np = número de informantes que citaram a espécie mais citada. Quanto mais próximo de zero, menor a popularidade da espécie.

Além disso, foi calculado o Ordenamento de Prioridade (ROP) indicado para ser utilizado junto ao NF (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002) um fator de correção para a classificação adequada de espécies com diferentes valores de NF e PR, calculando:

ROP = NF x PR

2.3.5.6 Frequência de Citação (FC) e Frequência de Citação Relativa (FCR)

Foi avaliada a Frequência de Citação (FC) de todas as espécies, utilizando a fórmula: número de vezes que uma determinada espécie foi mencionada / número total de vezes que todas as espécies foram mencionadas) x 100.

A frequência de Citação Relativa (FCR) foi obtida pela fórmula (TARDÍO; SANTAYANA, 2008):

FC/N (0< FCR < 1)

Onde, N = número total de informantes da pesquisa. O valor mais próximo a um indica a maior utilização da espécie na comunidade.

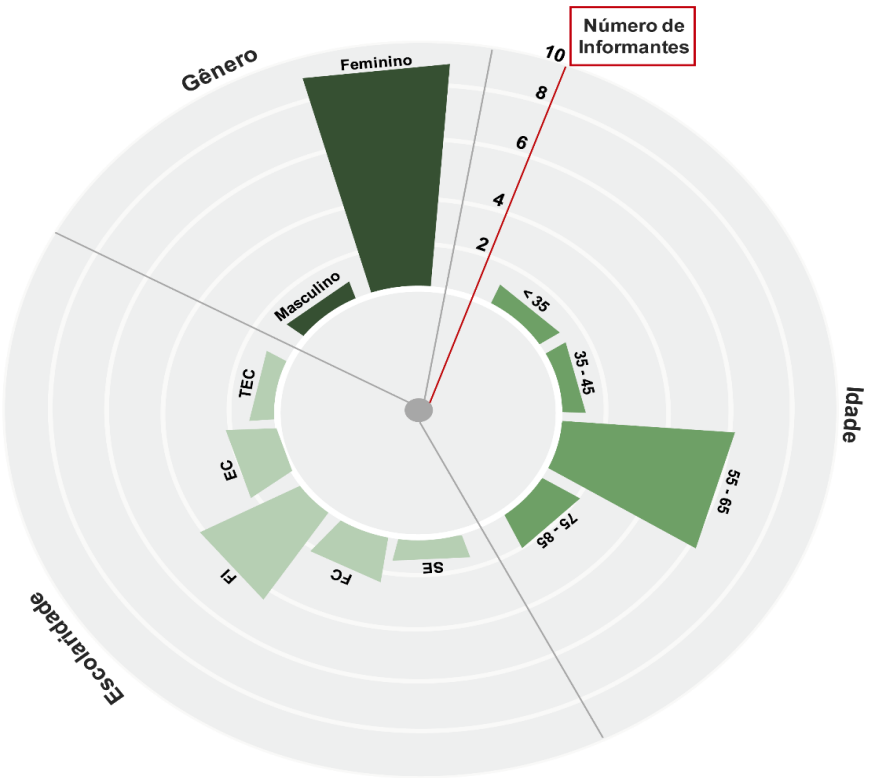
2.3.6 Retorno do Estudo

Todo resultado da pesquisa será disponibilizado para a comunidade entrevistada, conforme a recomendação contida na Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 (BRASIL, 2015). Será realizada a confecção de cartilhas contendo todas as informações sobre as espécies mencionadas pelos participantes como solicitado pela comunidade, além de desenvolver rodas de conversa com as crianças na escola local sobre o conhecimento e uso de plantas utilizadas por elas e demonstração de todas as plantas contidas no estudo. As duplicatas das espécies serão disponibilizadas para o museu que está sendo planejado para ser construído pelos moradores no local.

2.4 **Resultados**

Dos dez participantes do estudo, moradores do Quilombo Boa Esperança, nove pertencem ao gênero feminino e um ao gênero masculino. Em relação ao nível de escolaridade, foram registrados ensino fundamental incompleto (n = 4), ensino fundamental completo (n = 2), ensino médio completo (n = 2) e nenhum nível de escolaridade (n = 1) e formação em ensino técnico (n = 1). A idade dos entrevistados variou entre 34 e 83 anos, a maioria na faixa etária de 55 a 65 anos (n = 6), seguidas pelas faixas de 75 a 85 (n = 2), 35 a 45 (n = 1) e menor que 35 (n = 1) (Figura 12). Todos os interlocutores não exercem atividade econômica dentro da comunidade e não cultivam plantas para subsistência.

Figura 12 – Dados demográficos dos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.



Legenda: SE = Sem escolaridade; FC = Ensino Fundamental Completo; FI = Ensino Fundamental Incompleto; EC = Ensino Médio Completo; TEC = Formação Técnica.
Fonte: A autora, 2021

2.4.1 Diversidade e uso de plantas

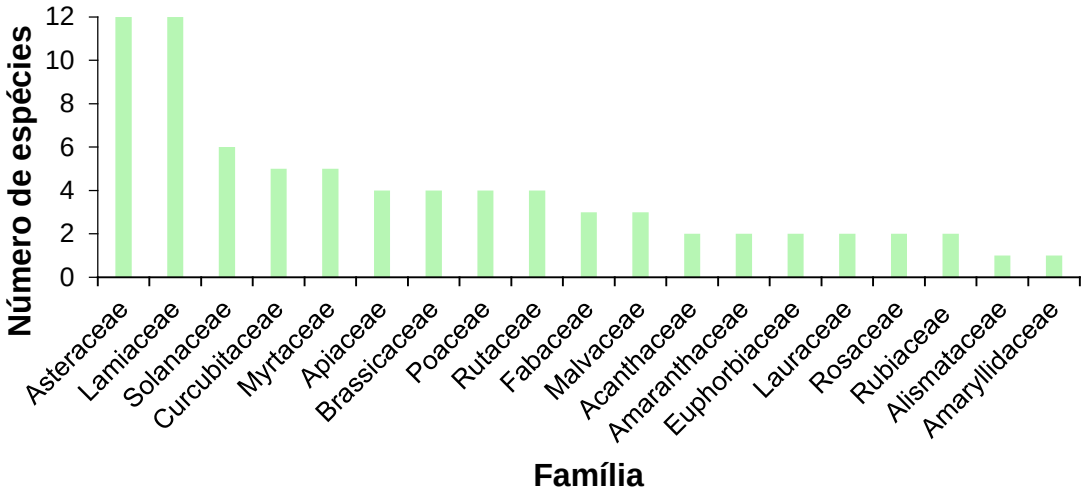
Os interlocutores citaram 99 espécies presentes na comunidade pertencentes a 43 famílias botânicas (Figura 13). As famílias mais recorrentes nos quintais dos quilombolas foram Asteraceae (n = 9), Lamiaceae (n = 8), Myrtaceae (n = 4) e Rutaceae (n = 4) (Figura 14).

Figura 13 – Espécies que ocorrem no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Legenda – A. *Myrciaria glazioviana* (Kiaersk.) (Veludinha ou pé-de-veludo) G.M.Barroso ex Sobral; B. *Brassica oleracea* L. var. capitata L. (Repolho); C. *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (terramicina ou terremicina); D. *Leonotis nepetifolia* (L.) R.Br. (Cordão-de-frade); E. *Passiflora edulis* Sims (Maracujá); F. *Pachystachys lutea* Nees (Camarão).

Fonte: A autora, 2021

Figura 14 – Famílias botânicas mais representativas encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: A autora, 2021

As plantas citadas foram inseridas nas seguintes categorias: medicinal (n = 61); alimentícia (n = 56); ornamental (n = 2); ritual (n = 1); religioso (n = 1); construção (n = 1); e tecnológica (n = 1). Além disso, a maior parte das espécies são cultivadas nos quintais dos moradores (n = 92). Em relação à origem das espécies, 44 são consideradas cultivadas, 26 nativas, 20 naturalizadas e quatro são exóticas (Tabela 5).

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continua).

Família/Nome científico	Nome Comum	CU	PU	Indicações/CID 11	Modo de Preparo	FO	Uso	O	Domínio	Hábito
Acanthaceae										
Pachystachys lutea Nees	Camarão	Medicinal	Folha	05: Diabetes	Decocção	Cul	Interno	N	Amazônia	Arbustivo
Justicia pectoralis Jacq.	Novalgina	Medicinal	Folha	21: **Dor**; 11: Pressão alta	Infusão	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Herbáceo
Alismataceae										
Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltr.) Micheli	Chapéu-de-couro	Medicinal	Folha	16: **Problema nos rins**	Decocção	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea
Amaranthaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Principais indicações citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze	Terramicina, terremicina	Medicinal	Folha	01: **Antibiótico**; 15: antinflamatório, dor na coluna[1]; 16: **infecção urinária**, inflamação no útero e ovário[2]; 13: Dor de dente	Decocção[2], infusão[1]	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Subarbustiva
Amaranthus viridis L.	Caruru	Religioso, alimentar	Folha	**Oferecer aos orixás**	In natura, refogada	Cul	Externo	Nat	Amazônia	Herbáceo
Amaryllidaceae										
Allium schoenoprasum L.	Cebolinha	Alimentar	Folha	**Tempero**	In natura	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Annonaceae										
Annona muricata L.	Graviola	Alimentar	Fruto	-	In natura	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbóreo
Apiaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Foeniculum vulgare Mill.	Funcho	Medicinal	Folha	06: **Calmante**	Decocção	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Eryngium foetidum L.	Coentro-bravo	Alimentar	Folha	**Tempero**	In natura	Cul	Interno	N	Amazônia	Herbácea
Petroselinum crispum (Mill.) Fuss	Salsinha	Medicinal, alimentar	Folha, raiz	**Tempero**,13: dor no dente de criança	In natura ou decocção com algodão no dente	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Coriandrum sativum L.	Coentro	Alimentar	Folha	**Tempero**	In natura	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Erva
Araceae										
Pistia stratiotes L.	Santa-luzia	Medicinal	Folha	09: **Problemas na vista**	Descansa na água, coloca na gaze	Cul	Externo	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea
Asphodelaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Aloe vera (L.) Burm.f.	Babosa	Medicinal	Mucilagem	14: Hidratação do cabelo e pele; 22: cicatrizante; 02: detona câncer	Coloca sobre a pele	Cul	Externo	Cul	Área Antrópica	Herbáceo
Asteraceae										
Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Boldo	Medicinal	Folha	13: Fígado, dor no estômago, diarreia, **dor de barriga**	Decocção, Maceração	Cul	Interno	Nat	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Arbóreo
Ageratum conyzoides L.	Picão-roxo	Medicinal	Inteira	01: **Amarelão**; 16: **problema nos rins**	Infusão para banho	Cul	Externo	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo
Artemisia absinthium L.	Losna	Medicinal	Folha	01: **Verme**	Decocção	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Lactuca canadensis L.	Almeirão-roxo	Alimentar	Folha	-	Salada, refogada	Cul	Interno	Nat	Mata Atlântica	Herbáceo
Matricaria chamomilla L.	Camomila	Medicinal	Folha	06: **Calmante**	Decocção	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Mikania glomerata Spreng.	Guaco	Medicinal	Folha	12: **Expectorante**	Xarope	Cul	Interno	N	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Trepadeira
Solidago chilensis Meyen	Arnica	Medicinal	Folha	15: **Dor, problema no joelho**	Decocção	Cul	Externo	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Herbácea
Bidens sp1.	Picão	Medicinal	Folha	16: **Infecção urinária**	Decocção	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Bidens sp2.	Carrapicho	Medicinal	Fruto	16: **Problema nos rins**	Decocção	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea
Lactuca sativa L.	Alface	Medicinal, alimentar	Folha	06: **Calmante**	Infusão	Cul	Interno	Cul	Endêmico do Brasil	Herbáceo
Cabobanthus polysphaerus (Baker)	Assa-peixe	Medicinal	FOlha	12: Pneumonia	Bater broto no liquidificador com água	Cul	Interno	E	?	Herbáceo
Baccharis crispa Spreng.	Carqueja	Medicinal	Folha	05: **Diabetes; emagrecer**	Decocção	Cul	Interno	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	
Basellaceae										
Anredera Juss. sp.	Bertalha	Alimentar	Folha	-	In natura	Cul	Interno	E	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Herbáceo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Bignoniaceae										
Crescentia cujete L.	Coité	Tecnologia	Fruto	Berimbau	In natura	Cul		Cul	Amazônia, Mata Atlântica	Arbóreo
Brassicaceae										
Brassica oleracea L. subsp. acephala (DC.) Metzg.	Couve	Alimentar	Folha	-	Refogada	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Erva
Brassica oleracea L.	Brócolis	Alimentar	Folha	-	Refogada	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Erva
Brassica oleracea L. var. capitata L.	Repolho	Alimentar	Folha	-	In natura	Cul	Interno	E	Área Antrópica	Erva
Rorippa nasturtium-aquaticum (L.) Hayek	Agrião	Medicinal, alimentar	Folha	12: Tosse	Xarope com mel	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Herbáceo
Cactaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Pereskia aculeata Mill.	Ora-pro-nobis	Alimentar	Folha	Tempero, 03: aumentar vitamina; 11: Pressão alta; 15: antinflamatório	In natura, suco, refogada	Cul	Interno	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Trepadeira
Caricaceae										
Carica sp.	Mamão	Medicinal, alimentar	Folha1, fruto[2]	15: Antinflamatório1; 13: Bom para intestino; 14: bom para pele e emagrecimento[2]	Infusão	Cul	Interno			Arbustivo
Celastraceae										
Monteverdia truncata (Nees) Biral	Espinheira-santa	Medicinal	Folha	13: Problemas no estômago	Decocção	Cul	Interno	Nat	Caatinga	Arbustiva
Costaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Costus spicatus (Jacq.) Sw.	Cana-de-macaco	Medicinal	Folha	16: Problemas nos rins	Infusão	Cul	Interno	-	-	Arbustivo
Crassulaceae										
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw.	Saião	Medicinal	Folha	12: **Gripe**; resfriado 13: problemas no estômago	Decocção, Maceração	Cul	Interno	Nat	Amazônia, Mata Atlântica	Herbácea
Curcubitaceae										
Sicyos edulis Jacq.	Chuchu-anão	Alimentar	Fruto	-	Cozido, assada	Cul	Interno	Nat	Área antrópica	Trepadeira
Momordica balsamina L.	Melão-são-caetano	Medicinal	Folha	12: **Gripe**, resfriado, problemas pulmonares	Xarope, infusão	Es	Interno	E	-	Herbáceo
Cucumis anguria L.	Maxixe	Alimentar	Fruto	-	In natura	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Abustiva

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Citrullus lanatus (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	Alimentar	Fruto	-	In natura	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Liana
Cucurbita sp.	Abóbora	Medicinal[1], alimentar[2]	Semente[1], fruto[2]	01: Verme[1]	Farinha da semente seca	Cul	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo
Dioscoreaceae										
Dioscorea bulbifera L.	Acará	Alimentar	Fruto	-	Cozido, assada	Cul	Interno	Nat	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Trepadeira
Ebenaceae										
Diospyros kaki L.f.	Caqui	Medicinal, alimentar	Fruto	02: Detonar cancer	In natura	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbórea
Euphorbiaceae										
Acalypha chamaedrifolia (Lam.) Müll.Arg.	Rabo-de-macaco	Ornamental	Planta inteira	-	-	Cul	-	NB		Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Manihot esculenta Crantz	Aipim	Alimentar	Raiz tubero-as	-	Cozido	Cul	Interno	N	Amazônia, Cerrado	Arbustivo
Fabaceae										
Phaseolus lunatus L.	Fava	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Na	Mata Atlântica	Herbácea
Phaseolus vulgaris L.	Vagem	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Herbácea
Inga sp.	Ingá	Medicinal 1, alimentar2	Fruto1, 2, folha[1]	15: Bom para os ossos; 09: bom para a vista	Decocção[1], in natura[2]	-		N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Arbórea
Gentianaceae										
Centaurium erythraea Rafn.	Fel-da-terra	Medicinal	Folha	16: Bom para toda parte uterina/períneo, infecção de urina	Decocção (gargarejo	Cul	Interno	Na	Mata Atlântica	Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Lamiaceae										
Cunila microcephala Benth.	Poejo	Alimentar, medicinal	Folha	Tempero; 12: **Gripe**, tosse, catarro	Xarope com mel	Cul	Interno	N	Mata Atlântica	Herbácea
Leonurus sibiricus L.	Macaé	Medicinal	Folha	13: Dor de barriga, dor no estômago	Infusão	Cul	Interno	-	-	Herbácea
Mentha spicata L.	Hortelã	Medicinal, Alimentar	Folha	**Tempero**; 15: **Antinflamatório**; 01: verme; 06: Calmante	Decocção, in natura, misturado com leite	Cul	Interno	Na	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Herbácea
Plectranthus barbatus Andr.	Boldo	Medicinal	Folha	13: **Fígado, estômago, diarreia; ressaca**	Decocção, infusão, maceração	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbustiva
Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng.	Hortelã-pimenta	Alimentar	Folha	Tempero	In natura	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbustivo
Mentha piperita L.	Menta	Alimentar	Folha	Tempero	In natura	Cul	Interno	Cul	-	Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Mentha pulegium L.	Poejo	Medicinal	Folha	12: **Gripe**, catarro, expectorante	Decocção, xarope	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Salvia officinalis L.	Sálvia	Medicinal	Folha	Bom para tudo	Chá na água fria ou infusão	Cul	Interno	Cul	Mata Atlântica	Herbáceo
Origanum vulgare L.	Orégano	Medicinal, alimentar	Folha	05: Reduz colesterol	Infusão	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Herbáceo
Stachys byzantina K.Koch	Peixinho	Alimentar	Folha	-	Refogada	Cul	Interno	Cul	Não ocorre	Erva
Ocimum gratissimum L.	Alfavaca	Alimentar	Folha	-	Refogada	Cul	Interno	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Arbustivo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Leonotis nepetifolia (L.) R.Br.	Cordão-de-frade	Medicinal	Folha	12: Limpar pulmão com secreção; 13: prisão de ventre	Decocção	Cul	Interno	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo
Lauraceae										
Laurus nobilis L.	Louro	Medicinal	Folha	Tempero; 16: Diurético; 11: regula pressão arterial	In natura	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Persea americana Mill.	Abacate-manteiga	Medicinal[1], alimentar[2]	Fruto[2], folha[1]	16: Bom para os rins	Decocção	Cul	Interno	Na	Mata Atlântica	Naturalizada
Loranthaceae										
Struthanthus flexicaulis (Mart.) Mart.	Erva-passarinho	Medicinal	Folha	12: Pneumonia	Bate no liquidificador	Es	Interno	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Herbácea
Lythraceae										
Punica granatum L.	Romã	Medicinal	Folha	21: Infecção na garganta	Infusão	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbóreo
Malpighiaceae										
Malpighia emarginata DC.	Acerola	Medicinal, alimentar	Folha	03: baixa imunidade, aumentar vitamina	Infusão	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbóreo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Malvaceae										
Abelmoschus esculentus (L.) Moench	Quiabo	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbustivo
Malvaviscus arboreus Cav.	Malvavisco	Construção	Planta inteira	-	-	Cul	Externo	Cul	??	Arbustivo
Sida rhombifolia L.	Vassoura-preta	Medicinal	Folha	14: Queda de cabelo; 11: **Baixar a pressão**	Infusão, banho	Cul	Interno/Externo	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo
Myrtaceae										
Pimenta dioica (L.) Merr.	Pimenta-da-jamaica	Alimentar	Folha, sementes	Tempero	Maceração	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbóreo
Eugenia uniflora L.	Pitanga	Alimentar	Fruto	-	In natura	Es	Interno	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Arbustivo
Myrciaria glazioviana (Kiaersk.) G.M.Barroso ex Sobral	Cabeludi-nha, pé-de-veludo	Medicinal, alimentar	Folha, fruta	03: Baixa imunidade	Infusão da folha, licor do limão, in natura	Es	Interno	N	Mata Atlântica	Arbóreo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Psidium guajava L.	Goiaba	Medicinal[1],[2], Alimentar[3]	Folha[1], Casca do caule[2], Fruto[3]	16: Candidíase[1]; 22: Cicatrizante[2]; 13: diarréia[1] [3]	Decocção[1], Coloca em cima após decocção[2], In natura[3]	Cul	Externo	Na	Naturalizada	Arbóreo
Plinia peruviana (Poir.) Govaerts	Jabuticaba	Medinal, alimentar	Fruto	02: Câncer de mama	Fruta seca	Cul	Interno	N	Mata Atlântica	Arbórea
Moraceae										
Artocarpus heterophyllus Lam.	Jaca	Medicinal, alimentar	Fruta[1], folha[1]	11: Pressão alta, derrame, infarto, taquicardia	In natura[1], Decocção[2]	Cul	Interno	Nat	Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica	Arbórea
Musaceae										
Musa sp.	Bananeira	Medicinal 1, alimentar2	Folha1, fruto2	12: Tira a rouquidão[1]; 05: diabetes[1]	Decocção[1], farinha do fruto verde seco[1],[2]	Cul	Interno	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Herbácea
Passifloraceae										
Passiflora edulis Sims	Maracujá	Medicinal 1, alimentar	Folha1, fruto	13: Desintoxica o corpo; 06: Calmante	Infusão	Es	Interno	N	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Liana
Plantaginaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Plantago lanceolata L.	Tansagem, transagem	Medicinal	Planta inteira	13: dor de dente; 16: **problemas no útero** e ovário; 15: antinflamatório 1	Banho/Decocção; Infusão1	Es	Interno	Na	Mata Atlântica, Pampa	Herbácea
Poaceae										
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf	Capim-limão, erva-cidreira, capim-cidreira	Medicinal	Folha	06: **Calmante**, mal-estar	Decocção, infusão	Cul	Interno	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Herbácea
Zea mays L.	Milho	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Erva
Saccharum officinarum L.	Cana-de-açúcar	Medicinal, alimentar	Folha[1], caule[2]	12: Corta a tosse[1]	Infusão	Cul	Interno	Cul	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Cymbopogon sp.	Citronela	Medicinal, alimentar	Planta inteira	23: Repelente	In natura	Cul	Externo	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Herbáceo
Polygonaceae										
Polygonum hydropiperoides Michx.	Erva-de-bicho	Medicinal	Planta Inteira	14: Coceira	Decocção, banho	Es	Interno	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea
Portulacaceae										
Portulaca grandiflora Hook.	Onze-horas	Ornamen-tal	Planta inteira	-	-	Cul	-	N	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Herbácea
Solanaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Solanum tuberosum L.	Batata-inglesa	Alimentar	Tubérculo	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea
Solanum melongena L.	Berinjela	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Herbácea
Solanum aethiopicum L.	Jiló	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbustivo
Capsicum annuum L.	Pimentão	Alimentar	Fruto	-	Cozido	Cul	Interno	Cul	Amazônia	Herbácea
Solanum lycopersicum L.	Tomate	Medicinal 1, alimentar2	Folha1, fruto2	15: Antinflamatório	Decocção	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbusto
Cestrum nocturnum L.	Coirana	Medicinal	Leite da folha	01: Berne	Passa na pele	Cul	Externo	Cul	Área Antrópica	Arbustivo
Rosaceae										
Rosa alba L.	Rosa-branca	Medicinal	Pétala	15: Antinflamatório; 16: bom para o útero	Infusão	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Subarbustiva
Prunus domestica L.	Ameixa	Medicinal, alimentar	Folha1, fruto	11: Hipertensão1	Infusão	Cul	Interno	Cul	Área Antrópica	Arbóreo

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continuação).

Rubiaceae										
Ipomoea batatas (L.) Lam.	Batata-doce	Medicinal, alimentar	Raiz tuberosa	13: Dor de dente	Decocção	Cul	Interno	Na	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbáceo
Rutaceae										
Citrus aurantium L.	Turanja	Alimentar	Fruto	-	Fazer doce	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Arbóreo
Citrus x limon (L.) Osbeck	Limão-siciliano	Alimentar	Fruto	-	In natura	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Árbóreo
Citrus latifolia Tanaka	Limão-taiti	Medicinal	Fruto	11: Pressão alta, veia entupida, má circulação, bom para o coração	Suco	Cul	Interno	-	-	Arbustivo
Ruta graveolens L.	Arruda	Ritual	Planta inteira	**Mal-estar**, abrindo a boca, mau-olhado	Colocar galho atrás da orelha	Cul	Externo	Cul	Área antrópica	Herbácea
Oxalaceae										

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

Tabela 5 – Lista de espécies encontradas no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Conclusão).

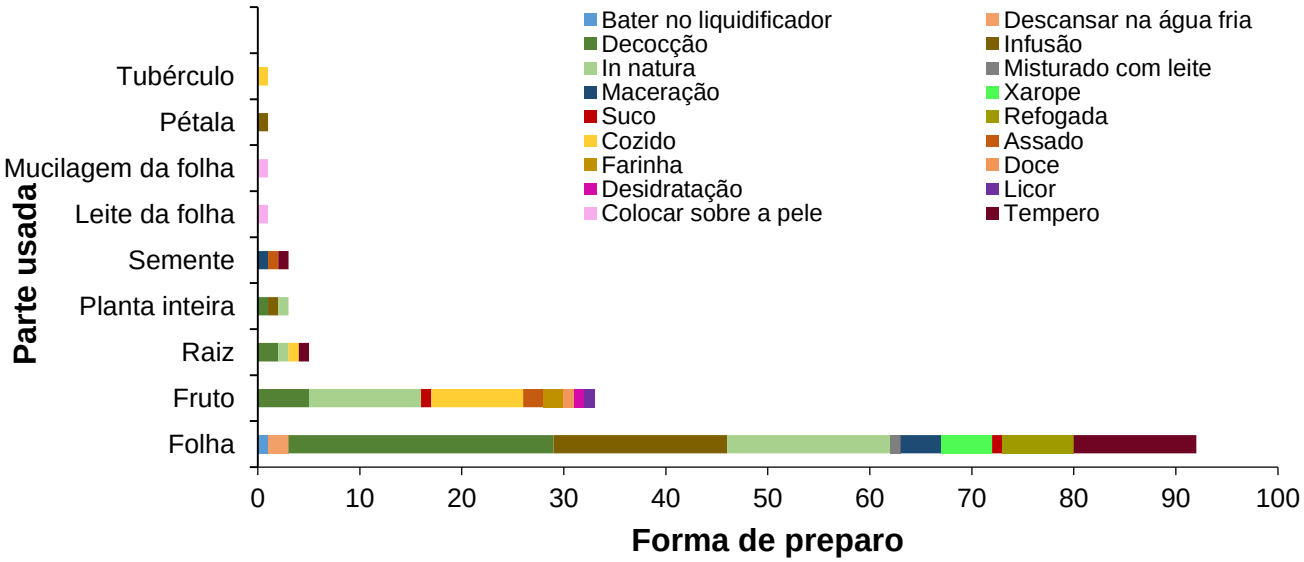
Oxalis latifolia Kunth	Azedinha	Medicinal	Folha	01: Para banhar boca da criança com sapinho	Decocção	Cul	Externo	Na	Área Antrópica	Herbáceo
Zingiberaceae										
Zingiber officinale Roscoe	Gengibre	Alimentar	Folha	Tempero	In natura	Cul	Interno	Cul	Área antrópica	Herbácea

Legenda: O = Origem; CU = Categoria de Uso; PU = Parte Utilizada; FO = Forma de Obtenção. N = Nativa; Na = Naturalizada; Cul = Cultivada; Es = Espontânea; E = Exótica; NB = Não ocorre no Brasil. Indicações marcadas em negrito = Indicações mais citadas pelos participantes.

2.4.2 Parte usada e modo de preparo

A folha é a estrutura mais recorrente nas preparações (n = 80), seguida pelo uso do fruto (n = 33) e consumo da raiz (n = 4). O predomínio do uso de folhas pode estar associado ao hábito de crescimento das plantas, uma vez que ocorreu predominância das ervas (n = 42), seguidas pelas plantas arbóreas (n = 10) e trepadeiras (n = 8). Com relação ao modo de preparo, a decocção foi a método mais citado (n = 34), seguido por *in natura* (n = 29) e infusão (n = 19) (Figura 15).

Figura 15 – Partes utilizadas e formas de preparos das espécies citadas pelos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.



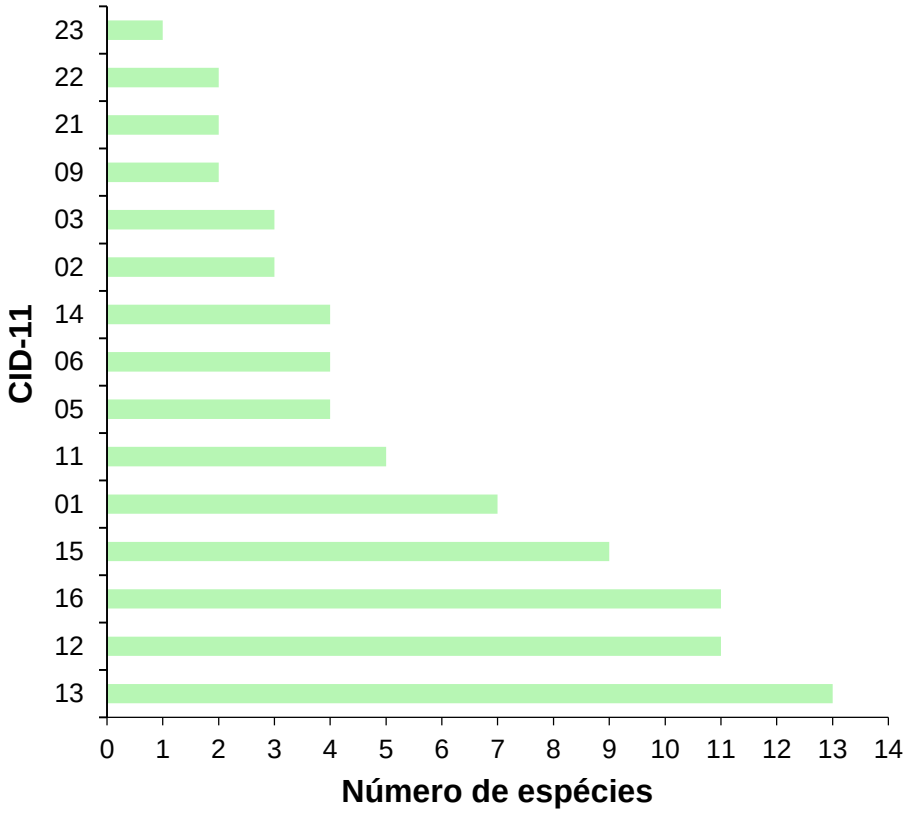
Fonte: A autora, 2021

2.4.3 Indicações / CID-11

Os entrevistados efetuaram indicações de uso pertencentes a sintomas de diferentes sistemas do corpo humano (Tabela 5). As indicações de categorias do CID-11 mais frequentes foram: doenças do aparelho digestivo (13) (n = 13), doenças do aparelho geniturinário (16) (n

= 11) e doenças do sistema respiratório (12) (n = 11) (Figura 16). Nas indicações para doenças do código 13 (doenças do aparelho digestivo) foram citadas: *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw. (saião), *Plantago lanceolata* L. (tansagem) e *Monteverdia truncata* (Nees) Biral (espinheira-santa), indicadas para problemas no estômago. As espécies *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltr.) Micheli (chapéu-de-couro) e *Bidens* sp. (carrapicho) foram citadas para tratamento de infecção urinária e problemas nos rins.

Figura 16 – Frequência de citação de plantas medicinais utilizadas no tratamento de sistemas corporais, classificada de acordo com CID-11, pelos participantes do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: A autora, 2021

O Fator de Consenso do Informante (FCI) das plantas medicinais variou de 0 a 0,6 (Tabela 6). A categoria de Doenças do sistema circulatório apresentou o maior valor (0,6), seguida por Doenças do sistema respiratório (0,33) e Doenças do sangue e dos órgãos

hematopoéticos (0,33). Por outro lado, sete categorias de doenças não apresentaram acordo entre os informantes e apresentaram um FCI = 0.

Tabela 6 – Número de citações de espécies, indicações e Fator de Consenso do Informante das plantas medicinais mencionadas pelos moradores do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Continua).

Cód	**CID**	**Número de indicações**	**Número de espécies**	**FCI**
11	Doenças do sistema circulatório	11	5	0,6
03	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos	4	3	0,33
12	Doenças do sistema respiratório	16	11	0,33
13	Doenças do sistema digestivo	18	13	0,29
16	Doenças do aparelho geniturinário	15	11	0,28
05	Doenças endócrinas, nutricionais ou metabólicas	5	4	0,25
14	Doenças da pele	5	4	0,25
15	Doenças do sistema musculoesquelético ou tecido conjuntivo	11	9	0,2
01	Algumas doenças infecciosas ou parasitárias	7	7	0
02	Neoplasias (tumores)	3	3	0
06	Transtornos mentais, comportamentais ou de desenvolvimento neurológico	4	4	0
09	Doenças do sistema ocular	2	2	0
21	Sintomas, sinais ou achados clínicos, não classificados em outra parte	2	2	0

Tabela 6 – Número de citações de espécies, indicações e Fator de Consenso do Informante das plantas medicinais mencionadas pelos moradores do Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil (Conclusão).

22	Lesões, envenenamento ou certas outras consequências de causas externas	2	2	0
23	Causas externas de morbidade ou mortalidade	1	1	0

2.4.4 Consenso das plantas

O valor de uso das espécies de plantas citadas variou de 0,1 a 0,7. A espécie *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze se destacou com o maior valor de uso (0,7), seguido por dez espécies com VU = 0,4 (*Aloe vera*, *Gymnanthemum amygdalinum*, *Pereskia aculeata*, *Carica* sp., *Cunila microcephala* Benth., *Mentha spicata*, *Plectranthus barbatus*, *Artocarpus heterophyllus*, *Plantago lanceolata* e *Citrus latifolia*. Com relação à Popularidade Relativa (PR) (variação, 0,16 – 1) e Ordenamento de Prioridade (ROP) (variação, 16,6 - 66,6), destacaram-se *Mentha spicata* (PR = 1; ROP = 66,6) e *Mentha pulegium* L. (PR = 1; ROP = 66,6), *Alternanthera brasiliana* (PR = 0,83; ROP = 0,66), *Cunila microcephala* (PR = 0,66; ROP = 50).

O Nível de Fidelidade (NF) apresentou variação de 33,3% a 100%, 12 espécies apresentaram NF = 100%, sendo elas: *Justicia pectoralis* Jacq., *Allium schoenoprasum* L., *Foeniculum vulgare* Mill., *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw., *Momordica balsamina* L., *Plectranthus barbatus* Andr., *Laurus nobilis* L., *Punica granatum* L., *Sida rhombifolia* L., *Passiflora edulis* Sims, *Rosa alba* L. A Concordância de Uso Principal apresentou os mesmos valores do NF, entretanto abrangeu as espécies que não fossem apenas medicinais, como a *Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss (CUP = 100%). Quanto aos valores de Frequência de Citação (FC) (variação, 0,6 - 4) e Frequência de Citação Relativa (FCR) (variação, 0,06 - 0,4) se destacam as espécies *Mentha spicata* L. (FC = 4,02; FCR = 0,4) e *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (FC = 3,35; FCR = 0,33) (Tabela 7).

Tabela 7 - Espécies com os maiores valores de forma concomitante de Valor de Uso (VU), Nível de Fidelidade (NF), Popularidade Relativa (PR), Ordenamento de Prioridade (ROP), Frequência de Citação (FC) e Frequência de Citação Relativa (FCR) (Continua).

Família/Nome científico	Nome Comum	VU	NF	CUP	PR	ROP	FC	FCR
Acanthaceae								
Pachystachys lutea Nees	Novalgina	0,2	-	-	0,33	33,3	1,34	0,13
Apiaceae								
Foeniculum vulgare Mill.	Funcho	0,1	-	-	0,33	33,3	1,34	0,13
Amaranthaceae								
Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze	Terramici-na, terremicina	0,7	80	80	0,83	66,6	3,35	0,33
Petroselinum crispum (Mill.) Fuss	Salsinha	0,2	-	100	0,66	66,6	2,68	0,26
Amaryllidaceae								
Allium schoenoprasum L.	Cebolinha	0,1	-	-	0,33	33,3	1,3	0,13
Asphodelaceae								
Aloe vera (L.) Burm.f.	Babosa	0,4	-	-	0,33	0	1,34	0,13
Asteraceae								
Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Boldo	0,4	50	50	0,66	33,3	2,68	0,26
Cactaceae								
Pereskia aculeata Mill.	Ora-pro-nobis	0,4	-	33,3	0,5	16,6	2,01	0,2
Caricaceae								
Carica sp.	Mamão	0,4	-	-	0,16	16,6	0,67	0,06
Crassulaceae								
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw.	Saião	0,3	-	-	0,33	33,3	1,34	0,13
Lamiaceae								
Cunila microcephala Benth.	Poejo	0,4	75	75	0,66	50	2,68	0,26
Mentha spicata L.	Hortelã	0,4	66,6	66,6	1	66,6	4,02	0,40
Plectranthus barbatus Andr.	Boldo	0,4	100	100	0,5	50	2,01	0,20
Mentha pulegium L.	Poejo	0,3	75	75	0,66	50	2,68	0,26

Tabela 7 - Espécies com os maiores valores de forma concomitante de Valor de Uso (VU), Nível de Fidelidade (NF), Popularidade Relativa (PR), Ordenamento de Prioridade (ROP), Frequência de Citação (FC) e Frequência de Citação Relativa (FCR) (Conclusão).

Lauraceae								
Laurus nobilis L.	Louro	0,3	-	-	0,33	33,3	1,34	0,13
Lythraceae								
Punica granatum L.	Romã	0,2	-	-	0,5	33,3	2	0,2
Malpighiaceae								
Malpighia emarginata DC.	Acerola	0,2	66,6	66,6	0,5	33,3	2,01	0,20
Myrtaceae								
Psidium guajava L.	Goiaba	0,3	50	50	0,66	33,3	2,68	0,26
Moraceae								
Artocarpus heterophyllus Lam.	Jaca	0,4	-	-	0,16	16,6	0,67	0,06
Passifloraceae								
Passiflora edulis Sims	Maracujá	0,4	-	-	0,5	33,3	2,01	0,20
Plantaginaceae								
Plantago lanceolata L.	Tansagem, transagem	0,4	66,6	66,6	0,5	33,3	2,01	0,20
Poaceae								
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf	Capim-limão, erva-cidreira, capim-cidreira	0,2	75	75	0,66	50	2,68	0,26
Rutaceae								
Citrus latifolia Tanaka	Limão-taiti	0,4	-	-	0,16	16,6	0,67	0,06
Ruta graveolens L.	Arruda	0,3	-	-	0,33	33,3	1,34	0,13

2.4.5 Relação entre os quilombolas e as plantas

Os quilombolas afirmam que seu conhecimento no uso das plantas foi transmitido através de seus familiares, pais e avós. Esta sabedoria é transmitida de forma oral através das gerações das famílias. Há cerca de 50 anos, a comunidade exercia atividades econômicas

vinculadas às plantas cultivadas. A fabricação de peneiras e cestas confeccionadas com bambu, plantações de arroz e feijão, produção de fubá eram atividades frequentes no território quilombola. Entretanto, atualmente, o moinho de fubá encontra-se inativo e as demais práticas são inexistentes.

> E2: *"aqui fazia artesanato, peneira, cesta, faz com bambu que é apropriado pra isso. A gente perdeu muita coisa aqui. A gente vivia disso, fazia embalagem de cesta. Vivia de artesanato e de plantação, né. Mas a gente perdeu muita, muita coisa. Há uns 50 anos a gente fazia isso, mas foi perdendo."*

Na comunidade estudada, as plantas citadas estão presentes nos quintais das casas dos moradores. Esses recursos estavam presentes desde a infância dos quilombolas e, por isso, estimulam seu cultivo para dar prosseguimento à sabedoria de seus antepassados. Neste cenário é importante destacar a produção de rapadura e melaço, na qual o líder da comunidade sucede sua tradicional produção. Este produto é vendido no centro da cidade, diferentemente das demais espécies que são utilizadas para consumo próprio.

> E2: *"Eu fui criado com essas plantas. O chá a minha avó já dava pra nós quando a gente tinha dor de barriga, qualquer mal era chá. O conhecimento é maior que o remédio de farmácia. Então a gente cultiva, né, essa prática é muito importante. A gente tem que cultivar e passar pra frente."*

Apesar do interesse em dar continuidade aos cultivos, o líder da comunidade enfatiza que com o passar dos anos, o quilombo sofreu uma drástica redução de sua extensão territorial devido à expansão de latifundiários. Neste processo, os quilombolas perderam suas terras produtivas e tiveram acesso apenas às áreas íngremes, dificultando a implementação de novos cultivos e moradias.

> *E5: "Porque na verdade era terra toda nossa, quando o negro teve alforria, veio os primeiros negros aqui era uma extensão de terra enorme, era até do outro lado do rio, era tudo do quilombo. Mas só que com o tempo, né, quando acharam negro na terra aqui, o que aconteceu, do dia pro outro, por exemplo: agora vocês estão livres, mas tem que se virar. Vai alimentar como? Aí os fazendeiro e alguém esperto veio montar o armazém na redondeza por aqui. Os negros iam comprar, mas num tinha dinheiro e dava*

a terra. Como que de um dia pro vai se sustentar, sem nada? Acabou a escravidão e foi deixado ali sem nada e os fazendeiros se aproveitaram."

E5:*"Nós vamo permanecer aqui enquanto tiver o mundo, por 2.000 anos, 5.000 anos, não sei quanto vai durar, né. Essa família, os quilombolas vão viver esse tempo todo aqui dentro, 100 família, 1.000 famílias, nossa intenção é essa, que eles tenham espaço pra morar, pra poder plantar, criar, as melhores águas, as do fazendeiro é tudo água boa, uma irrigação pra molhar as plantas, pra turismo ecológico muita mata, aqui tem muita mata. Então pros quilombola sobreviver, o turismo ecológico, né.* [...] *É pra ter certeza que amanhã eles vão ter o território pra sobreviverem, né. O nosso foco aqui é de que deixar o quilombo o máximo de área de terra bastante preservado pra próxima geração."*

A comunidade possuía muitas benzedeiras e parteiras, porém com o envelhecimento e perda dessas moradoras, não houve continuidade na prática pelos demais quilombolas. Atualmente, o quilombo possui apenas duas benzedeiras e de acordo com o líder da comunidade, os moradores raramente solicitam o auxílio dessas especialistas.

E2: "*Já perdemo muita coisa aqui já...muito conhecimento, benzedeira que tinha aqui muito, parteira e a gente foi perdendo. Tem alguma bezendeira ainda, temo duas, mas antigamente tinha muito e rezava pra mal olhado, se torcia o pé ela benzia, né."*

Quando questionados sobre a transmissão do conhecimento associado às plantas, quatro entrevistados afirmam que ainda é repassado entre as gerações, quatro relatam que a transmissão não ocorre mais e dois afirmam que o saber é pouco transmitido.

E9: "*As pessoa por aqui não sabe não, só pensa em remédio."*

E3: "É...eles não se importam muito não, né, é...eles não se importam muito com chazin não. É diferente, né. Eu ainda falo com os meus filhos, a gente foi criado de outra forma."

E1: "Tá continuando, eles tão acostumado. A gente vai aproximando eles."

Com relação ao interesse dos jovens no uso das plantas da comunidade, quatro participantes relatam que os mais novos não se interessam, três consideram pouco interesse, dois acreditam que os jovens se interessam e um não soube informar.

E2: “*Pros mais novos a gente vê muito pouco, mas tem. A gente tá passando pra eles, né, mas é mais difícil.”*

E5*: “Todo mundo que eu conheço daqui quando a gente fala “ah tô com dor nisso”, “ah toma um cházinho ali”, “ah vou fazer”, “você tem aí”, “na tua casa tem isso?”, “na tua casa tem aquilo?”. A gente tá sempre trocando, sabe?[...]*

E10: *“Hoje tudo o que a gente sente a gente vai na farmácia, né. Dificilmente a gente pega uma, as pessoas mais velha ainda pega pra fazer o chá, mas o mais novo não, tá se perdendo.”*

Ao perguntar sobre a possível manutenção, aumento ou redução do conhecimento quanto comparado ao passado, sete participantes consideram que houve redução, um acredita que se manteve, um relata que o saber se mantêm “mais ou menos” e um não soube responder.

E5*: “eu creio, assim, que se perdeu muito, né. Mas a gente tá sempre fazendo pra não esquecer, né. Eu creio que se perdeu muito, que os jovens de hoje são mais...tudo é farmácia né.* [...] *eu falo que quando eu tiver meu neto eu quero que ele seja criado com esses remédio caseiro, com essas coisa. Porque meu filho foi criado só assim, né, e eu tô assim até hoje, meu marido assim também até hoje. E tento passar adiante também não só pro pessoal do quilombo, mas o pessoal que eu conheço também. [...] e a gente não perde isso, não perde essa origem nossa, perdemo jamais, tem que ter.”*

E8: “Eu acho que diminuiu bem mesmo. Quando eu era pequena, minha avó era viva, pra agora diminuiu muita coisa, porque foi se perdendo, né. Tinha mais era ela, que era mais antiga no local, então ela incentivava isso da gente. “Ah tá com uma dor de cabeça”. Toma remédio, eu comecei a tomar remédio agora depois de adulta, porque antes só natural."

2.5 **Discussão**

Os dados levantados demonstram o predomínio de mulheres, sendo o único homem, líder da comunidade. Culturalmente homens e mulheres atuam em espaços diferentes (HOWARD, 2003; MÉNDEZ; LOK; SOMARRIBA, 2001). De acordo com Voeks (2007), nas regiões tropicais as divisões de gênero prevalecem em atividades inseridas em comunidades em áreas rurais. E por isso, em algumas comunidades afastadas de centros urbanos, as mulheres detêm a responsabilidade da segurança alimentar e bem-estar dos familiares (QUISUMBING & MEIZEN-DICK, 2001). É importante considerar que o estudo é um recorte da comunidade, e tal fator poderia variar conforme a variação do número de entrevistados. Entretanto, a escolha dos participantes foi efetuada junto ao líder comunitário, auxiliando na seleção de quilombolas que possuem maior contato com os recursos vegetais locais.

O maior número de moradores com ensino incompleto ocorre devido ausência de escolas próximas à comunidade até 1991. A inacessibilidade ao ensino escolar denota as condições precárias e marginalização social que afetam a comunidade (VASCONCELLOS, 2004). Não houve indicação de entrevistados abaixo de 33 anos, e o entrevistado mais novo mencionou o menor número de plantas (9). O acúmulo do saber decorre ao longo dos anos, na vivência dos moradores, sendo disseminado oralmente e transmitido para as gerações mais novas (LEV; AMAR, 2010) e, em algumas comunidades este saber se concentra fortemente nos moradores mais velhos.

2.5.1 Diversidade e uso de plantas

As famílias botânicas mais encontradas também são recorrentes nos estudos etnobotânicos no estado do Rio de Janeiro, como citado por Rocha (2014) e Maioli-Azevedo (2008). A família Asteraceae é uma das maiores famílias botânicas e compreende cerca de 1.700 gêneros e 27.000 espécies, representando 10% do grupo das Angiospermas (PANERO et al., 2014; PANERO; CROZIER, 2016). No Brasil, existem aproximadamente 289 gêneros e 2.097 espécies de Asteraceae, distribuídas em diferentes formações vegetacionais (FLORA

DO BRASIL, 2020). Enquanto a família Lamiaceae possui muitas espécies tradicionalmente comercializadas no mundo devido ao uso medicinal, condimentar e aromático (RAJA, 2012).

Os entrevistados relataram um elevado número de plantas medicinais. Dentre as 28 espécies medicinais citadas, 26 pertencem exclusivamente a esta categoria. A instalação do posto de saúde na comunidade ocorreu apenas em 2003. Apesar do seu estabelecimento facilitar o acesso à recursos biomédicos, devido à distância a farmácias e hospitais do centro da cidade, os moradores não possuem atendimento contínuo, uma vez que seu funcionamento ocorre quatro vezes ao mês. A inexistência de farmácias e hospitais próximos às comunidades potencializa a utilização das plantas como único recurso terapêutico disponível para os moradores (PASA et al., 2005).

Dentre as plantas nativas, oito espécies são nativas da Mata Atlântica. Estudos demonstram que a proporção de espécies nativas e não nativas podem variar de forma independente do bioma ou grupo humano (AMOROZO; GÉLY, 1988; BEGOSSI et al., 2002; ALBUQUERQUE et al., 2009), sendo assim, não há padrões em estudos etnobotânicos na quantidade de espécies nativas e exóticas nas comunidades tradicionais.

2.5.2 Parte usada e modo de preparo

Nos preparos mencionados, a maior utilização das folhas pode estar assimilada ao predimínio de espécies herbáceas e à facilidade de acesso a essas estruturas vegetais se comparadas a outras (SILVA et al., 2012; CHAHAD et al., 2015). O uso das folhas é considerado mais sustentável uma vez que consistem em partes aéreas das plantas e não impossibilita o desenvolvimento e processo reprodutivo da espécie (RAMOS et al., 2011). O reduzido número de espécies arbóreas está associado ao fato das plantas mencionadas estarem presentes nos quintais dos entrevistados, sendo assim, a restrição de espaço torna mais suscetível o cultivo ou aparecimento de plantas herbáceas de pequeno porte.

2.5.3 Indicações / CID-11

A preponderância do tratamento de doenças do aparelho digestivo, aparelho geniturinário e sistema respiratório podem refletir o cenário das principais doenças vivenciadas pela comunidade, como problemas no estômago e rins, diarréia, infecção urinária e gripe mencionados no estudo. Resultados semelhantes também foram encontrados em outros estudos de comunidades rurais (RODRIGUES; CARVALHO, 2001; AMOROZO, 2002; NETO, et al. 2014; RODRIGUES; ANDRADE, 2014), comunidades quilombolas (MONTELES; PINHEIRO, 2007) e comunidades ribeirinhas (RIBEIRO et al. 2017).

Em geral, os informantes indicaram baixos valores de consenso sobre as plantas utilizadas como tratamento para as categorias de doenças mencionadas, sendo grande parte das categorias com FCI menor que 0,4. Os valores baixos de FCI encontrados podem indicar o menor número de plantas utilizadas para tratar determinada doença (WANG et al. 2017), mas principalmente um menor consenso entre os informantes (TEFERA; KIM 2019).

Entretanto, apesar dos baixos valores e a evidência de doenças digestivas, as doenças do sistema circulatório apresentaram um FCI maior que 0,4. Isso pode ser explicado devido ao fato de que todos os informantes indicaram espécies para tratamento da pressão alta dentro dessa categoria. Dessa forma, o valor mais alto encontrado para as doenças do sistema circulatório pode indicar que estes distúrbios são geralmente comuns entre os moradores do quilombo. Em geral, em todos os países do mundo, existe um predomínio da hipertensão arterial como maior fator de risco para mortalidade da população (BRANDÃO et al. 2003; MARQUES et al. 2020). Por fim, o levantamento etnobotânico com as indicações evidenciadas pelo grupo estudado, pode auxiliar na obtenção de dados de doenças que mais afligem a comunidade apontando a necessidade de assistência básica de saúde (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; RIBEIRO et al. 2017).

2.5.4 Consenso das plantas

As espécies *Alternanthera brasiliana* (terramicina), *Cunila microcephala* (Poejo), *Mentha spicata* (Hortelã) e *Plectranthus barbatus* (Boldo) apresentaram elevados valores de forma concomitante de VU, CUP, NF, PR, ROP, FC e FCR. Os altos valores encontrados

indicam que estas plantas foram as espécies mais populares utilizadas, concordadas pelos informantes e com indicações mais homogêneas.

A terramicina, *Alternanthera brasiliana*, por exemplo, foi a espécie com principal escolha para tratar uma doença. Dentre suas indicações, o tratamento para infecção urinária está inserida na categoria de Doenças do aparelho geniturinário, uma das mais representativas no estudo. Além disso, apresentou uma ampla concordância entre as respostas dos informantes para as indicações terapêuticas principais (antibiótico e infecção urinária). A utilização da *A. brasiliana* é comumente encontrada na medicina popular, com comprovação na atuação como antiinflamatória, analgésica e atividade inibidora do vírus da herpes simples (HORWAT DELAPORTE et al., 2002).

Plectranthus barbatus (boldo) e *Petroselinum crispum* (salsinha) possuem a totalidade de concordância (100%) com relação ao uso principal da planta. As indicações principais de uso do boldo (fígado, estômago, diarreia), pertencem à categoria de doenças mais citadas pelos quilombolas (Doenças do aparelho digestivo). Essas indicações da espécie também são encontradas em outros estudos etnobotânicos (MEYER; QUADROS; ZENI, 2012; VÁSQUEZ et al., 2014; DAVID; PASA 2015; PENIDO et al., 2016; CERQUEIRA et al., 2020). Enquanto a salsinha, devido ao seu uso alimentar, se sobressaiu pela utilização como tempero.

Enquanto isso, *Mentha spicata* (hortelã) foi evidenciada com a maior popularidade e maior frequência de citações pelos entrevistados. Apresentando quatro usos diferentes, a utilização como tempero e antibiótico se evidenciaram como os principais. Devido ao uso alimentar e medicinal, a planta também se destacou em outros estudos (RIBEIRO et al. 2017; DANTAS; TORRES 2019; TATAGIBA et al. 2019).

Em estudos etnobotânicos, a utilização e comparação de índices quantitativos contribui para um melhor entendimento do conhecimento tradicional de plantas utilizadas por um determinado grupo étnico (PRABHU et al., 2021). Determinados índices são altamente dinâmicos, pois baseiam-se na compreensão e conhecimento tradicional da população local, sendo assim podem diferir de um local para o outro, mesmo dentro da mesma área (IQBAL et al., 2021). A abordagem quantitativa da etnobotânica, com o uso de diferentes índices podem contribuir para a determinação do uso, da confiabilidade e das características farmacológicas das plantas (CANALES et al., 2005).

2.5.5 Relação entre os quilombolas e as plantas

Algumas tradições na comunidade estudada foram extintas (e.g. artesanato, moinho de fubá, cultivo de arroz). Os autores Albuquerque e Alves (2016) realizam uma analogia em relação à etimologia das palavras “tradição” e “transição”, demonstrando a não estagnação das tradições, que devido ao seu caráter intrínseco para introdução de mudanças, estão suscetíveis a novas vivências, fatos históricos e inovações. Assim, as comunidades desenvolvem práticas realizadas por meio da utilização das plantas que estão apoiadas na observação e experimentação que se modificam ao longo do tempo (ALBUQUERQUE, 2012).

A maior parte dos participantes demonstraram a redução do conhecimento e a falta ou pouco interesse relacionado à utilização das plantas. As áreas restritivas para os cultivos de plantas contribuíram para o desinteresse e impedimento do avanço da agricultura na comunidade ou pequenos cultivos nos quintais dos moradores. A redução do território devido à invisibilidade dos quilombos e a falta de agilidade no processo de titulação, bem como a redução do espaço devido ao aumento de moradores com o passar dos anos, acarreta na redução de possibilidades para que os moradores obtenham renda com seus recursos. Dessa forma, o título do território e a decorrente desocupação das fazendas vizinhas, além de ser um direito, é primordial para o uso da terra como possibilidades de direitos e de reprodução social, econômica, política e cultural, como observado por Oliveira et al. (2018).

2.6 **Conclusão geral**

O Sudeste do Brasil é uma das regiões com maior número de comunidades quilombolas (527), apesar disso a quantidade de trabalhos de etnobotânica desenvolvidos se restringe a poucos quilombos (19) estabelecidos em seu território. Neste estudo foi possível averiguar que os trabalhos levantados apresentaram baixa similaridade em relação às plantas mencionadas em cada comunidade, sendo perceptível a diversificação e particularidade de saberes associados aos recursos vegetais. O número reduzido de publicações dos estudos em revistas científicas (6) emerge a imprescindibilidade em alavancar a divulgação e universalização das produções científicas de etnobotânica em quilombos da região Sudeste.

Em complemento ao estudo realizado no âmbito regional, a pesquisa de campo realizada na comunidade quilombola Boa Esperança situada no Sudeste demonstrou que os participantes da possuem conhecimento associado às plantas com diferentes indicações, formas de uso e partes utilizadas. Os dados quantitativos identificaram um baixo número de espécies (n = 4) com os maiores e principais relatórios de uso, consenso entre os entrevistados e indicações para determinadas categorias de doenças (códigos CID-11 01, 13, 15, 16), além de se destacarem para o uso alimentício. Os participantes identificaram o desinteresse no uso das plantas pelos jovens da comunidade, fator alarmante ao considerar a pretensão dos moradores em dar continuidade e difusão do saber associado às espécies. Os conflitos e extensas lutas pelo território, parecem contribuir para o menor uso das plantas e reprodução do conhecimento tradicional.

Este estudo fornece uma caracterização e ampliação no conhecimento etnobotânico das comunidades quilombolas do sudeste do Brasil. Os resultados apresentados apontam para a necessidade de novos estudos em quilombos da região, devido ao relevante conhecimento sobre as plantas encontrado na revisão sistemática/meta-análise e no estudo empírico aqui realizado. Sendo assim, percebemos a urgência de estudos que registrem as informações sobre as plantas nessas comunidades que ainda lutam pelo reconhecimento e visibilidade de seus territórios para assegurar sua memória coletiva. Portanto, a socialização e registro do conhecimento tradicional não documentado são importantes para que os saberes locais não se pulverizem e se percam ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ADNAN, M. et al. Ethnomedicine use in the war affected region of northwest Pakistan. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 10, n. 1, p. 1-16, 2014.

AGRA, M. F. et al. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. *Revista brasileira de farmacognosia*, v. 18, n. 3, p. 472-508, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. Comparisons between the use of medicinal plants in indigenous and rural caatinga (dryland) communities in NE Brazil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas medicinales y Aromáticas,* v. 7, n. 3, p. 156-170, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semi-arid region of NE Brazil. *Biodiversity and Conservation*, v. 18, n. 1, p. 127-150, 2009.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. Medical ethnobiology and ethnopharmacology in Latin America. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, v. 2012, 2012.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. Rapid ethnobotanical diagnosis of the Fulni-ô Indigenous lands (NE Brazil): floristic survey and local conservation priorities for medicinal plants. *Environment, development and sustainability*, v. 13, n. 2, p. 277-292, 2011.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. Ten important questions/issues for ethnobotanical research. *Acta Botanica Brasilica*, v. 33, n. 2, p. 376-385, 2019.

ALBUQUERQUE, U. P., LUCENA, R. F. P. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Livro ra´pido/NUPEEA.139–158, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; COOPER, E. L.; MEDEIROS, M. F. T.; ALVES, R. R. N.; LADIO, A. H. Medical ethnobiology and ethnopharmacology in Latin America. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, 2012.

ALBUQUERQUE, U.P. (2005) *Introdução à etnobotânica*. 2ed. Editora Interciência Ltda, Rio de Janeiro. 80p.

ALBUQUERQUE, U.P.; ALVES, A. G. C. *O que é etnobiologia*? In: Albuquerque UP (Org.). Introdução à etnobiologia. 1 ed. Nuppea. Recife. p. 17-22, 2014

ALBUQUERQUE, U.P.; ALVES, A. G. C. *What Is Ethnobiology*? In: Albuquerque, U.P.; Alves, R.R. (Eds.), Introduction to Ethnobiology. Switzerland: Springer, pp. 3-7, 2016

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. 3ª ed. Recife: NUPEEA, p.39-64, 2010

ALEXIADES, M. N. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. *Advances in Economic Botany*, v. 10, p. 53-94, 1996.

ALMASSY et al. *Plantas medicinais na terapeutica humana*. Viçosa: Ed. UFV, 2005.

ALMEIDA, M. Território de afetos: o cuidado nas práticas femininas quilombolas contemporâneas no Rio de Janeiro. *Revista Transversos*, p. 218-234, 2016.

ALMEIDA, M. Z. *Plantas medicinais*. Edufba, 2003.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. *Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas Barcarena*, PA, Brasil. 1988.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

AMOROZO, M. C. M. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, v. 24, n. 1, p. 139-161, 2004.

ANDERSON, M. GR, Clarke K. *PERMANOVA+ for PRIMER: guide to software and statistical methods*. PRIMER-E, Plymouth, UK, 2008.

ANDRADE, C. T. S. et al. Utilização medicinal de cactáceas por sertanejos baianos. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 8, n. 3, p. 36-42, 2006.

ANDRADE, T. (Ed.). *Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas*. 1997.

ANDREWS, G. R. *Freedom Hanging by a Thread: The History of Runaway Slave Communities in Brazil*. 2000.

APG IV (Angiosperm Phylogeny Group). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* n. 181, p. 1-20, 2016

ARAÚJO, F. R. et al. Ethnobotany of babassu palm (*Attalea speciosa* Mart.) in the Tucuruí Lake Protected Areas Mosaic-Eastern Amazon. *Acta Botanica Brasilica*, v. 30, n. 2, p. 193-204, 2016.

Asteraceae in FLORA DO BRASIL 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB55>. Acesso em: 12 mar. 2021

ÁVILA, J. V. C. et al. Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. *Acta Botanica Brasilica*, v. 31, n. 1, p. 1-10, 2017.

BAILEY, K. Methods of social research. Simon and Schuster, 2008.

BALICK, M. J. et al. Plants, people, and culture: the science of ethnobotany. *Scientific American Library*, 1996.

BALICK, M. J.; COX, P. A. Ethnobotanical research and traditional health care in developing countries. *Medicinal plants for forest conservation and health care*, v. 92, p. 12-23, 1997.

BARBIERI, C. H. C.; PASQUA, J. S. O que buscamos em um artigo científico? *Revista Direito* GV, v. 14, p. 810-813, 2018.

BARRETO, R. M. M.; FERRAZ, H. M. Comunidades quilombolas, racismo e ideologia no discurso de Jair Bolsonaro: estudo crítico dos discursos político e judicial. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 10, n. 2, 2020.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human ecology*, v. 30, n. 3, p. 281-299, 2002.

BELTRESCHI, L.; DE LIMA, R. Ba.; DA CRUZ, D. D. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a "quilombola" community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, v. 21, n. 3, p. 1185-1203, 2019.

BENZ, B. F. et al. Losing knowledge about plant use in the Sierra de Manantlan biosphere reserve, Mexico. *Economic Botany*, v. 54, n. 2, p. 183-191, 2000.

BNDigital. Acordos internacionais e legislação sobre escravidão. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/acordosinternacionais-e-legislacao-sobre-escravidao/>. Acesso em 2 dez. 2021

BORGES, M. C. Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, p. 183-198, 2009.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta botanica brasílica*, v. 23, n. 3, p. 769-779, 2009.

BRANDÃO, A. P. et al. Epidemiologia da hipertensão arterial. *Rev. Soc. Cardiol. Estado de São Paulo*, p. 7-19, 2003.

BRASIL 2001. Medida provisória Nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2001/medidaprovisoria-2186-16-23-agosto-2001-389646-norma-pe.html>. Acesso em: 15 fev. 2021

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a

repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 20 mai. 2015;

BRASIL. Lei nº 9.601, de 21 de janeiro de 1998. Dispõe sobre o contrato de trabalho por prazo indeterminado e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 22 jan. 1998. Seção 1, p. 1.

BRITO, M. R.; SENNA-VALLE, L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 25, n. 2, p. 363-372, 2011.

BURKART, A. Leguminosas. In: Dimitri, M. Enciclopedia Argentina de Agricultura y Jardineria, Tomo I. Descripcion de plantas Cultivadas. Editorial ACME S.A.C.I., Buenos Aires, 467-536. 1987.

CÁMARA-LERET, R. et al. Ethnobotanical knowledge is vastly under-documented in northwestern South America. *PloS one*, v. 9, n. 1, p. e85794, 2014.

CANALES, M. et al. Informant consensus factor and antibacterial activity of the medicinal plants used by the people of San Rafael Coxcatlán, Puebla, México. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 97, n. 3, p. 429-439, 2005.

CERQUEIRA, T. M. G. et al. The use of medicinal plants in Maceió, Northeastern Brazil: an ethnobotanical survey. *Medicines*, v. 7, n. 2, p. 7, 2020.

CHAHAD, A. M. et al. Medicinal plants from the Ouaddaï Province (Chad): An ethnobotanical survey of plants used in traditional medicine. *The journal of alternative and complementary medicine*, v. 21, n. 9, p. 569-577, 2015.

CHRISTO, A. G. et al. Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 20, n. 4, p. 494-501, 2010.

CLARA MILOSKI. Disponível em: < https://claramiloski.pixieset.com/quilomboboaesperanacrialocal/>. Acesso em: 15 nov. 2021

CLÓVIS MOURA. Os Quilombos e a Rebelião Negra (2ª Edição) – Ed. Brasiliense, SP. 1987.

CONAQ. Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos. Disponível em: < http://conaq.org.br/ >. Acesso em 15 set. 2020

CONDE, B. E. et al. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. *PLoS One*, v. 12, n. 11, p. e0187599, 2017.

COOPER, H. Research synthesis and meta-analysis: A step-by-step approach. Sage publications, 2015.

CORRÊA, G. S et al. A questão quilombola na conjuntura atual: conflitos, desafios e r-existências. *Revista da ANPEGE*, v. 16, n. 29, p. 247-282, 2020.

COSTA, E. S. *Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. 2012.

COTTON, C. M.; WILKIE, P. Ethnobotany: principles and applications. Chichester: John Wiley & Sons, 1996.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by "Quilombolas" as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. *Biodiversity and Conservation*, v. 19, n. 1, p. 37-60, 2010.

CRONQUIST, Arthur et al. The evolution and classification of flowering plants. The evolution and classification of flowering plants, 1968.

CUNHA, A. C. M. *Estudo etnobotânico nos quintais da comunidade quilombola de Monte Alegre, Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado) Mestrado Profissional Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais, 2015.

CUNHA, L. V. F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.Quantitative ethnobotany in an Atlantic Forest fragment of Northeastern Brazil–Implications to conservation. *Environmental monitoring and assessment*, v. 114, n. 1, p. 1-25, 2006.

CUNHA, S. T. et al. The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 14, n. 1, p. 84-91, 2012.

DANTAS, J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. *Diversitas Journal*, v. 4, n. 1, p. 39-48, 2019.

DAVID, M.; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. *Interações* (Campo Grande), v. 16, p. 97-108, 2015.

DELFIM, T. F. *Uso e conservação de plantas bioativas em comunidades quilombolas da mesorregião do Sudeste Rio-grandense*. 2019. 91 f. Tese (Doutorado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar) - Faculdade de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

DIAS, P. V. G. Do apagamento à fala pública: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do quilombo da Tapera. 2016. Dissertação de Mestrado.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 176 p. (MMA. Biodiversidade, 4), 2001.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F. da; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; Coordenadoria da Biodiversidade; Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – Universidade de São Paulo, 211 p, 2000.

DIEGUES, A.C.S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo, NUPAUB/ CEMAR/USP, 169p, 1994.

DINIZ, R. F. *Agroecossistemas & Sociobiodiversidade: territorialidades e temporalidades nos Quilombos do Alagadiço, Minas Novas/MG* [travessias...]. 389 f. 2013. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Federal de Minas Gerais–UFMG, Belo Horizonte.

DOS SANTOS, A. B. Colonização, quilombos, modos e significações. Brasília, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

DOS SANTOS, L. L. et al. Caatinga ethnobotany: anthropogenic landscape modification and useful species in Brazil's semi-arid Northeast. *Economic Botany*, v. 63, n. 4, p. 363-374, 2009.

ETKIN, N. L.; TICKTIN, T. Integrating ethnographic and ecological perspectives for ethnopharmacology field research. 2005.

Fabaceae in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB115>. Acesso em: 12 mar. 2021

FERREIRA, A. L. S.; DOS SANTOS BATISTA, C. A.; PASA, M. C. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento–MT, Brasil. *Biodiversidade*, v. 14, n. 1, 2015.

FERREIRA, F. M. C.; LOURENÇO, F. J. C.; BALIZA, D. P. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês, Minas Gerais. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 9, n. 4, p. 205-212, 2014.

FLORA DO BRASIL 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/ >. Acesso em: 13 mar. 2021

FORD, R. I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. Names. *Journal of the American Name Society Postdam*, NY, v. 67, p. 33-49, 1978.

FRANÇA, N. P. *Conservação e desenvolvimento: o caso dos Quilombólas do Campino da Independência (APA de Caicuru-Paraty-RJ)*. Tese (Doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2001.

FRIEDMAN, J., YANIV, Z., DAFNI, A., PALEWITCH, D. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel. *Journal of ethnopharmacology*, v. 16, n. 2-3, p. 275-287, 1986.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: < http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 15 set. 2020.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Use of cultivated and harvested edible plants by Caiçaras—What can ethnobotany add to food security discussions? *Human Ecology Review*, p. 51-73, 2014.

GOMES, C. C. et al. Vinculação genética como ferramenta para titulação das terras remanescentes quilombolas. In: Colloquium Vitae. ISSN: 1984-6436. 2016. p. 68-73.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. *Acta Botanica Brasilica*, v. 26, p. 796-809, 2012.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <http://scholar.google.com.br>. Acesso em 7 jan. 2020

GRAHAM, R. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. Afro-Ásia, n. 27, p. 121-160, 2002.

GUADAGNIN, D. L.; GRAVATO, I. C. Ethnobotany, availability, and use of lianas by the Kaingang people in suburban forests in southern Brazil. *Economic botany*, v. 67, n. 4, p. 350-362, 2013.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. *Acta Botanica Brasilica*, v. 14, n. 3, p. 327-334, 2000.

GUERRÓN MONTERO, C. M. "To Preserve is to Resist": Threading Black Cultural Heritage from within in Quilombo Tourism. *Souls*, v. 19, n. 1, p. 75-90, 2017.

HAMILTON, A. C.; SHENGJI, P.; KESSY, J.; KHAN, A. A.; LAGOS-WITTE, S.; SHINWARI, Z. K. The purposes and teaching of applied ethnobotany. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2003.

HANAZAKI, N. et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity & Conservation*, v. 9, n. 5, p. 597-615, 2000.

HANAZAKI, N. Et al. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo state, Brazil. *Acta botanica brasílica*, v. 20, n. 4, p. 899-909, 2006.

HEINRICH, M. M., ANKLI, A., FREI, B., WEIMANN, C., STICHER, O. Medicinal plants in Mexico: Healers' consensus and cultural importance. *Social science & medicine*, v. 47, n. 11, p. 1859-1871, 1998.

HOFFMAN, B. Drums and arrows: ethnobotanical classification and use of tropical forest plants by a Maroon and Amerindian community in Suriname, with implications for biocultural conservation. 2009.

HORWAT DELAPORTE, R. H. et al. Estudo farmacognóstico das folhas de Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze (Amaranthaceae). *Acta Farm. Bonaerense*, v. 21, n. 3, p. 169-74, 2002.

HOWARD P. *Women and the plant world: An exploration.* In Howard PL (ed) Women and Plants: Gender Relations in Biodiversity Management & Conservation, 1–48. Zed, London, 2003.

HURRELL, J. Urban Ethnobotany in Argentina: Theoretical advances and methodological strategies. *Ethnobiology and Conservation*, v. 3, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Mapa de vegetação do Brasil, 2014. Acesso em: <https://mapas.ibge.gov.br/tematicos/vegetacao>. Acesso em: 4 mai. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: 7 abr. 2020

INCRA. Andamento dos processos, 2019. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/media/docs/quilombolas/andamento_processos.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2020. Disponível em: < https://www.gov.br/incra/pt-br>. Acesso em: 13 mai. 2020.

INCRA. Processos abertos por região, 2018. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/media/docs/quilombolas/processos_abertos.pdf> Acesso em: 15 nov. 2020.

INCRA. Território quilombola de Boa Esperança. Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural. 2018

INMET. INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. 5° Distrito de Meteorologia, 2007. Disponível em: <www.inmet.gov.br>. Acesso em: 06 abr. 2020

INTERNATIONAL PLANT NAMES INDEX. Disponível em: <https://www.ipni.org/>. Acesso em: 15 fev. 2021

IQBAL, Muhammad Sajjad et al. An ethnobotanical study of wetland flora of Head Maralla Punjab Pakistan. *Plos one*, v. 16, n. 10, p. e0258167, 2021.

JACOB, M. C. M.; ARAÚJO DE MEDEIROS, M. F.; ALBUQUERQUE, U. P. Biodiverse food plants in the semiarid region of Brazil have unknown potential: A systematic review. *PloS one*, v. 15, n. 5, p. e0230936, 2020.

KELLERT, S. R. et al. Community natural resource management: promise, rhetoric, and reality. *Society & Natural Resources*, v. 13, n. 8, p. 705-715, 2000.

KFFURI, C. W. et al. Antimalarial plants used by indigenous people of the Upper Rio Negro in Amazonas, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, v. 178, p. 188-198, 2016.

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. 3ª ed. Cortez. São Paulo, Brasil. 240 pp, 2002.

LEITE, I.B. (Org). Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEV, E.; AMAR, Z. Ethnopharmacological survey of traditional drugs sold in Israel at the end of the 20th century. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 72, n. 1-2, p. 191-205, 2000.

LIMA, H. C. & GUEDES-BRUNI, R. R. Diversidade de plantas vasculares na Reserva Ecológica de Macaé de Cima. Serra de Macaé de Cima: Diversidade Florística e Conservação em Mata Atlântica. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 29-39.1997.

LIMA, V. C. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. Corrupio, 2003.

LIPORACCI, H. S. N. et al. Where are the Brazilian ethnobotanical studies in the Atlantic Forest and Caatinga?. *Rodriguésia*, v. 68, n. 4, p. 1225-1240, 2017.

LOMBARDI, J. A.; GONÇALVES, M. Composição florística de dois remanescentes de Mata Atlântica do sudeste de Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 23, n. 3, p. 255-282, 2000.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2ª ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2008.

LUCENA, Camilla Marques et al. Use and knowledge of Cactaceae in Northeastern Brazil. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2013.

MAIOLI-AZEVEDO, V. *Recursos vegetais utilizados pelos quilombolas de Machadinha, Quissamã, RJ*. 2008. 119 f. *Dissertação* (Mestrado). Museu Nacional do Rio de Janeiro, Programa de Pós graduação em Ciências Biológicas (Botânica).

MARQUES, A. P. et al. Fatores associados à hipertensão arterial: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2271-2282, 2020.

MASSAROTTO, N. P. *Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas Kalunga e Urbanas, no nordeste do estado de Goiás-GO*, Brasil. 2009. 140 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências florestais) - Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MEDEIROS F. T. M. *Etnobotânica de Plantas Medicinais na Reserva Particular do Patrimônio Natural de Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ*. Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

MEDEIROS, P. M. et al. The use of medicinal plants by migrant people: adaptation, maintenance, and replacement. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, v. 2012, 2012.

MEDEIROS, P. M.; LADIO A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Patterns of medicinal plant use by inhabitants of Brazilian urban and rural areas: a macroscale investigation based on available literature. *Journal of ethnopharmacology*, v. 150, n. 2, p. 729-746, 2013.

MEDLEY, K. E.; KALIBO, H. W. An ecological framework for participatory ethnobotanical research at Mt. Kasigau, Kenya. *Field Methods*, v. 17, n. 3, p. 302-314, 2005.

MELO, E.; BRAGA, L. História da África e afro-brasileira: Em busca de nossas raízes. Selo Negro. 2014

MÉNDEZ, V. E.; LOK, R.; SOMARRIBA, E. Interdisciplinary analysis of homegardens in Nicaragua: micro-zonation, plant use and socioeconomic importance. *Agroforestry systems*, v. 51, n. 2, p. 85-96, 2001.

MEYER, L.; QUADROS, K. E.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, Brasil. *Revista brasileira de Biociências*, v. 10, n. 3, p. 258, 2012.

MIRANDA, T. M. et al. Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil? *Rodriguésia*, v. 62, n. 1, p. 153-169, 2011.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. *Acta botanica brasílica*, v. 22, n. 1, p. 203-215, 2008.

MOHER, D. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS medicine*, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de biologia e ciências da terra*, v. 7, n. 2, 2007.

MOSSE, D. et al. 'People's knowledge', participation and patronage: operations and representations in rural development. Zed Books, 2001.

MOTA, S. L. L. et al. Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de Quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz-MG. *Revista Cerrados (Unimontes)*, v. 13, n. 1, p. 156-172, 2015.

NASCIMENTO, G. A. R.; BATISTA, M. R. R.; NASCIMENTO, M. A. R. Panorama atual de proteção do direito à terra das comunidades quilombolas e desafios futuros. *Interações (Campo Grande*), v. 17, p. 432-447, 2016.

NETO, F. R. G. et al. Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 16, p. 856-865, 2014.

NEVES, A.M., COSTA, O.S., COUTINHO, M.G.S., SOUZA, E.B., SANTOS, H.S., SILVA, M.G.V., FONTENELLE, R.O.S. Caracterização química e o potencial antimicrobiano de espécies do gênero *Senna* Mill (Fabaceae). *Rev. Virtual Quim*. v. 9, p.2506–2538, 2017.

NIMER, E. Climate. Foundation of the Brazilian Institute of Geography and Statistics–-IBGE Geography of Brazil 1, Northern Region, p. 39-58, 1977.

OBAKIRO, S. B. et al. Ethnobotany, ethnopharmacology, and phytochemistry of traditional medicinal plants used in the management of symptoms of tuberculosis in East Africa: a systematic review. *Tropical medicine and health*, v. 48, n. 1, p. 1-21, 2020.

OLIVEIRA, F. C. et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, L. D. M. Povos e comunidades tradicionais em Minas Gerais: um estudo sobre o acesso a políticas públicas na comunidade quilombola dos Arturos. 2018.

PANERO, J. L. et al. Resolution of deep nodes yields an improved backbone phylogeny and a new basal lineage to study early evolution of Asteraceae. *Molecular phylogenetics and evolution*, v. 80, p. 43-53, 2014.

PANERO, J. L.; CROZIER, B. S. Macroevolutionary dynamics in the early diversification of Asteraceae. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, v. 99, p. 116-132, 2016.

PASA, M. C. et al. Medicinal plants in cultures of Afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*, v. 33, n. 2, p. 340-349, 2019.

PASA, M. C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações* (Campo Grande), v. 11, n. 2, p. 195-204, 2010.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta botânica brasílica*, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PATTON, M. Q. Qualitative evaluation and research methods. SAGE Publications, inc, 1990.

PEEL, M. C.; FINLAYSON, B. L.; MCMAHON, T. A. Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. *Hydrology and earth system sciences*, v. 11, n. 5, p. 1633-1644, 2007.

PENIDO, A. B. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants in Imperatriz, State of Maranhão, Northeastern Brazil. *Acta Amazonica*, v. 46, p. 345-354, 2016.

PERIÓDICOS CAPES. Disponível em: <http://periodicos.capes.gov.br>. Acesso em 7 jan. 2020.

PERONI, N.; BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. Artisanal fishers' ethnobotany: from plant diversity use to agrobiodiversity management. *Environment, Development and Sustainability*, v. 10, n. 5, p. 623-637, 2008.

PHILLIPS, O. et al. Quantitative ethnobotany and Amazonian conservation. *Conservation biology*, v. 8, n. 1, p. 225-248, 1994.

PRABHU, S., VIJAYAKUMAR, S., YABESH, J. M., PRAKASHBABU, R., & MURUGAN, R. (2021). An ethnobotanical study of medicinal plants used in pachamalai hills of Tamil Nadu, India. *Journal of Herbal Medicine*, v. 25, p. 100400, 2021.

QUISUMBING, A. R.; MEINZEN-DICK, R. S. Empowering women to achieve food security. *International Food Policy Research Institute* (IFPRI), 2001.

RAJA, R. Ramasubramania et al. Medicinally potential plants of Labiatae (Lamiaceae) family: an overview. *Research journal of medicinal plant*, v. 6, n. 3, p. 203-213, 2012.

RAPPAPORT, R. A. Ritual and religion in the making of humanity. Cambridge University Press. 1999.

RIBEIRO, R. V. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants used by Ribeirinhos in the North Araguaia microregion, Mato Grosso, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, v. 205, p. 69-102, 2017.

ROCHA, J. A. *Quilombo São José da Serra: o etnoconhecimento na perspectiva socioambiental*. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 16, p. 721-730, 2014.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande–Minas Gerais. *Ciência e Agrotecnologia*, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.

ROMAGNOLO, M. B.; SOUZA, M. C. O gênero *Eugenia* L. (Myrtaceae) na planície de alagável do Alto Rio Paraná, estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, Brasil. Acta *Botanica Brasilica*, v. 20, n. 3, p. 529-548, 2006.

ROSSATO, S. C.; DE LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). *Economic botany*, v. 53, n. 4, p. 387-395, 1999.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. *Acta Amazonica*, v. 42, n. 1, p. 1-10, 2012.

SAUINI, T. et al. Participatory methods on the recording of traditional knowledge about medicinal plants in Atlantic forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil. *PloS one*, v. 15, n. 5, p. e0232288, 2020.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. Ambiente & Sociedade, p. 129-136, 2002.

SCHULTES, R. E.; VON REIS, S. Ethnohotany. Evolution of a Discipline. Portland, Ore: Dioscorides Press, 1995.

SCIENCE DIRECT. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>. Acesso em 7 jan. 2020.

SCOPUS. Disponívem em: <http://www.scopus.com>. Acesso em 7 jan. 2020

SHACKEROFF, J. M.; CAMPBELL, L. M. Traditional ecological knowledge in conservation research: problems and prospects for their constructive engagement. *Conservation and Society*, v. 5, n. 3, p. 343-360, 2007.

SILVA, A. L. et al. Ethnobotany of riverine populations from the Rio Negro, Amazonia (Brazil). *Journal of Ethnobiology*, v. 27, n. 1, p. 46-72, 2007.

SILVA, C. G. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 17, n. 1, p. 133-142, 2015.

SILVA, D. D.; GRÁCIO, M. C. C. Índice h de Hirsch: análise comparativa entre as bases de dados Scopus, Web of Science e Google Acadêmico. *Em Questão*, v. 23, p. 196-212, 2017.

SILVA, J. S. Saber tradicional etnobotânico na comunidade Quilombola do Cedro no Sudoeste de Goiás. *Extensão Rural*, v. 26, n. 2, p. 17-36, 2019.

SILVA, N. C. B. et al. Medicinal plants use in Barra II quilombola community-Bahia, Brazil. *Boletín Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012.

SILVA, V. A.; ANDRADE, L. H. C., ALBUQUERQUE, U. P. Revisiting the Cultural Significance Index: the case of the Fulni-oÃ in Northeastern Brazil. *Field Methods* 18: 98-108, 2006.

SOUZA, A. B. et al. História da educação de negros em Uberlândia: memórias, dilemas e resistências (1950-1970). 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós–Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

SOUZA, B. O. Aquilombar-se: Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro. Brasília, 2008.

SPECIES LINK. Disponível em: <http://www.splink.org.br/>. Acesso em: 15 fev. 2021

STEPP, J. R. Advances in ethnobiological field methods. *Field methods*, v. 17, n. 3, p. 211-218, 2005.

TARDÍO, SANTAYANA, M. Cultural importance indices: a comparative analysis based on the useful wild plants of Southern Cantabria (Northern Spain). *Economic Botany*, v. 62, n. 1, p. 24-39, 2008.

TATAGIBA, S. D.; SOUSA, I. S.; OLIVEIRA, A. E. W. Etnobotânica de plantas medicinais na Região de Integração do Rio Tapajós, Comunidade do Bairro Maria Magdalena, Município de Itaituba, Pará, Brasil. *Biota Amazônia* (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota), v. 9, n. 4, p. 41-49, 2019.

TEFERA, Banchiamlak Nigussie; KIM, Young-Dong. Ethnobotanical study of medicinal plants in the Hawassa Zuria District, Sidama zone, Southern Ethiopia. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 15, n. 1, p. 1-21, 2019.

TERRA DE DIREITOS. "Orçamento para titulação de territórios quilombolas cai mais de 97% em cinco anos". Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/orcamento-para-titulacao-de-territorios-quilombolas-cai-mais-de-97-em-cinco-anos/22824>. Acesso em 9 de nov. 2021.

THE PLANT LIST. Disponível em: <http://www.theplantlist.org/>. Acesso em: 15 fev. 2021

TORRES-AVILEZ, W.; MEDEIROS, P. M.; ALBUQUERQUE, U. P. Effect of gender on the knowledge of medicinal plants: systematic review and meta-analysis. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, v. 2016, 2016.

TRANSPARÊNCIA BRASIL. Direito a terra quilombola em risco: Reconhecimento de territórios tem baixa histórica no governo Bolsonaro, 2021.

TROPICOS. Disponível em: <https://www.tropicos.org/>. Acesso em: 15 fev. 2021

TURNER, N. J.; TURNER, K. L. “Where our women used to get the food”: cumulative effects and loss of ethnobotanical knowledge and practice; case study from coastal British Columbia. *Botany*, v. 86, n. 2, p. 103-115, 2008.

VASCO-DOS-SANTOS et al. Plantas antiparasitárias utilizadas pelos indígenas Kantaruré-Batida (NE-Brasil): Etnobotânica e riscos de erosão dos saberes locais. *Ambiente & Sociedade*, v. 21, 2018.

VASCONCELLOS, M. C. *Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP*. Faculdade de Ciências Agronômicas da Universidade Estadual Paulista, Mestrado em Agronomia, 2004.

VÁSQUEZ, S. P. F.; et al. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.

VAZ, A.M.S.F., LIMA, M.P.M. & MARQUETE, R. *Técnicas e manejo de coleções botânicas*. In: VELOSO, OLIVEIRA FILHO, VAZ, LIMA, MARQUETE & BRAZÃO (Orgs.). Manual Técnico da Vegetação Brasileira: Manuais Técnicos em Geociências 1. Rio de Janeiro: IBGE. p. 55-75. 1992.

VERMA, R. K. An ethnobotanical study of plants used for the treatment of livestock diseases in Tikamgarh District of Bundelkhand, Central India. *Asian Pacific journal of tropical biomedicine*, v. 4, p. S460-S467, 2014.

VIEIRA B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. Averiguação do conhecimento etnobotânico na comunidade rural do Brejal, Distrito de Posse, Petrópolis, Rio De Janeiro. Monografia. 2019. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

VOEKS, R. A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. *Singapore Journal of Tropical Geography*, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007.

WANG YH, WANG C. Common Research Methods of Ethnobotany. Hangzhou: Zhejiang Education Publishing House; 2017.

WEB OF SCIENCE. Disponível em: <http://apps.webofknowledge.com/>. Acesso em 7 jan. 2020.

WECKERLE, C.S. et al. Plant knowledge of the Shuhi in the Hengduan Mountains, southwest China. *Economic Botany*, v. 60, n. 1, p. 3-23, 2006.

WHO. International statistical classification of diseases and related health

WINK, M. Evolution of secondary metabolites in legumes (Fabaceae). South African *Journal of Botany*, v. 89, p. 164-175, 2013.

YAZBEK, P. B. et al. Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey. *Journal of ethnopharmacology*, v. 244, p. 112123, 2019.

ZAMBRANA, N. Y. Paniagua et al. Traditional knowledge hiding in plain sight–twenty-first century ethnobotany of the Chácobo in Beni, Bolivia. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 13, n. 1, p. 1-47, 2017.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. *PloS one*, v. 12, n. 4, p. e0174731, 2017.

APÊNDICE A – Espécies vegetais dos estudos etnobotânicos da região Sudeste do Brasil

Quadro 2 – Espécies de plantas pertencentes aos estudos etnobotânicos realizados em Quilombos da região Sudeste incluídos na meta-análise.

Espécie	E1	E2	E3	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13
Hypoestes phyllostachya Baker	■											
Eranthemum pulchellum Andrews					■						■	
Ruellia simplex C. Wright						■						
Justicia pectoralis Jacq.								■	■			
Justicia brandegeana Wash & L.B.Sm.											■	
Thunbergia alata Bojer ex Sims												■
Sambucus australis Cham. & Schltdl.					■	■						
Sambucus cf. *nigra* L.								■			■	
Agave americana L.											■	
Tetragonia tetragonoides (Pall.) Kuntze					■							
Echinodorus macrophyllus (Kunth) Micheli			■									
Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli	■	■			■		■	■				
Beta vulgaris L.			■		■						■	
Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze	■				■	■	■	■	■		■	
Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin & Clemants	■	■	■	■	■	■	■	■	■		■	
Pfaffia glomerata (Spreng.) Pedersen	■				■			■				
Alternanthera dentata (Moech) Stuchlik ex R.E.Fr.		■			■							
Celosia argentea L.		■				■					■	
Amaranthus viridis L.					■							
Iresine diffusa Humb. & Bonpl. ex Willd.						■					■	

Amaranthus spinosus L.												
Gomphrena globosa L.												
Agapanthus africanus (L.) Hoffmanns.												
Hippeastrum puniceum (Lam.) Voos												
Eucharis grandiflora Planch. & Linden												
Allium sativum L.												
Allium cepa L.												
Allium fistulosum L.												
Crinum erubescens L.f. ex Aiton												
Spondias purpurea L.												
Hippeastrum reginae (L.) Herb.												
Scadoxus multiflorus (Martyn) Raf.												
Hippeastrum hybridum Hort.												
Anacardium humile A. St – Hill.												
Anacardium occidentale L.												
Mangifera indica L.												
Schinus terebinthifolia Raddi												
Spondias dulcis Parkinson												
Astronium graveolens Jacq.												
Spondias tuberosa Arruda												
Spondias venulosa (Mart. ex Engl.) Engl.												
Tapirira guianensis Aubl.												
Annona acutiflora Mart.												
Annona muricata L.												
Guatteria pagonopus Mart.												
Annona dolabripetala Raddi												
Xylopia sericea A. St.-Hil.												

Annona squamosa L.													
Annona mucosa Jacq.													
Guatteria villosissima A. St.-Hil.													
Annona sylvatica A.St.-Hil.													
Xylopia brasiliensis Spreng.													
Annona glabra L.													
Duguetia riedeliana R.E.Fr.													
Guatteria candolleana Schltdl.													
Trigynaea oblongifolia Schltdl.													
Xylopia ochrantha Mart.													
Annona cf *cacans* Warm.													
Arracacia xanthorrhiza Bancr.													
Coriandrum sativum L.													
Daucus carota L.													
Ammi cf *majus* L.													
Anetthum graveolens													
Centella asiatica (L.) Urb.–													
Eryngium foetidum L.													
Foeniculum vulgare Mill													
Petroselinum crispum (Mill.) Nyman ex A.W. Hill													
Pimpinella aromatica M.Bieb.													
Allamanda cathartica L.													
Geissospermum laeve (Vell.) Miers													
Asclepias curassavica L.													
Catharanthus roseus (L.) G. Don													
Allamanda polyantha Mull.Arg.													
Allamanda schottii Pohl													
Hancornia speciosa Gomes													

Himatanthus bracteatus (A.DC.) Woodson												
Merremia tomentosa (Choisy) Hallier f.												
Tabernaemontana laeta Mart.												
Rauvolfia sellowii Müll. Arg.												
Aspidosperma parvifolium A.DC.												
Condylocarpon intermedium Müll. Arg.												
Philodendron pedatum (Hook.) Kunth												
Philodendron cf *pinnatifidum* Schott												
Xanthosoma taioba E.G.Gonc.												
Dieffenbachia picta Schott												
Dieffenbachia seguine (Jacq.) Schott												
Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott												
Colocasia esculenta (L.) Schott												
Pistia stratiotes L.												
Monstera deliciosa Liebm.												
Thaumatophyllum bipinnatifidum (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo												
Syngonium angustatum Schott												
Caladium bicolor (Aiton) Vent.												
Caladium cf l*indenii* (André) Madison												
Philodendron martianum Engl.												
Coco nucifera L.												
Scindapsus Schott												
Anthurium andraeanum Linden ex André												
Dendropanax cuneatum (DC.) Decne.												

& Planch.												
Heptapleurum arboricola Hayata												
Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze												
Bactris gasipaes Kunth												
Bactris setosa Mart.												
Archontophoenix alexandrae (F. Muell.) H. Wendl. & Drude												
Archontophoenix cunninghamiana (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude												
Astrocaryum aculeatissimum (Schott) Burret												
Attalea dubia (Mart.) Burret												
Attalea humilis Mart. ex. Spreng												
Cocos nucifera L.												
Desmoncus polyacanthos Mart.												
Euterpe oleracea Mart.												
Geonoma schottiana Mart.												
Roystonea oleracea (Jacq.) O.F. Cook												
Allagoptera caudescens (Mart.) Kuntze												
Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman												
Euterpe edulis Mart.												
Aristolochia cymbifera Mart. & Zucc.												
Aristolochia triangularis Cham.												
Dracaena zeylanica (L.) Mabb.												
Dracaena trifasciata (Prain) Mabb.												
Furcraea cf. *foetida* (L.) Haw.												
Sansevieria trifasciata Prain												
Sansevieria trifasciata var. laurentii												

(De Wild) N. E. Br.					■							
Sansevieria cylindrica Bojer ex Hook.					■							
Sansevieria hahnii					■							
Aloe vera (L.) Burm.				■							■	■
Dracaena fragrans (L.) Ker Gawl.						■						
Cordyline fruticosa (L.) A.Chev.						■					■	
Ophiopogon japonicus (L.f.) Ker Gawl.						■					■	
Ageratum conyzoides L	■		■	■	■	■	■	■	■			■
Erechtites valerianifolius (Wolf) DC	■							■				
Baccharis dracunculifolia DC.	■		■		■					■		
Baccharis montana DC.					■							
Bidens pilosa L.	■		■	■	■	■	■	■		■		
Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	■			■	■	■		■			■	
Tithonia diversifolia (Hemsl.) A.Gray–	■					■						
Elephantopus mollis Kunth	■		■									
Mikania cf. *glomerata* Spreng	■		■		■		■					
Mikania laevigata Sch.Bip. ex Baker	■							■				
Vernonanthura beyrichii (Less.) H.	■							■				
Achillea millefolium L.	■		■		■	■		■		■	■	■
Achyrocline flaccida (Weinm.) DC.	■											
Cyrtocymura scorpioides (Lam.) H. Rob.	■											
Chaptalia nutans (L.) Pol	■											
Acanthospermum australe (Loefl.)Kuntze		■			■							
Achyrocline satureioides (Lam.) DC.		■			■		■			■		■
Arnica montana L.										■		■
Artemisia absinthium L.		■				■				■		
Bidens gardneri Baker		■										

Cabobanthus polysphaerus (Baker) H.Rob.												
Chromolaena maximilianii(Schrader ex DC)												
Gochnatia polymorpha (Less.) Cabrera												
Matricaria recutita L.												
Pluchea sagittalis (Lam.) Cabrera												
Tagetes patula L.												
Vernonia polyanthes Less.												
Porophyllum ruderale (Jacq.) Cass.												
Lactuca sativa L.												
Cichorium intybus L.												
Cichorium endivia L.												
Cosmos sulphureus Cav.												
Matricaria chamomilla L.												
Baccharis crispa Spreng.												
Moquiniastrum polymorphum (Less.) G. Sancho												
Solidago chilensis Meyer.												
Tanacetum vulgare L.												
Taraxacum officinale F.H. Wigg.												
Tagetes erecta L.												
Zinnia elegans Jacq.												
Artemisia vulgaris L.												
Baccharis coridifolia DC.												
Baccharis pingraea DC.												
Eremanthus erythropappus (DC.) MacLeish.												
Mikania hirsutissima var. *ursina* Baker												
Mikania cordifolia (L.f.) Willd.												

Piptocarpha axillaris (Less.) Baker												
Emilia sonchifolia (L.) DC.												
Gamochaeta pensylvanica (Willd.) Cabrera												
Montanoa bipinnatifida (Kunth) K.Koch												
Acmella ciliata (Kunth) Cass.												
Conyza cf. *canadensis* (L.) Cronquist												
Piptocarpha brasiliana Cass.												
Helianthus annuus L.												
Baccharis L. Sect. *Caulopterae* DC.												
Vernonanthura polyanthes (Sprengel) Vega & Dematteis												
Sonchus oleraceus L.												
Tanacetum parthenium (L.) Sch. Bip.												
Impatiens walleriana Hook. f.												
Impatiens balsamina L.												
Basella alba L.												
Anredera cordifolia (Ten.) Steenis												
Begonia fischeri Schrank												
Handroanthus albus (Cham.) Mattos												
Cybistax antisyphilitica (Mart.) Mart.												
Jacaranda cuspidifolia Mart.												
Jacaranda puberula Cham.												
Mansoa alliacea (Lam.) A.H.Gentry												
Sparattosperma leucanthum (Vell.) K. Schum.												
Tynanthus cognatus (Cham.) Miers												
Zeyheria tuberculosa (Vell.) Bureau												

Handroanthus chrysotrichus (Mart. ex A. DC.) Mattos												
Jacaranda caroba (Vell.) DC.												
Jacaranda macrantha Cham.												
Pyrostegia venusta (Ker Gawl.) Miers												
Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos												
Fridericia chica (Bonpl.) L. G.Lohmann												
Bignonia sciuripabulum (K.Schum.) L.G.Lohmann												
Amphilophium frutescens (DC.) L.G.Lohmann												
Jacaranda jasminoides (Thunb.) Sandwith												
Amphilophium crucigerum (L.) L.G.Lohmann												
Tabebuia cassinoides DC.												
Fridericia platyphylla (Cham.) L.G.Lohmann												
Bixa orellana L.												
Varronia curassavica Jacq.												
Cordia trichoclada DC.												
Heliotropium indicum L.												
Myriopus paniculatus (Cham.) Feuillet												
Coronopus dydimus L.												
Brassica oleracea L.												
Brassica oleracea var. *capitata* L.												
Brassica oleracea var. *Italica* Plenck												
Eruca vesicaria (L.) Cav.												
Coronopus didymus (L.) Sm.												

Brassica rapa L.												
Brassica rapa var *pekinensis* (Lour.) Hanelt												
Nasturtium officinale W.T.Aiton												
Sinapis alba L.												
Ananas comosus (L.) Merr.												
Ananas comosus var. *bracteatus* (Lindl.) Coppens & F.Leal												
Bromelia antiacantha Bertol.												
Aechmea nudicaulis (L.) Griseb.												
Neoregelia cruenta (Graham) L.B. Sm.												
Vriesea carinata Wawra												
Protium heptaphyllum (Aubl.) Marchand												
Pereskia aculeata (Plum.)Mill.												
Rhipsalis clavata F.A.C. Weber												
Schlumbergera truncata (Haw.) Moran												
Brasiliopuntia brasiliensis (Willd.) A.Berger												
Pilosocereus arrabidae (Lem.) Byles & G.D.Rowley												
Rhipsalis baccifera (J.S.Muell.) Stearn												
Terminalia catappa L.												
Senna alexandrina Mill.												
Senna occidentalis (L.) Link												
Senna multijuga (Rich.)H.S.Irwin & Barneby												
Senna sulfurea (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby												
Hippobroma longiflora (L.) G.Don												
Lobelia fistulosa Vell.												

Trema micrantha (L.) Blume												
Canna cf *limbata* Roscoe												
Canna indica L.												
Monilicarpa brasiliana (Banks ex DC.) Cornejo & Iltis												
Cynophalla flexuosa (L.) J.Presl												
Carica papaya L.												
Jacaratia heptaphylla (Vell.) A. DC.												
Caryocar brasiliense Wittm.												
Monteverdia ilicifolia (Mart. ex Reissek) Biral												
Monteverdia ilicifolia (Mart. ex Reissek) Biral												
Maytenus ilicifolia Mart. Ex Reiss.												
Couepia monteclarensis Prance												
Hirtella racemosa Lam.												
Licania hoehnei Pilg.												
Garcinia gardneriana (Planch. & Triana) Zappi												
Garcinia mangostana L.												
Clusia fluminensis Planch. & Triana												
Garcinia brasiliensis Mart.												
Connarus perrottetii (DC.) Planch												
Connarus suberosus Planch.												
Ipomoea batatas (L.) Lam.												
Ipomoea purga (Wender.) Hayne												
Cuscuta obtusiflora Kunth												
Cuscuta racemosa Mart.												
Ipomoea carnea Jacq.												
Callisia cf *repens* (Jacq.) L.												

Commelina erecta L.												
Commelina obliqua Vahl												
Costus arabicus L.												
Costus spiralis (Jacq.) Roscoe												
Costus spicatus (Jacq.) Sw.												
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw.												
Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken												
Cotyledon orbiculata L.												
Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers.												
Kalanchoe blossfeldiana Poelln.												
Kalanchoe fedtschenkoi Raym.-Hamet & H. Perrier												
Kalanchoe tubiflora (Harv.) Raym.-Hamet												
Lagenaria siceraria (Molina) Standl.												
Sicyos edulis Jacq.												
Cayaponia cf. *tayuya* (Vell.) Cogn												
Cucurbita pepo L.												
Cucumis anguria L.												
Cucumis sativus L.												
Cucumis melo L.												
Luffa cylindrica (L.) M. Roem.												
Citrullus lanatus (Thunb.) Matsum. & Nakai												
Momordica charantia L.												
Cucurbita cf. *maxima* Duchesne ex Lam.												
Luffa operculata (L.) Cogn.												
Thoracocarpus bissectus (Vell.)												

Harling												
Cyperus pedunculatus (R.Br.) J.Kern												
Davallia solida var. *fejeensis* (Hook.) Noot.												
Pteridium aquilinum (L.) Kuhn												
Stephanopodium blanchetianum Baill.												
Davilla rugosa Poir.												
Dioscorea alata L.												
Diospyros kaki L. f.												
Equisetum giganteum L.												
Erythroxylum vacciniifolium Mart.												
Erythroxylum pulchrum A. St.-Hil.												
Croton glandulosus Vell.												
Croton floribundus Spreng.												
Croton antisyphiliticus Mart.												
Acalypha wilkesiana Müll.Arg.												
Alchornea cf *glandulosa* Poepp.												
Euphorbia pulcherrima Willd. ex Klotzsch												
Breynia disticha J.R.Forst. & G.Forst.												
Codiaeum variegatum (L.) Rumph. ex A.Juss.												
Joannesia princeps Vell.												
Pera glabrata (Schott) Baill.												
Manihot esculenta Crantz												
Jatropha multifida L.												
Jatropha gossypiifolia L.												
Ricinus communis L.												
Euphorbia cotinifolia L.												

Jatropha curcas L.												
Alchornea triplinervia (Spreng.) Mull. Arg.												
Euphorbia heterophylla												
Euphorbia prostrata Aiton												
Croton urucurana Baill.												
Maprounea guianensis Aubl.												
Sapium glandulosum (L.) Morong												
Euphorbia thymifolia L.												
Euphorbia tithymaloides L.												
Actinostemon klotzschii (Didr.) Pax												
Actinostemon concolor (Spreng.) Müll Arg.												
Actinostemon verticillatus (Klotzsch) Baill.												
Alchornea glandulosa subsp. *iricurana* (Casar.) Secco												
Pachystroma longifolium (Nees) I.M.Johnst.												
Gymnanthes nervosa Müll.Arg.												
Senefeldera verticillata (Vell.) Croizat												
Cajanus cajan (L.) Huth												
Swartzia cf. *oblata* R.S.Cowan												
Hymenaea cf. *altissima* Ducke												
Andira fraxinifolia Benth												
Albizia pedicellaris (DC.) L.Rico												
Dalbergia nigra (Vell.) Allemão ex Benth.												
Inga capitata Desv.												
Machaerium gracile Benth.												
Machaerium uncinatum (Vell.) Benth												

Melanoxylon brauna Schott												
Mucuna pruriens (L.) D.C. var. Utilis												
Plathymenia reticulata Benth												
Pterodon emarginatus Vogel												
Vataireopsis araroba (Aguiar) Ducke												
Zornia latifolia Sm.												
Tamarindus indica L.												
Inga edulis Mart.												
Phaseolus vulgaris L.												
Mimosa pudica L.												
Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville												
Arachis hypogaea L.												
Delonix regia (Bojer ex Hook.) Raf.												
Desmodium adscendens (Sw.) DC.												
Desmodium barbatum (L.) Benth.												
Dimorphandra gardneriana Tul.												
Andira anthelmia (Vell.) Benth.												
Bauhinia forficata Link												
Bauhinia variegata L.												
Paubrasilia echinata (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis												
Dalbergia hortensis Heringer, Rizzini & A.Mattos												
Machaerium isadelphum (E.Mey.) Amshoff												
Machaerium nyctitans Benth (Vell.)												
Machaerium villosum Vogel												
Machaerium debile (Vell.) Stellfeld												

Machaerium scleroxylon Tul.												
Platypodium elegans Vogel												
Senna macranthera (Collad.) H.S.Irwin & Barneby												
Stryphnodendron polyphyllum Mart.												
Barnebydendron riedelii (Tul.) J.H. Kirkbr.												
Schnella radiata (Vell.) Trethowan & R. Clark												
Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz												
Copaifera lucens Dwyer												
Hymenaea rubriflora Ducke												
Poeppigia procera (Poepp. ex Spreng.) C.Presl												
Schizolobium parahyba (Vell) Blake												
Senna appendiculata (Vogel) Wiersema												
Albizia polycephala (Benth.) Killip. ex. Record												
Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan												
Chloroleucon tortum (Mart.)Pitter												
Inga laurina (Sw.) Willd.												
Inga lenticellata Benth.												
Inga subnuda Salzm. ex Benth. subsp. *luschnathiana* (Benth.) T.Penn												
Mimosa schomburgkii Benth.												
Mimosa bimucronata (DC.) Kuntze												
Parapiptadenia pterosperma (Bojer.)												

Brenan												
Piptadenia paniculata Benth.												
Pseudopiptadenia contorta (DC.) G.P. Lewis & M.P.Lima												
Senegalia polyphylla (DC.) Britton & Rose												
Acosmium lentiscifolium Schott.												
Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.												
Andira legalis (Vell.) Toledo												
Andira nitida Mart. ex Benth.												
Cratylia isopetala (Lam.) L.P.Queiroz												
Centrolobium sclerophyllum H.C.Lima												
Centrolobium tomentosum Guillemin ex Benth.												
Dalbergia frutescens (Vell.) Britton												
Exostyles venusta Schott												
Grazielodendron rio-docensis H.C.Lima												
Machaerium cf *aculeatum* Raddi												
Machaerium cantarellianum Hoehne												
Machaerium condensatum Kuhlm. & Hoehne												
Machaerium hirtum (Vell.) Stellfeld												
Machaerium incorruptibile (Vell.)Benth.												
Machaerium brasiliense Vogel												
Martiodendron mediterraneum (Mart. ex Benth.) R. Koeppen												
Melanoxylum brauna Schott.												

Myroxylon peruiferum L. f.												
Ormosia arborea (Vell.) Harms												
Platymiscium floribundum Vog.												
Pterocarpus rohrii Vahl												
Swartzia acutifolia Vog.												
Swartzia apetala var. *glabra* (Vogel) R.S.Cowan												
Swartzia flaemingii Raddi												
Swartzia myrtifolia var. elegans (Schott) R.S.Cowan												
Sweetia fruticosa Spreng.												
Zollernia glabra (Spreng.) Yakovlev												
Erythrina speciosa And.												
Pelargonium graveolens L'Hér.												
Episcia reptans Mart.												
Vismia martiana Reichardt												
Vismia brasiliensis Choisy												
Hypoxis decumbens L.												
Eleutherine bulbosa (Mill.) Urb.												
Leucas martinicensis (Jacq.) R.Br.												
Mentha pulegium L.												
Ocimum campechianum Mill.												
Ocimum gratissimum L.												
Ocimum americanum L.												
Aegiphila integrifolia (Jacq.) Moldenke												
Glechoma hederacea L.												
Leonotis nepetifolia (L.) R. Br.												
Leonurus sibiricus L.												
Mentha spicata L.												
Melissa officinalis L.												

Ocimum basilicum L.												
Coleus amboinicus Lour.												
Coleus comosus Hochst. ex Gürke												
Coleus barbatus (Andrews) Benth. ex G.Don												
Coleus scutellarioides (L.) Benth.												
Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng.												
Plectranthus barbatus Andrews												
Salvia rosmarinus Spenn.												
Salvia officinalis L.												
Mentha arvensis L.												
Mentha x *villosa* Huds.												
Mentha suaveolens Ehrh.												
Ocimum carnosum (Spreng.) Link & Otto ex Benth.												
Mentha piperita L.												
Plectranthus ornatus Codd												
Mesosphaerum suaveolens (L.) Kuntze												
Mentha x *piperita* L. var. citrata (Ehrh.) Briq.												
Origanum majorana L.												
Hyptidendron asperrimum (Sprengel) Harley												
Hyptis radicans (Pohl) Harley & J.F.B.Pastore												
Salvia splendens Sellow ex Nees												
Persea americana Mill.												
Laurus nobilis L.												
Ocotea longifolia Kunth												
Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer												

Cinnamomum verum J. Presl												
Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F.Macbr.												
Nectandra oppositifolia Nees & Mart.												
Ocotea puberula (Rich.) Nees												
Cryptocarya mandioccana Meisn.												
Cryptocarya saligna Mez												
Nectandra puberula (Schott) Nees.												
Ocotea notata (Nees & Mart.) Mez												
Ocotea glauca (Nees & Mart.) Mez												
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze												
Cariniana legalis (Mart.) Kuntze												
Eschweilera ovata (Cambess.) Mart. ex Miers												
Couratari pyramidata (Vell.) Kunth												
Lecythis lurida (Miers.)S.A.Mori												
Lecythis pisonis Cambess.												
Allium schoenoprasum L.												
Buddleja stachyoides Cham. & Schltdl.												
Verbascum thapsus L.												
Strychnos pseudoquina A.St.-Hil.												
Strychnos trinervis (Vell.) Mart.												
Struthanthus marginatus (Desr.) Blume												
Lygodium volubile Sw.												
Cuphea carthagenensis (Jacq.) J.F. Macbr.												
Cuphea racemosa (L.f.) Spreng.												
Lafoensia pacari A.St.-Hil.												
Punica granatum L.												
Byrsonima sericea DC.												

Byrsonima crassifolia (L.) Kunth												
Malpighia glabra L.												
Malpighia emarginata DC.												
Heteropterys coleoptera A. Juss.												
Heteropterys nitida (Lamarck) DC.												
Abelmoschus esculentus (L.) Moench												
Pachira glabra Pasq.												
Gossypium hirsutum L.												
Abelmoschus caillei (A.Chev.) Stevels												
Theobroma cacao L.												
Waltheria communis A.St.-Hil.												
Pachira aquatica Aubl.												
Hibiscus acetosella Welw. ex Hiern												
Hibiscus syriacus L.												
Malvaviscus arboreus Dill. ex Cav.												
Malvaviscus Fabr.												
Malvastrum coromandelianum (L.) Garcke												
Hibiscus mutabilis L.												
Hibiscus sabdariffa L.												
Malva cf *sylvestris* L.												
Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna												
Sida acuta Burm.f.												
Sida rhombifolia L.												
Sida planicaulis Cav.												
Eriotheca pentaphylla (Vell.) A. Robyns.												
Quararibea turbinata (Sw.) Poir.												
Pterygota brasiliensis All.												
Luehea ochrophylla Mart.												

Maranta arundinacea L												
Goeppertia ornata (Lem.) Borchs. & Suárez												
Miconia albicans (Sw.) Triana												
Miconia cinnamomifolia (DC.) Naud.												
Pleroma heteromallum (D.Don) D.Don												
Leandra nianga (DC.) Cogn.												
Leandra sericea DC.												
Miconia cubatanensis Hoehne												
Pleroma granulosum (Desr.) D. Don												
Pleroma semidecandrum (Schrank et Mart. ex DC.) Triana												
Pleroma gaudichaudianum (DC.) A.Gray												
Pleroma raddianum (DC.) Gardner												
Cabralea canjerana (Vell.) Mart.												
Cedrela fissilis Vell.												
Guarea macrophylla Vahl.												
Melia azedarach L.												
Trichilia silvatica C.DC.												
Guarea guidonia (L.) Sleumer												
Trichilia casaretti C. DC.												
Trichilia cf. *elegans* A. Juss.												
Trichilia martiana C. DC.												
Trichilia pallens C. DC.												
Trichilia pseudostipulares (A. Juss.) DC.												
Abuta sellowiana Eicher												
Chondodendron platiphelum (A. St.-Hil.) Miers												

Cissampelos pareira L.												
Chondodendron platyphyllum Miers												
Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F.Macbr.												
Peumus boldus Molina												
Morus nigra L.												
Artocarpus communis J.R. Forst. & G. Forst.												
Artocarpus integrifolia L.f.												
Brosimum glaziovii Taub.												
Ficus clusiaefolia Summ.												
Artocarpus heterophyllus Lam.												
Ficus carica L.												
Dorstenia brasiliensis Lam.												
Dorstenia cayapia subsp. *asaroides* (Hook.) C.C.Berg												
Artocarpus altilis (Parks) Fosberg												
Ficus elastica Roxb.												
Ficus cyclophylla (Miq.) Miq.												
Ficus crocata (Miq.) Miq												
Musa x *paradisiaca* L.												
Musa sinensis L.												
Musa cavendishii var. *nanicao* Lamb.												
Virola surinamensis (Rol. Ex Rottb.) Warb.												
Myristica fragrans Houtt.												
Eugenia dysenterica DC.												
Eugenia malaccensis L.												
Eugenia uniflora L												
Eugenia brasiliensis Lam.												

Psidium guajava L.												
Plinia edulis (Vell.) Sobral												
Eugenia candolleana DC.												
Myrcia splendens (Sw.) DC.												
Plinia cauliflora (DC.)Kausel												
Psidium guineense Sw.												
Syzygium cumini (L.) Skeels												
Syzygium malaccense (L.) Merr. & L.M. Perry												
Plinia peruviana (Poir.) Govaerts												
Syzygium jambos (L.) Alston												
Eucalyptus globulus Labill.												
Psidium cattleyanum Sabine												
Myrciaria cf *cauliflora* (Mart.) O. Berg												
Myrcia guianensis (Aubl.) DC.												
Myrcia perforata O.Berg												
Myrcia loranthifolia (DC.) G.P.Burton & E.Lucas												
Eugenia cf. *bahiensis* DC.												
Eugenia punicifolia (Kunth) DC.												
Eugenia repanda O. Berg.												
Eugenia astringens Cambess.												
Eugenia villaenovae Kiaersk.												
Myrcia neodimorpha E.Lucas & C.E.Wilson												
Myrcia amazonica DC.												
Myrciaria floribunda (H.West ex Willd.) O.Berg												
Myrciaria tenella (DC.) O. Berg												
Neomitranthes obscura (DC.) N.												

Silveira												
Myrcia spectabilis DC.												
Campomanesia xantocarpa O. Berg.												
Mirabilis jalapa L.												
Bougainvillea spectabilis Willd.												
Bougainvillea glabra Choisy												
Guapira opposita (Vell.) Reitz												
Neea cf. *verticillata* Ruiz & Pav.												
Ouratea cuspidata (A.St.-Hil.) Engl.												
Heisteria silviani Schwacke												
Olea europaea L.												
Ludwigia octovalvis (Jacq.) P.H. Raven												
Averrhoa bilimbi L.												
Averrhoa carambola L.												
Passiflora edulis Sims												
Passiflora alata Curtis												
Passiflora amethystina J.C.Mikan												
Passiflora mucronata Lam.												
Turnera subulata Sm.												
Phyllanthus amarus Schumach. & Thonn.												
Phyllanthus niruri L												
Phyllanthus tenellus Roxb.												
Gallesia integrifolia (Spreng.) Harms												
Petiveria alliacea L.												
Petiveria tetranda B.A.Gomes												
Phytolacca thyrsiflora Fenzl ex Schmidt												
Piper mollicomum Kunth												

Piper scutifolium Yunck.												
Piper anisun (Spreng.) Angely												
Piper nigrum L.												
Piper umbellatum L.												
Piper aduncum L.												
Pothomorphe umbellata (L.) Miq.												
Peperomia glabella (Sw.) A.Dietr.												
Piper arboreum Aubl.												
Piper arboreum var. *falcifolium* (Trel.) Yunck.												
Piper miquelianum C. DC.												
Pinus elliottii Engelm.												
Plantago australis Lam.												
Plantago major L.												
Scoparia dulcis L.												
Zea mays L.												
Cymbopogon winterianus Jowitt ex Bor												
Arundo donax L.												
Bambusa gracilis L.												
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf												
Cymbopogon densiflorus (Steud.) Stapf.												
Cymbopogon nardus (L.) Rendle												
Digitaria insularis.(L.) Fedde												
Guadua macrostachya Rupr.												
Phalaris canariensis L.												
Saccharum officinarum L.												
Oryza sativa L.												
Coix lacryma- jobi L.												

Imperata brasiliensis Trin.												
Merostachys skvortzovii Sendulsky												
Melinis minutiflora P. Beauv												
Urochloa plantaginea (Link) R.D.Webster												
Cenchrus americanus (L.) Morrone												
Polygala paniculata L.												
Coccoloba arborescens (Vell.) R.A. Howard												
Coccoloba alnifolia Casar.												
Polygon spectabilis L.												
Polygonum hydropiperoides Michx.												
Rumex acetosa L.												
Rumex obtusifolius L.												
Phlebodium decumanum (Willd.)J.Sm.												
Portulaca oleracea L.												
Portulaca grandiflora Hook.												
Myrsine umbellata Mart.												
Myrsine guianensis (Aubl.) Kuntze												
Myrsine parvifolia A. DC.												
Myrsine coriacea (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.												
Roupala montana var. *brasiliensis* (Klotzsch) K.S.Edwards												
Adiantum raddianum C. Presl												
Hovenia dulcis Thunb.												
Rosa alba L.												
Rosa × *centifolia* L.												
Rosa spinosissima L.												
Rubus brasiliensis Mart.												

Prunus domestica L.												
Rubus rosifolius Sm.												
Rubus sellowii Cham & Schldt.												
Malus x *cutivar*												
Fragaria vesca L.												
Prunnus persica Batsch												
Rosa chinensis Jacq.												
Rhaphiolepis bibas (Lour.) Galasso & Banfi												
Borreria verticillata (L.) G. Mey.												
Genipa americana L.												
Ixora coccinea L.												
Morinda citrifolia L.												
Citrus reticulata Blanco												
Pilocarpus microphyllus Stapf ex Wardleworth												
Coffea arabica L.												
Galianthe brasiliensis (Spreng.) E.L. Cabral & Bacigalupo												
Richardia brasiliensis Gomes												
Alseis floribunda Schott												
Alseis pickelii Pilger & Schmale												
Amaioua intermedia Mart. ex Schult. & Schult.f.												
Bathysa australis (A.St.-Hil.) K.Schum.												
Coutarea hexandra (Jacq.) K. Schum.												
Gardenia jasminoides J. Ellis												
Ladenbergia hexandra (Pohl) Klotzsch												
Simira grazielae Peixoto												
Simira rubra (Mart.) Steyerm.												

Tocoyena bullata (Vell.) Mart.												
Palicourea coriacea (Cham.) K. Schum.												
Palicourea rigida Kunth.												
Citrus x *limon* (L.) Osbeck												
Zanthoxylum caribaeum Lam.												
Zanthoxylum rhoifolium Lam.												
Dictyoloma vandellianum A.Juss.												
Citrus sinensis (L.)Osbeck												
Citrus aurantium L.												
Murraya paniculata (L.) Jack												
Ruta graveolens L.												
Citrus limonia Osbeck												
Citrus medica L.												
Citrus aurantiifolia (Christm.) Swingle												
Esenbeckia febrifuga (A.St.-Hil.) A.Juss. ex Mart.												
Esenbeckia leiocarpa Engl.												
Rauia resinosa Ness & Mart.												
Casearia commersoniana Cambess.												
Casearia grandiflora Camb.												
Casearia sylvestris Swartz												
Casearia arborea (Rich.) Urb.												
Casearia lasiophylla Eichler												
Casearia luetzelburgii Sleumer												
Cupania oblongifolia Mart.												
Cupania ludowigii Somner & Ferrucci												
Cupania vernalis Cambess.												
Allophylus edulis (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.												
Cupania emarginata Cambess.												

Cupania racemosa (Vell.) Radlk.												
Dilodendron bipinnatum Radlk.												
Serjania salzmanniana Schltr.												
Serjania caracasana (Jacq.) Willd.												
Paullinia pseudota Radlk.												
Paullinia cupana Kunth												
Melicoccus oliviformis subsp. intermedius (Radlk.) Acev.-Rodr.												
Talisia coriacea Radlk.												
Litchi chinensis Sonn.												
Pouteria caimito (Ruiz & Pav.) Radlk.												
Sideroxylon obtusifolium (Roem. & Schult.) T.D.Penn												
Chrysophyllum aff. *flexuosum* Mart.												
Chrysophyllum lucentifolium Cronquist.												
Diploon cuspidatum (Hoehne) Cronquist.												
Manilkara subsericea (Mart.)Dubard.												
Pouteria psammophila (Mart.) Radlk												
Hydrangea macrophylla (Thunb.)Ser.												
Schoepfia brasiliensis A.DC.												
Homalolepis cuneata (A.St.-Hil. & Tul.) Devecchi & Pirani												
Homalolepis subcymosa (A.St.-Hil. & Tul.) Devecchi & Pirani												
Simarouba amara Aubl.												
Siparuna brasiliensis (Spreng.) A.DC												
Siparuna guianensis Aubl.												
Smilax brasiliensis Spreng.												

Smilax rufescens Griseb.									■			
Solanum scuticum M.Nee	■											
Solanum americanum Mill.	■				■		■					
Solanum aculeatissimum Jacq.					■							
Solanum alternatopinnatum Steud.					■							
Solanum capsicoides All.	■					■		■			■	
Solanum wacketii Witasek											■	
Solanum sessiliflorum Dunal	■											
Capsicum baccatum L.		■			■	■					■	
Solanum pseudoquina A. St.-Hil.		■				■						
Solanum tuberosum L.		■	■									
Solanum lycopersicum L.			■								■	
Solanum aethiopicum L.			■		■						■	
Solanum cernuum Vell.			■		■	■						
Solanum melongena L.			■									
Solanum mauritianum Scop.										■		
Solanum nigrum L.										■		
Solanum paniculatum L.				■		■	■				■	
Nicotiana tabacum L.					■	■					■	
Brunfelsia uniflora (Pohl) D. Don						■						
Capsicum annuum L.					■	■					■	
Capsicum frutescens L.						■					■	
Capsicum chinense Jacq.						■						
Solanum pimpinellifolium L.					■	■	■					
Iochroma arborescens (L.) J.M.H. Shaw					■		■					
Athenaea tomentosa (Sendtn.) I.M.C.Rodrigues & Stehmann							■					
Capsicum baccatum var. *praetermissum* (Heiser & P.G. Sm.)							■					

Hunz.													
Capsicum baccatum var. *pendulum* (Willd.) Eshbaugh													
Solanum lycocarpum A. St.-Hil.													
Solanum caavurana Vell.													
Solanum depauperatum Dunal.													
Capsicum flexuosum Sendtn.													
Macrothelypteris torresiana (Gaudich.) Ching													
Luehea cf *divaricata* Mart.													
Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn.													
Trigoniodendron spiritusanctense E.F. Guim. & Miguel													
Typha domingensis Pers.													
Urera nitida (Vell.) P.Brack													
Cecropia glaziovii Snethl.													
Cecropia hololeuca Miq.													
Cecropia pachystachya Trécul													
Boehmeria caudata Sw.													
Urera baccifera (L.) Gaudich. ex Wedd.													
Urera caracasana (Jacq.) Griseb.													
Pilea microphylla (L.) Liebm.													
Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl													
Stachytarpheta jamaicensis (L.) Vahl.													
Lippia alba (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson													
Aloysia gratissima (Gillies & Hook.) Tronc.													
Lippia origanoides Kunth													

Lantana camara L.												
Duranta erecta L.												
Verbena officinalis L.												
Anchietea pyrifolia (Mart.) G.Don												
Pombalia calceolaria (L.) Paula-Souza												
Rinorea laevigata (Sol. ex Ging.) Hekking												
Cissus verticillata (L.) Nicolson & C.E. Jarvis												
Vitis vinifera L.												
Vochysia oppugnata (Vell.) Warm.												
Qualea grandiflora Mart.												
Aloe spicata L. f.												
Aloe arborescens Mill.												
Xyris laxifolia var. *Laxifolia*												
Alpinia zerumbet (Pers.) B.L.Burtt & R. M.Sm												
Duranta erecta L.												
Renealmia petasites Gagnep.												
Renealmia chrysotricha Petersen												
Zingiber officinale Roscoe												
Curcuma longa L.												
Hedychium coronarium J.Koenig												
Drimys brasiliensis Miers												

Legenda – Células em verde indicam a presença da espécie no estudo.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado para a realização do estudo no Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "Conhecimento tradicional e uso de plantas em comunidades quilombolas do Sudeste do Brasil", conduzida por Bruna Benazi Vieira. Este estudo tem por objetivo contribuir para o conhecimento da diversidade de plantas medicinais, alimentícias e alimentícias não convencionais nas comunidades Quilombolas da Tapera e Boa Esperança, estabelecendo as relações destas com os recursos vegetais e fornecendo dados para a conservação da Mata Atlântica. Com isto pretendemos fornecer dados que auxiliem na conservação da diversidade vegetal local, viabilizando o manejo adequado e uso sustentado dos recursos vegetais.

Você foi selecionado(a) por meio da técnica de rede, conhecida como "Amostragem Bola de Neve", para a escolha dos informantes. Após estabelecer o contato, será realizada uma entrevista por meio de roteiro com perguntas pré-elaboradas. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A sua participação não será remunerada e não implicará em gastos. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. O contato com os participantes pode gerar desconforto ou incômodo, sendo assim, quaisquer decisões referentes a não participação do indivíduo na pesquisa serão respeitadas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas que serão realizadas de forma oral e individualmente às famílias dos quilombos da Tapera e Boa Esperança em seus domicílios e durante uma turnê guiada pelo quilombo. Serão realizadas um total de 30 entrevistas feitas pela pesquisadora, as quais serão registradas por meio do áudio para facilitar a transcrição dos dados. O material botânico será fotografado, coletado, herborizado e depositado nos Herbários da UERJ (HB) e UFRRJ (RBR).

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado, a pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios

acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Todo resultado da pesquisa será disponibilizado para a comunidade entrevistada, conforme a Lei nº 13.123 de novembro de 2015.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Bruna Benazi Vieira, Gestora Ambiental

e-mail: bruna.benazi@gmail.com

celular: (24) 99200-6505

telefone:2252-0839

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____

Nome do(a) participante: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE C – Questionário efetuado ao Quilombo Boa Esperança, Areal, Rio de Janeiro, Brasil.

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

CPF:

Gênero:

Escolaridade:

Descendência:

II - QUESTIONÁRIO

1. Há quanto tempo mora no quilombo?

2. Tem alguma planta ou parte de uma, que a família consome. Se sim, quais são?

3. Caso consuma, esse conhecimento foi adquirido de que forma?

4. O conhecimento sobre o uso das plantas de uso humano ainda é repassado entre as gerações familiares? E os jovens da comunidade se interessam pelas plantas e seus usos?

5. Você considera que o uso e conhecimento sobre as plantas permace o mesmo, diminuiu ou aumentou com o tempo? Porquê?

6. Para você e sua família, qual a importância em continuarem usando essas plantas ou ter informações delas para a comunidade?
7. O que você espera que este trabalho forneça para vocês?